



BRADLEY BOOTH

# Milagres do Manto

AS AVENTURAS DO GAROTO QUE SEGUIA O PROFETA

BRADLEY BOOTH

# *Milagres do Manto*

AS AVENTURAS DO GAROTO QUE SEGUIA O PROFETA

*Tradução*  
*Carla Nogueira Modzeieski*

Casa Publicadora Brasileira  
Tatuí, SP



Título original em inglês:

MIRACLES OF THE MANTLE

Copyright © da edição em inglês: Pacific Press, Nampa, EUA.

Direitos internacionais reservados.

*Direitos de tradução e publicação em  
língua portuguesa reservados à*

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106

Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900

Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888

[www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)

1ª edição neste formato

Versão 1.1

2016

Coordenação Editorial: Vanderlei Dorneles

Editoração: Marcos De Benedicto e Neila D. Oliveira

Revisão: Adriana Seratto

Design Developer: Samuel Krummenauer Santana

Projeto Gráfico e Capa: Leonardo Alves C. Rodrigues e Samuel Krummenauer Santana

Imagens da Capa: Carlos Seribelli

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Booth, Bradley

Milagres do manto [livro eletrônico] : as  
aventuras do garoto que seguia o profeta /  
Bradley Booth ; tradução Carla Nogueira  
Modzeleski]. – Tatuí, SP : Casa Publicadora  
Brasileira, 2016.  
1,2 Mb ; ePUB

Título original: Miracles of the mantle.  
ISBN 978-85-345-2290-8

1. Ficção religiosa - Literatura infantojuvenil
2. Jesus Cristo - Milagres I. Título.

---

16-02181

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção religiosa : Literatura infantojuvenil  
028.5
2. Ficção religiosa : Literatura juvenil  
028.5



EDITORA AFILIADA

15715/34124

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, *sem prévia autorização escrita* do autor e da Editora.

## *Apresentação*

**N**a primeira vez que Natã se encontrou com o profeta Eliseu, ele esperava presenciar um milagre ou escutar uma história fascinante.

Entretanto, com certeza o menino não havia contado com nada do que ele presenciaria. O que será que iria acontecer com Anzi e os outros meninos que estavam atormentando o profeta?

As aventuras de Natã com o profeta Eliseu o levariam a lugares inesquecíveis e o fariam ver coisas que jamais imaginara – machados flutuantes, óleo que não se esgotava, águas amargas tornando-se doces e até mesmo feras selvagens. Ao longo do caminho, Natã aprenderia lições incríveis sobre defender aquilo em que acreditava, manter-se fiel a Deus e amar até aqueles que queriam lhe fazer mal.

Será que Natã poderia defender aquilo em que ele acreditava? Você poderia?

*Bradley Booth* lecionou em escolas adventistas nos Estados Unidos, na África e na Rússia. Atualmente é diretor de Educação e Psicologia na Universidade Internacional Ásia-Pacífico, na Tailândia. Ele gosta de vários passatempos, como cantar, praticar esporte, escrever e envolver-se com arqueologia. Sua missão na vida é ajudar os jovens a ter uma experiência plena com Jesus.

## *Dedicatória*

A meu filho Steve, que tem sido uma fonte de inspiração e orgulho para mim. Minha oração é para que Steve se posicione a favor do único Deus verdadeiro, assim como fez Natã nesta história, e que ele descubra o poder no “Manto”.

### Nota dos editores

O autor deste livro fez uso da pesquisa e da imaginação para preencher as lacunas do relato bíblico. Embora suas afirmações não contrariem a Bíblia, o leitor deve levar em conta que os recursos narrativos utilizados por ele lhe deram certa liberdade para acrescentar detalhes.

# *Capítulo 1*

O suor escorria pelo rosto de Natã enquanto ele colocava no chão o jarro de barro cheio de água, para descansar seus braços já esgotados. Ele detestava tirar água do poço da aldeia, que ficava na metade do caminho da travessia da cidade. Tirar água era tarefa para meninas, mas não havia mais ninguém para fazer esse trabalho. Seu irmão mais velho, Rubens, não faria; ele não tinha nenhuma irmã, e a mãe já tinha muito o que fazer para ter que caminhar até o poço da aldeia mais próxima duas vezes por dia a fim de levar água para casa.

Desde que se tinha notícia, Betel, a cidade natal de Natã, era conhecida por seus poços abastecidos por borbulhantes nascentes com a melhor água de toda a região. Os poços já estavam lá fazia mais tempo do que qualquer um pudesse se lembrar, mais tempo até do que as crônicas guardadas pelos antepassados da cidade, antes mesmo da chegada do malvado rei Acabe e sua esposa, a rainha Jezabel. As fontes já estavam por ali antes do bondoso rei Davi e da época dos juízes. Na verdade, muitos anos antes, quando o pai Abraão ocupara primeiro essas terras, os poços já estavam ali, com suas doces, frescas e revigorantes fontes de água.

Mas Betel ficou conhecida por outras coisas também. Quando a tribo de Efraim derrotou os cananeus idólatras, Betel tornou-se um importante centro religioso. Durante séculos, foi utilizada por famosos juízes como Débora e Samuel, e por reis como Saul e Davi. E, quando as dez tribos do norte de Israel separaram-se de Judá, Jeroboão se autoproclamou rei e estabeleceu Betel como centro de culto, utilizando um bezerro de ouro como representação dos deuses pagãos.

Natã jogava água no rosto coberto de pó, quando um pequeno lagarto cinza cruzou rapidamente o caminho e depois subiu ao topo de um muro de pedras, ao lado do lagar da aldeia. A criaturinha parou por um momento e ergueu a cabeça para um lado, como se fosse examinar o garoto. As empoeiradas roupas de Natã e o rosto sujo chamavam a atenção, mas o menino não se preocupava. Tirou dos olhos uma mecha de cabelos negros e pegou novamente o jarro de água. “É melhor levar logo essa água para casa antes que as pessoas comecem a sair para as ruas de novo”, pensou Natã. Queria evitar que o vissem fazendo trabalho de menina.

Mas, ao levar o jarro ao ombro e olhar para a rua acima, em direção ao

portão da cidade, percebeu que era tarde demais. Anzi, um líder popular da cidade, e sua gangue de arruaceiros já tinham avistado Natã da sombra de uma arcada, por sobre os enormes portões de ferro da cidade.

– Veja só quem está aqui! – disse Anzi. Com olhar enfurecido, saiu da sombra e apontou para onde Natã estava. – É o menino da água, vindo fazer um trabalho de menina! – Com as mãos nos quadris e um sorriso de zombaria nos lábios, outros oito garotos seguiram Anzi em direção aos raios de sol.

O que Natã poderia dizer? Ele estava *mesmo* fazendo uma atividade de mulher, e tinha permitido que o vissem nessa situação. Porém, isso não o fez ter vontade de ficar por ali e discutir o assunto. Na verdade, ele sentiu um súbito desejo de largar o jarro de água que estava segurando e correr. Era veloz o suficiente para escapar de todos eles. Mas, sabia que não teria proveito algum fugir agora. Anzi e os outros o pegariam algum dia, em qualquer lugar, e então provavelmente bateriam nele por ter sido covarde e fugido como um frangote assustado.

Natã não disse sequer uma palavra enquanto observava o líder da gangue descer a rua de chão batido em sua direção, bancando o valentão. Sua gangue de vândalos estava logo atrás. Anzi já tinha arrumado brigas com Natã outras vezes. Ele era um ano mais velho que Natã, e Natã sempre saía perdendo.

Natã não conhecia Anzi muito bem, mas com certeza o rapaz era um sujeito problemático. Pelo menos era o que a mãe de Natã sempre dizia quando ele voltava para casa com um olho roxo e com as roupas rasgadas.

– A mãe daquele menino devia ensinar a ele boas maneiras – ela acrescentava em uma súbita e justa indignação, colocando unguento no corte ou uma pasta de figos sobre o olho inchado.

Mas isso não importava. Ele abaixou o jarro outra vez e ficou parado no meio da rua. Era melhor enfrentá-los agora e suportar seja lá o que houvessem reservado para ele.

Anzi caminhou até Natã e ficou bem próximo do rosto do menino.

– Não gostamos de você! – resmungou ele, tirando os fios de cabelo que caíam sobre os olhos negros. – Não gostamos da sua família e não queremos você aqui nesta cidade! Por que você não faz as malas e volta para o lugar de onde veio? – Anzi bufou, dando uma olhada por cima do ombro para seus amigos, que começavam a zombar de Natã.

– Nossa família já está aqui há bastante tempo – Natã defendeu-se. – Meu pai chegou para trabalhar aqui antes de qualquer um de vocês terem nascido. Portanto, nós temos o mesmo direito que vocês de estar aqui.

– Uau! – Anzi entretecerrou os olhos, fitando Natã com desdém. – Estou superimpressionado com a sua conversa fiada, menino da água! Quem liga para sua família e para o seu pai? Quem se importa com aquela escola de profetas estúpida em que seu pai trabalhou lá na colina? Você não tem amigos nesta cidade, e isso significa que você é um zé-ninguém! – Anzi inclinou-se para tão perto de Natã que seu nariz quase encostou no do garoto. – Você é só um cachorro sarnento assim como foi o seu pai!

Os olhos de Natã arderam em chamas. Quando Anzi falou aquilo, Natã ficou furioso. Os cachorros eram os animais mais desvalorizados das proximidades. Bandos deles vagueavam pelas ruas de Betel, procurando qualquer coisa que pudessem comer. Eles percorriam a zona rural, atacando e matando cordeiros e até ovelhas.

Que ousadia de Anzi comparar o pai de Natã a um cachorro ladrão! O pai de Natã, Ladã, filho de Zima, fora um homem bondoso da região montanhosa do norte de Efraim. Ele viera para o sul havia alguns anos, a fim de ser um instrutor na escola de profetas de Betel sob o comando do profeta Elias. Disseram a Natã que seu pai fora um instrutor dos bons, cuidando dos alunos da escola como se fossem da sua família.

Entretanto, Anzi não estava nem aí para nada disso. Importava-se apenas consigo mesmo e com sua gangue rude e grosseira.

– Vamos lá, menino da água! – gritou ele, começando a rodear Natã. – Mostre para nós o que você consegue fazer. Todo adorador de Jeová só pode ser um fracote e fácil de derrotar, pois Jeová é o deus mais fraco da redondeza!

– Você acha? – Natã ouviu-se dizendo. – Como assim? O profeta Elias serve a Jeová e não é nem um pouco fraco! Ele tem mais poder do que você jamais terá!

– Elias? Ah! Eu já vi ele passar pela cidade. Parece um homem louco, com aquele cabelo maluco e aquela barba grande, não é mesmo, pessoal? – Todos os rapazes começaram a dar gargalhadas.

– E, ultimamente, ele tem sempre trazido aquele outro homem com ele também. Aquele sem nenhum cabelo no topo da cabeça. Nós chamamos ele de “Carequinha”. O que ele tem de careca, o outro tem de cabeludo.

Natã encolheu-se em repugnância ante o desrespeito de Anzi pelo profeta Elias. Aquilo não era correto. Porém, não havia nada que pudesse fazer em relação a isso. Além disso, a disputa seria de nove contra um.

– Que pena que você não adora a Baal, porque ele vai me ajudar a quebrar a sua cara! – Anzi escarneceu, continuando a rodear Natã. Os terríveis insultos

contra Jeová continuaram a ser proferidos, mas Natã mal podia ouvi-los. Estava agora irado demais para palavras.

Primeiramente, Anzi tinha insultado seu pai, depois Elias e agora Jeová. Como alguém poderia amaldiçoar a Deus dessa maneira? Anzi não tinha vergonha! Betel havia se tornado uma cidade deplorável, e Anzi e sua gangue eram apenas mais um exemplo do que a rainha Jezabel havia feito com o país de Israel. Tudo começara com o alvoroço e a violência contra o povo adorador de Jeová. Depois, ela trouxe centenas de profetas e sacerdotes idólatras a fim de mudar o modo de adoração em Israel. As pessoas não mais falavam em Jeová, o verdadeiro Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Quando iam aos templos e aos locais sagrados que ficavam nos arvoredos dos mais altos montes de Israel, adoravam a Baal e Astarote.

E a família de Natã foi surpreendida no meio de tudo isso. Quando o pai de Natã criticou a rainha Jezabel e suas perversas formas de adoração, ela ficou enfurecida. Para espanto de todos, a rainha decretou imediatamente a execução de todos os rapazes da escola de profetas de Betel e suas famílias. Até o rei Acabe ficou chocado. E seus propósitos teriam sido bem-sucedidos, não fosse pelo pai de Natã e Obadias, um oficial da corte do rei Acabe, os quais arriscaram a vida para esconder os moços.

No entanto, a rainha Jezabel acabou obtendo parte da vitória. Prendeu o pai de Natã sob a acusação de traição e fez com que o executassem.

Natã queria lamentar por si e por sua família, mas não havia tempo para pensar nisso agora. Anzi queria briga, e parecia que iria consegui-la. Natã poderia até estar em desvantagem, mas daria a Anzi uma luta que ele não esqueceria tão cedo.

## Capítulo 2

A essa altura, a gangue de garotos vaiava e gritava. O ar estava pesado com as maldições que Anzi proferia. Natã quase podia sentir suas orelhas queimarem.

– Vamos lá, menino da água! Invoque o Senhor, seu Deus! Talvez ele não consiga escutar você!

Agora Anzi agia como um louco. Natã já tinha sido alvo das piadas dele anteriormente. Podia aguentar as provocações e até mesmo alguns chutes e socos que havia levado quando brigaram. Mas isso era diferente. Quando ele e os demais começaram a amaldiçoar a Jeová, o Deus da Terra e dos céus, Natã ficou tremendo de raiva. Ninguém tinha direito de zombar de Deus daquele jeito e blasfemar contra o Seu sagrado nome! Ninguém!

Natã esmagou uma mosca irritante que zunia ao redor de sua cabeça. O suor pingava de seu rosto até os pés no chão; porém, ele nem notava. Só sabia que estava louco da vida. Anzi estava insultando a Deus, e Natã iria fazê-lo parar.

Com um violento movimento dos braços e pernas, Natã arremeteu contra Anzi. Ele realmente esperava atingir Anzi mais ou menos no peito, mas o oponente astutamente se desviou do menino, e Natã caiu estirado no chão.

– Uuuu! – a gangue escarnecia dele.

– Qual é, bobão! – Anzi zombava dele, chutando o chão. – É o melhor que você pode fazer? Isso é ridículo! Eu venho aqui para lutar, e tudo que vejo é um moleque rastejando no chão.

Natã pôs-se em pé com dificuldade, pronto para atacar novamente. Porém, sentiu uma mão na gola de sua túnica, puxando-o para trás, para longe de Anzi. Ele virou-se freneticamente, tentando alcançar a mão que o segurava.

“Será que é um dos garotos da gangue que estava incentivando Anzi?”, Natã pensou. “O grandalhão, talvez? Ou é aquele que está maldizendo mais que o próprio Anzi?”

– Me solta, seu bruto! – Natã gritou, tentando enxergar quem o agarrava. – Isto não é justo!

– Você deveria se envergonhar de lutar desse jeito! – murmurou uma voz familiar. – Agora pegue o jarro e vá já para casa! – Era Rubens, irmão de Natã.

Natã ficou imóvel. Estava ofegante, com o rosto coberto de suor sujo e a

túnica rasgada.

– Já disse, vá para casa! – Rubens gritou impaciente, dando-lhe um empurrão.

Com a mente ainda confusa, Natã virou-se para ir embora.

– E não esqueça seu jarro de água! – Rubens completou.

– Ah, é – Natã resmungou, apanhando o jarro. Ele o levantou aos ombros, derramando água sobre todo o corpo. Isso era muito constrangedor. Ali estava ele, fazendo uma tarefa para meninas, e mal conseguia carregar o jarro direito! Novamente se havia metido em uma briga com Anzi e estava prestes a levar outra boa surra. Mas o pior de tudo era que Rubens estava agindo como se Natã tivesse começado a briga.

Rubens volveu-se a Anzi e aos outros.

– Vocês não têm nada melhor para fazer do que ficar por aí nas ruas o dia todo arrumando encrenca? – Ele abanou a cabeça em desgosto.

– É, bem, você e o seu irmãozinho são só incômodo para nós aqui. – resmungou Anzi. – E aquele Deus Jeová de vocês. – ele acrescentou. – Vocês não sabem que ninguém mais adora a Jeová por aqui? Ele já é passado! – Anzi cuspiu no chão. – Você e sua família são esquisitos. Seu pai era um derrotado, e eu estava quase provando que seu irmão também é. E estou achando que vou acabar com você também. – Anzi encarou Rubens com arrogância; porém, percebeu o olhar desafiador do oponente. Anzi recuou com passo hesitante, e deu uma olhada para trás nervoso, à procura de apoio dos amigos.

– Isto é ridículo! – Os olhos de Rubens flamejavam. – Não tenho tempo para esta besteira com um bando de crianças. – E virou-se para sair.

– Tá bom, mas fala para o seu irmão inútil aparecer qualquer hora dessas. Eu vou estar esperando para acabar o que comecei.

– Então é com isso que você gasta seu tempo quando está nas ruas? – disse Rubens quando finalmente alcançou Natã. – O que vou fazer com você? – E deu outra cutucada no ombro do irmão. – Se a mamãe ficar sabendo disso, ela vai ficar muito indignada. Você vem para casa com cortes e machucados, e fala para ela que as pessoas estão pegando no seu pé? Ela nunca mais vai confiar em você de novo se souber a verdade.

– Mas essa é a verdade! – Natã parou e olhou furioso para o irmão.

– Não minta para mim – replicou Rubens. – Eu vi você dar o primeiro golpe.

– Mas você não ouviu o que ele disse para que eu chegasse a esse ponto.

– Não tem desculpas. Aqui em Betel, brigar não é a solução. Não dá para

você vencer lutando com pessoas que nem sabem distinguir entre o certo e o errado. Tudo que pensam é em vingança e na próxima briga. – Rubens deu uma olhada ao redor para verificar se alguém ouvia a conversa. – Esse povo não tem jeito. Eles são um bando de pagãos supersticiosos, e sempre serão.

– Mas o Anzi chamou o papai de cachorro sarnento, e Jeová de...

– Eu acredito em você – Rubens interrompeu. – Eu acredito em você, mas essa não é a questão – acrescentou Rubens, com a expressão tão irritada quanto a voz. – Eu sei que Anzi é grosseiro. Ele não conhece Jeová. E ele e os amigos parecem odiar tudo o que é diferente deles e de seu mundinho aqui em Betel. Além disso, os anciãos e a própria rainha Jezabel também odeiam. É por isso que o papai está morto e nós estamos vivendo aqui como indigentes.

Ele chutou uma pedra, fazendo-a girar para longe. – Ninguém nos quer aqui, Natã, e ninguém vai nos ajudar. Nós estamos tentando fazer uns poucos vasos de barro na olaria do papai, mas estão ficando horríveis. Não entendemos nada de olaria, e ninguém vai comprar nossos vasos ou nos ensinar a fazer outros melhores. Esta cidade não é o nosso lugar. Vamos encarar os fatos, Natã. Alguns não gostam de nós porque adoramos a Jeová. Outros não demonstram cortesia porque não querem ajudar ninguém que seja inimigo da rainha. E tem sempre aqueles que acham que nós damos azar. – Rubens fez cara feia. – O único motivo de estarmos aqui é a casa que temos e um pedacinho de chão no quintal para cultivarmos uma pequena horta. – Ele suspirou e chutou outra pedra na rua. – Mais cedo ou mais tarde, alguma coisa tem que mudar. Não podemos ficar para sempre em uma cidade onde não somos bem-vindos.

Rubens parou no meio da rua estreita.

– Venha cá, deixe eu ajudar você a se limpar um pouco, irmãozinho. Não dá para você voltar para casa desse jeito. – Ele tomou o jarro de água do ombro de Natã e o colocou no chão. Rubens inclinou o jarro, despejou um pouco de água nas mãos de Natã e observou o irmão levar à face um pouco de água fresca. Felizmente, Natã não tinha nenhuma marca da briga em seu rosto; porém, o estado de suas roupas chamava a atenção. Natã tirou sua túnica exterior e a sacudiu até eliminar quase todo o pó. Quando a vestiu novamente, parecia normal para um garoto de 12 anos que tinha estado na rua.

Rubens colocou o braço ao redor dos ombros de Natã.

– Sei que não é culpa sua o Anzi querer brigar com você toda hora. E sei que não foi bem você que começou a briga, mas nós temos que ajudar a mamãe. A não ser que ela pergunte diretamente, eu não vou dizer nada. Ela se preocupa muito com você. Ela se preocupa com muitas coisas – Rubens abanou

a cabeça, colocando o jarro no próprio ombro. – Venha, vamos para casa ver o que a mamãe está fazendo para o jantar.

Natã ficou feliz de ter um irmão como Rubens. Ele era três anos mais velho e estava sempre cuidando de Natã. O menino não podia dizer que estava grato por Rubens haver interrompido a briga, mas, de qualquer forma, era bom ter um irmão para defendê-lo.

## *Capítulo 3*

Ao chegarem em casa, podiam sentir da entrada o delicioso cheiro do ensopado de lentilhas.

– Hummmm! – Natã esfregou a barriga. – Estou sentindo o cheiro de pão fresquinho, tempero e alho-poró também.

Enquanto os meninos entravam, a mãe de Natã, Mara, sorria cansada, afastando do rosto um cacho de cabelos.

– Que bom que estão em casa! Agora já podemos comer.

Natã ficou feliz porque a mãe não perguntara o motivo de ele ter demorado tanto para trazer a água. Sabia que não podia nem ousar mentir sobre a briga caso a mãe perguntasse, porém também não queria preocupá-la.

O cardápio era simples. Uma panela de ensopado e uma travessa de madeira com pão completavam a refeição. Os garotos lavaram as mãos e sentaram-se no tapete circular da sala de visitas. Não tinham nenhum convidado entre eles, para que pudessem sentar-se todos juntos para a refeição. Antigamente era sempre assim que acontecia, mas agora não mais.

Nos velhos tempos, quando o pai de Natã era vivo, as coisas eram diferentes. Ele passava todas as manhãs sempre ocupado na escola dos profetas, ensinando os alunos sobre as leis de Deus, na Torá. À tarde, ele ensinava aos juvenzinhos habilidades para se tornarem oleiros. Os alunos podiam escolher as áreas que lhes interessavam. Alguns escolhiam a carpintaria, outros optavam por trabalhar como oleiros assim como Ladã. Outros escolhiam tornar-se tecelões, artesãos em couro, ou até ferreiros a fim de trabalhar com cobre, estanho e ferro.

Ao anoitecer, às vezes o pai de Natã levava para casa os rapazinhos da escola e os convidava para comer alguns dos pratos caseiros de Mara. Após a refeição, todos sentavam em círculo e discutiam um pouco mais sobre as ideias da Torá, dos livros históricos, poéticos ou sobre o que o profeta Elias andava fazendo para restaurar o culto a Jeová. Aqueles foram bons tempos, mas, obviamente, Natã não se lembrava. Era pouco mais que um bebê quando seu pai fora executado por ordem da rainha.

Mara sentou-se, e Rubens havia acabado de pedir a bênção de Deus sobre o alimento, quando escutaram passos e uma voz à porta.

– Paz seja convosco, bom povo desta casa! – ouviu-se uma voz grave. –

Vocês teriam lugar para viajantes fatigados descansarem os pés exaustos?

Natã foi o primeiro a correr na direção do homem. Era o tio Fineias e seu filho Jasém. O tio Fineias era irmão de Mara e morava na cidade de Jericó. Foi difícil para Natã não fixar os olhos em seu primo, que era alguns anos mais velho que ele. Não via Jasém havia muitos anos, e o rapaz parecia bem diferente do que Natã recordava. Apesar de Jericó ficar a apenas um dia de viagem rumo ao sul e ao leste, esta era a primeira vez que o tio Fineias trazia o filho para Betel, em uma viagem de negócios.

– Entrem, entrem! – Mara apressou os dois viajantes. – É tão bom ter vocês por aqui novamente! – ela disse empolgada. Natã ficou feliz ao ver as bochechas da mãe retomarem a cor. Havia um brilho nos olhos dela que ele não via fazia semanas.

E agora, conforme Mara dava ordens, todos se puseram em ação.

– Natã, pegue uma bacia com água para os nossos hóspedes e lave-lhes os pés. Rubens, tome conta do burro. Acredito que vocês trouxeram o velho Asa, acertei? – Mara sorriu para o tio Fineias enquanto colocava mais pães na mesa.

– Bem, sim, Mara, nós trouxemos. – O tio Fineias enrugou a região dos olhos, fazendo a barba e o bigode grisalhos aumentarem seu sorriso. – Asa já está conosco há algum tempo, e creio que ainda vai ficar mais uns bons anos. Ele é o melhor animal que eu já tive.

Natã ajoelhou-se para banhar os pés de seu tio na bacia de água fresca, conforme o costume em Israel. O tio Fineias sorriu e acariciou a cabeça do sobrinho.

– É tão bom ter familiares por esses lados! Nesta viagem, nós já estivemos em Micmás e Gibeá. Betel é a nossa última parada. Fazia mais ou menos um ano que não vínhamos para estas bandas, e muita coisa já mudou. O ferreiro da aldeia, na beira da cidade, me contou que não há mais muitos oleiros por aqui. O velho Semaías está de cama outra vez. Seus dois netos passam mais tempo com gangues nas ruas do que na oficina; por isso, na cidade, oleiros estão em falta. Pelo menos foi o que me disseram – ele completou com uma piscadela para Natã.

Após as devidas cerimônias, todos sentaram para apreciar a refeição. Passaram a maior parte do tempo ouvindo o tio Fineias contar as novidades sobre Jericó. A mulher do primo Benaia tivera gêmeos. Agora já eram doze filhos. E uma nova parede estava sendo anexada à antiga fortaleza de Jericó, que havia sido reconstruída poucos anos antes do reinado de Acabe. Mas os últimos boatos eram que o ministério do profeta Elias estava para acabar.

– Ele não é tão velho – disse Rubens surpreso. – Não vai morrer, vai?  
– Eu não sei. Ele é até jovem. Eu diria que tem mais ou menos uns 55 anos.

– Alguém vai assumir a função dele? – Rubens perguntou. – Ele fez tanto bem em Israel!

– Ninguém sabe ao certo. Talvez o rapaz que tem viajado com ele. – O tio Fineias pegou outro pedaço de pão e mergulhou no ensopado de lentilhas. – O nome dele é Eliseu, filho de Safate, da cidade de Abel-Meolá, que fica ao norte, na planície do Jordão.

– Eliseu? Bom, pelo menos os nomes deles são parecidos. – Rubens levantou as sobrancelhas. – Ah, por falar nisso, eles passaram por aqui dois dias atrás, a caminho de Gilgal, eu acho. Eu os vi no poço da aldeia, tirando água. Aqueles dois dão uma dupla e tanto. – Rubens mudou o tom. – A questão é: será que Eliseu pode realmente ser comparado ao grande profeta Elias? Não há profeta como Elias desde Samuel, o vidente, nos dias do rei Davi. – Natã tinha certeza de que Rubens estava tentando falar como um adulto.

– Não conheço bem Eliseu – tio Fineias respondeu. – Parece um bom sujeito, e muito jovem para ser tão careca.

– Fineias – repreendeu Mara, piscando para o irmão, – que feio você falar essas coisas. Parece uma daquelas velhas tagarelas da praça.

– Só quero atualizar o pessoal. – O tio Fineias pareceu um tanto encabulado ao inclinar-se para perto da irmã, que agora colocava mais pães e uma pequena tigela com figos sobre a mesa. – Você gosta de ouvir histórias sobre o mundo lá fora, não gosta?

– Boas histórias sim, mas não fofoca. Não vou permitir o boato correr solto por aqui.

Natã sorria ao escutar a conversa. Mesmo em um lugar como Betel, de tempos em tempos apareciam histórias sobre o profeta Elias. Porém, a família de Natã não mantinha mais contato com a escola de profetas havia muitos anos, desde que seu pai falecera.

Natã lançou o olhar ao pequeno grupo assentado para tomar a refeição vespertina. Estava anoitecendo, e sua mãe já havia acendido diversas lamparinas de barro para iluminar o cômodo enquanto conversavam. Vívidas imagens refletidas saltitavam e dançavam sobre as branqueadas paredes de tijolo. O primo de Natã, Jasém, pouco havia falado durante toda a noite; porém, Mara e o tio Fineias pareciam duas crianças conversando. Natã pegou dois figos e os comia devagar, ouvindo os adultos conversarem sobre o profeta Elias e seu

novo ajudante, e sobre o trabalho de ambos na escola dos profetas.

De repente, uma ideia passou pela cabeça de Natã.

– Eu quero ser um profeta como Elias – ele expressou seu pensamento.

As palavras soaram estranhas. Ele não sabia de onde viera aquela ideia.

Estaria ele pensando nessas coisas ultimamente? Não podia se lembrar. Nunca comentara nada disso com ninguém, mas agora já havia dito, e todos o olhavam como se estivessem vendo um frango de três pernas.

Tio Fineias foi o primeiro a recobrar a voz.

– Um profeta como Elias, hein?

Natã engoliu em seco. Será que todos iriam rir? Eles o ridicularizariam por dizer tal coisa? Ele encarava o tio Fineias, sem desviar os olhos daquele homem de meia-idade, na esperança de que seu tio o livrasse. Natã bem sabia que ser um profeta como Elias não era uma péssima ideia; porém, a vida que um profeta levava era incerta e perigosa. Ele viajava aqui e acolá a fim de dirigir as escolas dos profetas. Condenava os anciãos das aldeias por adorarem falsos deuses como Baal e Astarote. Reprovava reis e rainhas por não adorarem a Jeová, o único Deus verdadeiro, e então os desafiava a ajudarem a reformar a nação de Israel antes que fosse tarde demais.

– Bem, filho, esta é uma grande ambição. Um lindo objetivo. – O tio Fineias concordou e fitou Natã por bastante tempo.

Natã esperava que ele dissesse algo mais, mas ele não disse. Quando terminou a refeição, o tio revelou apenas um olhar distante. Natã não sabia o que pensar. Parecia até que o tio Fineias estava triste, e talvez um tanto pensativo.

## Capítulo 4

Mais tarde naquela noite, quando os três meninos retiraram-se para suas esteiras de dormir, os comentários se voltaram para a conversa daquela noite.

– Por que o tio Fineias pareceu tão triste quando eu disse que queria ser um profeta como Elias? – perguntou Natã.

– Quem é que vai saber? – Rubens bocejou. – Talvez ele só estivesse cansado. Você sabe, ele e Jasém fizeram hoje todo esse percurso desde Jericó. – Ele olhou para Jasém, que já roncava em sua esteira.

– Talvez você esteja certo. – Natã tinha os olhos fitos nas estrelas, enquanto pegava no sono. Mas no fundo sabia que havia algo mais. Tinha que haver.

Porém, no desjejum da manhã seguinte, o tio Fineias parecia ter voltado ao normal outra vez.

– Eu estava pensando, Mara... Você poderia dispensar os meninos hoje? Eles seriam úteis para mim. – Ele piscou para Mara daquele seu jeito, mas foi Rubens quem respondeu primeiro.

– Tem certeza de que vai querer nossa companhia? As pessoas daqui sabem que você é de fora, e você já vendeu suas louças aqui antes. Receio que Natã e eu prejudiquemos seus negócios. Por algum motivo, ninguém se importa muito com a nossa família por aqui.

Mara não fez nenhum comentário enquanto tirava a amassadeira e começava a preparar o fermento para os pães do dia.

– Está tão ruim assim? – O tio Fineias correu o olhar para Rubens e depois para Mara.

Finalmente, ela falou alguma coisa.

– É verdade, não somos muito bem-vindos por aqui. Rubens não consegue vender nenhum jarro ou vaso que fabrica, e Natã continua tendo problemas com os garotos aqui na cidade.

– Você já cogitou colocar Rubens na olaria da escola de profetas daqui de Betel?

– Provavelmente isso também não vai adiantar. – Mara suspirou ao acrescentar farinha à massa. – No momento, não há sequer um oleiro na escola. Desta forma, não há ninguém que possa ensinar a ele esse ofício.

– Nós vamos pensar em alguma coisa – o tio Fineias tentou tranquilizá-la.

– E eu vou seguir seu conselho. Não precisamos piorar sua situação aqui em Betel deixando seus filhos tão expostos no mercado. – Ele afagava desajeitado os ombros de Mara. – Se os negócios forem bem no mercado, devemos estar de volta ao meio-dia.

Natã trabalhou na horta durante toda a manhã, enquanto Rubens fez alguns reparos no carro de bois de um vizinho, que foi gentil o bastante para arrumar-lhe algum trabalho.

E, para a grande surpresa de Natã, o tio Fineias e Jasém estavam de volta ao meio-dia outra vez. Enquanto todos almoçavam, tio Fineias tagarelava sobre o bom negócio que fechara na cidade. Mas, então, ele mudou de assunto.

– Rubens, eu venho pensando... – O tio Fineias olhava diretamente para o irmão de Natã. – Gostaria de convidar você para ir a Jericó e aprender comigo o ofício de oleiro. Você tem o torno de olaria de seu pai aqui em Betel. Portanto, já tem o equipamento necessário para essa profissão.

– Mara, o que você acha? Pode liberar o menino?

A mãe de Natã fez uma pausa antes de responder.

– Bem, Fineias, talvez essa seja a resposta que eu venho procurando. Rubens precisa aprender o ofício. Ele tem tentado usar o torno, mas não teve treinamento adequado. Meu marido morreu antes que Rubens fosse maduro o suficiente para aprender. – Ela fez outra pausa como se estivesse absorta em seus pensamentos.

– Eu tenho trabalho demais para mim e Jasém – continuou o tio Fineias. – E, com todas as viagens que fazemos às cidades como Betel, estou certo de que poderemos manter Rubens ocupado. – Ele examinava o rosto de Rubens. – E tenho pensando em outra coisa também, Rubens. Talvez consigamos colocar você na escola de profetas em Gilgal.

Rubens parou de mastigar o pão de cevada e deu uma olhada para Natã.

– Essa era a ideia de Natã, não era?

– Era, mas você é o que tem idade. E, além do mais, sua mãe vai precisar de um homem em casa – acrescentou, piscando para Natã.

Natã sentiu medo. Se Rubens fosse embora, quem o ajudaria a espantar os garotos em Betel? Rubens o salvara mais de uma vez quando a gangue de Anzi atacara. Ele também gostaria de poder ir para Jericó.

E então, subitamente, outro pensamento assaltou Natã: “Se a mamãe está preocupada com as minhas influências em Betel, talvez ela também me deixe partir com o tio Fineias.” O pensamento o animou tanto que Natã mal podia conter-se, e de repente gritou:

– Posso ir também?

Eis que fizera novamente. Cantou como um galo em um terreiro. Eles não o deixariam ir. Ele era apenas uma criança. Mas isso provavelmente não importava, porque, de qualquer forma, ninguém parecia mesmo estar dando ouvidos ao menino.

– Eu mesma iria, mas tenho minhas dívidas – disse Mara, ignorando completamente a pergunta de Natã. – Nós devemos dinheiro aqui. Meu marido pegou dinheiro emprestado com agiotas, e não conseguiu devolver antes de morrer. É por essa razão que não posso me dar ao luxo de abandonar a casa. Com certeza, eles viriam e a leiloariam. Mas gostaria que Natã também fosse com você por enquanto – ela completou depressa –, se você tiver condição de levar os dois.

Natã mal podia acreditar no que ouvira. Sua mãe o deixaria ir? É claro que o tio Fineias não havia concordado ainda. Apenas sentou-se, coçando o queixo enquanto mirava a janela aberta.

– Quando Rubens for embora, você não vai precisar do Natã por perto como o homem da casa? – foi tudo que ele disse.

– No momento, não – exclamou ela. – Eu temo por ele. Ontem ele apareceu em casa e outra vez se havia metido em briga com aqueles valentões do outro lado da cidade. Não posso permitir que machuquem ele desse jeito. – Seus olhos ardiam de determinação. – Não vou deixar que isso aconteça com ele. Há muita coisa em jogo!

Natã virou-se e encarou Rubens furiosamente. Entretanto, com apenas um olhar de Rubens, Natã ficou convencido de que seu irmão não dissera sequer uma palavra a ela. Natã fechou os olhos e apoiou-se de costas contra o pilar central que segurava o teto.

*Então a mamãe sabia de tudo sobre eu e Anzi termos brigado de novo. Ela nem contou nada. A mamãe é extremamente paciente.*

– Tudo bem então. Eu levarei os dois comigo para Jericó: Rubens e Natã. – Ele deu uma olhada para Rubens. – Será que dá para vocês ficarem prontos para sairmos ao amanhecer?

Rubens franziu as sobrancelhas ao pensar em deixar a mãe sozinha para prover a própria subsistência. Porém, pelo rosto da mãe, Natã tinha certeza de que ela já havia tomado sua decisão.

– Podemos nos aprontar em uma hora – Natã respondeu pelo irmão.

Tio Fineias inclinou para trás a cabeça e deu risada.

– Descansem bem esta noite, meninos. O amanhecer será em breve.

## *Capítulo 5*

Eles iniciaram a viagem na manhã seguinte ao amanhecer, e já tinham percorrido um bom trajeto antes que o dia ficasse muito quente. O dourado sol elevava-se pelos céus sobre as montanhas de Gileade, e pequenos pardais cantavam suas canções matutinas para alegrar ainda mais o dia. Um coelho escalava as rochas das costas íngremes e acidentadas a fim de observar os viajantes passarem, e pequenos lírios preguiçosos davam seus cumprimentos na brisa fresca da manhã.

Um bando de animais seguia pelo mesmo caminho, tornando a viagem mais segura. Eles viajaram juntos por um terreno montanhoso ao sudeste, até que o território começou a ficar mais íngreme. Natã passou com Jasém à frente do grupo de viajantes, puxando conversa com o rapaz. O primo de Natã era bem tagarela quando seu pai não estava por perto. E era inteligente. Sabia um pouco de tudo, ou pelo menos parecia saber.

Por volta do meio-dia, eles pararam debaixo de um grande zimbro para almoçar um simples pão de cevada e queijo de cabra. Depois, deitaram-se sob a sombra de um sicômoro para um breve descanso. Dali para frente, a estrada transformou-se em um acidentado e sinuoso caminho que subitamente ia de uma região de desfiladeiros até o Vale do Jordão abaixo.

Natã, que nunca antes estivera ao sul de Efraim em toda a sua vida, estava fascinado com tudo. A viagem poderia estar sendo cansativa para os mais experientes do grupo, mas Natã sabia que para ele aquela era uma aventura da qual jamais se esqueceria.

Em menos de duas horas de caminhada, o chão inclinava-se dando para uma cadeia secundária de montanhas de pastagens, e depois finalmente para os gramados descampados da parte inferior do Jordão. Natã poderia ter corrido o resto do dia, mas conseguiu se controlar e caminhar a distância restante até a famosa cidade de Jericó.

Ao se aproximarem da murada fortaleza à frente, Natã estava certo de que aquela cidade era um oásis da planície tropical do Jordão. O menino prosseguia com seu constante turbilhão de perguntas para Jasém.

– Por que é tão quente lá no vale? Por que tem tantas palmeiras e outras plantas exóticas nos arredores de Jericó? Essa é mesmo a famosa cidade onde Josué fez com que as muralhas ruíssem?

Jasém deu risada do tanto de perguntas que Natã fez.

– O solo está abaixo do nível do mar – o primo disse a Natã. – Então o calor que vem do sol fica preso entre as montanhas, de um ou de outro lado do vale. O clima ameno e as nascentes de água doce que estão por todo lado tornam propício o desenvolvimento de plantas e frutas tropicais. – Jasém sorriu. – Ah, e as paredes de Jericó? Elas realmente caíram aqui. Essa é a cidade fortificada que Josué conquistou, mas não se esqueça de que foi Jeová quem tornou isso possível – o primo insistiu.

E então, com os enormes portões de Jericó à vista, tio Fineias virou em uma bifurcação na estrada, separando-se do restante da caravana. Os mercadores com suas fileiras de camelos e burros continuaram no caminho para a cidade; porém, o tio Fineias desceu por uma estrada diferente, que se ramificava em direção ao norte.

– Nós não vamos entrar na cidade? – Natã perguntou desapontado à medida que ia seguindo Rubens e Jasém.

– Não, vou primeiro levar vocês até a escola; assim, vocês podem conhecer todo mundo. – O tio Fineias ia à frente na estrada que serpeava um pouco rumo ao oeste, até que se encontraram em um monte de edifícios.

Cercando o pequeno estabelecimento havia uma parede de tijolos de barro alta o suficiente para ter seu próprio conjunto de portões, mas não tão alta para ser um muro de cidade.

– A parede mantém os leões e ursos afastados – Jasém provocou, com um brilho engraçado nos olhos.

– Leões e ursos? – Um olhar assustado se estampou no rosto de Natã, e ele entrou correndo na frente de todos.

– Aqui estamos nós – tio Fineias anunciou ao chegarem a um amplo e vazio pátio rodeado por uma fileira de pequenos abrigos e cômodos com portas abertas. No canto do pátio havia um pequeno altar de pedras, e Natã pôde perceber que ali eram oferecidos sacrifícios a Jeová de tempos em tempos.

– Olá! Tem alguém em casa? – o tio Fineias chamou, dando uma olhada no pátio vazio. – Ah, acho que não tem ninguém aqui agora. Olá, olá! – ele insistiu novamente. – Tem alguém aí?

Um jovem botou a cabeça para fora da porta para ver quem havia chegado. – Entrem! – ele gritou. – Paz seja com vocês!

O tio Fineias foi em direção à porta aberta e olhou lá para dentro.

– Esta é a madeireira, meninos. – Dois rapazes trabalhavam em alguns projetos de carpintaria em uma bancada. – Esse é o Haran – disse o tio Fineias,

apontando para um aluno grandalhão de cabelos escuros que tinha seus vinte e poucos anos –, e esse é Gamás – outro jovem de barba vermelha, curta e bem aparada.

– Esperem aqui, garotos – ordenou o tio Fineias, dando uma olhada para Rubens. – Preciso falar com o diretor da escola. Se tiverem alguma pergunta sobre a escola, podem fazê-la para o Haran e para o Gamás.

Então, virou-se para Jasém.

– Vá buscar um pouco de água para o burro, filho.

Natã e Rubens observavam quietinhos Haran e Gamás trabalhar. Os rapazes tinham na bancada uma junta de bois no meio deles; porém, o que conversavam era mais interessante do que o que faziam.

– Eu acho difícil de acreditar – dizia Haran.

– Eu também, mas eu mesmo ouvi – insistia Gamás, colocando sua plaina de madeira no chão, enquanto alisava a barba.

– Se você quer saber, eu acho que é um monte de boatos.

– Estou lhe falando... Eu ouvi da boca do próprio profeta Eliseu.

– Bem, eu não. Eu estava passando o fim de semana em casa, ajudando meu pai a colher o restante da cevada.

– O profeta Eliseu voltou anteontem, dizendo que o profeta Elias foi arrebatado aos Céus em uma carruagem voadora dourada. – Gamás foi até a janela aberta e apontou para o leste. – Lá no Jordão, onde as caravanas de mercadores cruzam o rio.

– Uma carruagem? – Haran juntou-se a Gamás na janela e levantou as sobrancelhas surpreso.

Gamás fez que sim.

– Exatamente.

– Então o profeta Elias simplesmente foi para o Céu e não voltou mais?

– Foi o que o profeta Eliseu disse.

– Mas, então, para onde o mestre Elias foi?

– Para cima, em algum lugar. – Gamás fez que não sabia. – Eu não sei. Para algum lugar. – Ele encolheu os ombros. – Essa é a história.

– Do que estamos falando aqui? Das nuvens? Ele subiu para as nuvens? Se quer saber, eu diria que foi um redemoinho, e que ele caiu em alguma montanha ou algum vale.

– Então você não acha que ele poderia ter ido para o Céu?

– Céu? – Haran ergueu as mãos em frustração. – Olha, o profeta Elias era um bom homem, sem dúvida, mas eu não acredito que Deus leve as pessoas

assim para o Céu, Gamás. Pelo menos, não mais. Sabemos que o único com quem isso aconteceu foi o patriarca Enoque, e essa é uma lenda antiga de muito e muito tempo. Crer que coisas assim aconteçam hoje em dia nos faz parecer tolos. – Haran voltou para a bancada.

– Quem dera eu não estivesse em casa quando tudo isso aconteceu. Assim, eu poderia ter ido com os outros procurar o profeta Elias. Já faz três dias desde que ele desapareceu. Agora, o único jeito de o profeta Elias ter um enterro decente – Haran completou – é se nós acharmos o corpo dele e trazê-lo de volta para a escola.

## *Capítulo 6*

– Tudo bem – continuou Gamás. – Digamos que você esteja certo. Vamos supor, no momento, que o profeta Elias não subiu aos Céus da forma como o profeta Eliseu afirmou, mas... mas ainda não tem explicação para como o rio Jordão se secou para o profeta Eliseu poder cruzá-lo de volta, porque foi isso que aconteceu com ele e o profeta Elias quando os dois atravessaram o rio antes naquela tarde. Nós vimos!

Gamás estava frustrado com aqueles detalhes da história que pareciam não se encaixar.

– Nós os seguimos até lá embaixo, Haran. Estávamos todos ali no desfiladeiro, contemplando o rio, quando o mestre Eliseu retornou – ele acrescentou com empolgação –, e, quando ele bateu com seu manto na água, o rio começou a baixar e baixar. Toda aquela aguaceira continuou a correr até aparecer um leito lamacento que, até onde pudemos ver, se estendia em ambas as direções. Subindo o rio, bem depois da parte rasiada, está Jericó, defronte para o rio. Foi realmente surpreendente, Haran. Estou lhe dizendo, foi como se alguém tivesse puxado uma rolha bem grande do fundo do rio, deixando todos os peixes à mostra na faixa seca.

– Foi a coisa mais estranha que eu já vi – ele murmurou enquanto pegava a plaina de madeira novamente. – Era como se o manto fosse mágico. – Gamás balançou a cabeça ao começar a cortar longas tiras finas de madeira da canga de bois que esculpia. – Agora veja, ou nós acreditamos no profeta quando ele diz que Elias foi para o Céu, ou não acreditamos. Mas eu não vejo como nós podemos dizer que ele está inventando história, e depois, no minuto seguinte, alegarmos que o fato de o Jordão ter secado é um milagre. Ou Eliseu é um verdadeiro profeta ou é um impostor.

– Eu não estou falando que ele é um impostor – Haran protestou, dando uma rápida olhada para Natã e Rubens.

– Bem, pode ser que você também esteja dando a entender isso – disse Gamás ao continuar o seu trabalho.

– Não estou não! – Haran começou a furar um buraco em uma extremidade da canga. – Eu só acho difícil acreditar em tudo aquilo que é baseado apenas em uma fé cega.

– Bom, talvez você mesmo devesse perguntar ao profeta. – Gamás parou

tempo suficiente para lançar um olhar desafiador a Haran.

– Talvez eu pergunte. – Haran devolveu o olhar.

Natã pensava no que os dois rapazes conversavam. Será que Elias realmente fora para o Céu? Em uma brilhante carruagem de fogo? E quanto àquele manto? Será que dividira mesmo as águas do Jordão como Gamás havia dito? Se dividira, aquele com certeza devia ser o pedaço de roupa mais incrível de Israel! Não acontecia nada desse tipo no Jordão desde os dias de Josué e da conquista de Canaã.

Natã sabia que era melhor não depositar sua fé em algo tão simples como um manto. Nenhum manto comum iria separar as águas do Jordão daquela maneira. Queria poder perguntar para alguém, porém não para Haran e Gamás. Eles provavelmente iriam começar a discutir de novo.

No entanto, o menino podia ouvir. A história ficava cada vez mais interessante, e Natã não queria perder um mínimo detalhe. Esperou para captar mais da conversa, mas, de repente, ouviu-se um som de passos apressados e uma voz gritando do lado de fora do pátio.

– Eles estão aqui – alguém gritou. – Finalmente voltaram.

Natã e Rubens correram a tempo de alcançar a porta da madeireira e ver um grande grupo de jovens entrar pelo portão do pátio. Pareciam cansados e estavam cobertos de pó. Enquanto caminhavam em direção a um grande jarro de barro que estava no canto, revezavam-se para tomar longos e intensos goles de água fresca.

– Bem-vindos de volta, meninos! – Natã escutou uma suave voz anunciar do outro lado do pátio. Virou-se e viu um homem de uns trinta e poucos anos parado com o tio Fineias na entrada de uma passagem que dava para um cômodo interior menor junto à parede. Ele vestia uma túnica cinza, trazia um manto castanho-ferrugem sobre os ombros, e um turbante branco na cabeça. Não era nem alto nem baixo: tinha estatura média. Porém, a cor de seus olhos era amarelo-âmbar e ele mantinha um delicado sorriso no rosto. Natã o considerou a própria personificação da bondade. Mais manso e compassivo do que qualquer um que já tinha visto antes.

O grupo de rapazes deu uma olhada na direção do homem de roupa cinza e, de repente, todos abaixaram a cabeça.

– O que está acontecendo? – Natã cochichou para Rubens. – Quem é o homem de turbante? E quem são todos esses jovens?

Rubens encolheu os ombros.

– Não faço ideia, mas acho que já vamos descobrir.

– Creio que fizeram um bom passeio, não? – o homem de turbante perguntava agora a eles. – Encontraram o que estavam procurando?

– Não, mestre Eliseu. – Um dos rapazes levantou a cabeça. – Não encontramos.

Natã cutucou eufórico o irmão.

– É ele! O novo profeta! É dele que o tio Fineias estava nos falando.

Eliseu esquadrihava o grupo de rapazes em pé diante dele.

– Então, eu odeio ter que lembrar vocês, mas eu não disse para não irem procurar o mestre Elias? Ele foi embora... e eu estou feliz por ele. Ele foi uma força poderosa para o bem em Israel e trabalhou duro todos esses anos. Mas ele também era um amigo de Deus e, por isso, o Senhor o tomou para si. – Eliseu tinha um olhar distante ao mirar para além dos portões do pátio e do rio Jordão. – E agora devemos continuar o que o profeta começou. Precisamos manter em ação a reforma e o reavivamento em Israel, e fazer com que todos voltem a adorar Jeová, o único Deus verdadeiro.

Ouviu-se outra vez um estrondoso barulho de pés correndo para fora da parede anexada, e Natã apressou-se para ver que tumulto era aquele dessa vez.

– Os anciãos de Jericó estão vindo para cá – gritou um mensageiro com voz estridente. – Eles querem falar com o profeta Eliseu.

O profeta saiu para postar-se à entrada do portão do pátio, e Natã se desviou para dar lugar ao santo homem. Todos se ajuntaram ao redor do profeta à medida que o grupo de anciãos se aproximava.

– Senhor, estamos com um problema. – Um homem idoso avançou um passo. Era o porta-voz de um grupo de aproximadamente vinte anciãos que haviam ido com ele à escola de profetas. Ele curvou a cabeça em respeito, fazendo com que sua longa barba branca se estendesse até a metade do peito. Juntou as duas mãos à sua frente em respeito ao jovem profeta que estava diante dele.

Natã achou estranho um ancião demonstrar tanto respeito a um homem da idade de Eliseu. Não deveria ser o contrário?

– Sou Gesan, filho de Sobal – o idoso homem continuou. – O povo de Jericó implora a sua ajuda. A água que sai da fonte da cidade está ruim, e não sabemos o que fazer em relação a isso. – Gesan levantou as mãos a Eliseu. – A água está salobra, e já faz um tempo que está desse jeito. Quase não podemos mais bebê-la. Ficamos envergonhados quando hóspedes vêm para a cidade, pois não temos nada decente a oferecer-lhes como refresco senão o suco da uva; e, quando termina a estação das uvas, ficamos sem mais nada. – O idoso homem

suspirava. – Acho que a maldição de Josué ainda está sobre este lugar.

Ele curvou a cabeça novamente.

– Você pode nos ajudar? Dizem que o Espírito de Deus é forte em você, meu filho.

Natã observava a cena com interesse.

Então os anciãos da cidade de Jericó estão tratando o profeta Eliseu com respeito porque acreditam que o Espírito de Deus está nele. Natã ponderou sobre esse pensamento por um instante. Ele é bem mais novo que os anciãos, mas parece que eles já o aceitam como um líder.

Natã continuou pensando um pouco sobre isso. Se as histórias sobre Eliseu separar as águas do Jordão fossem verdade, então tudo começava a fazer sentido. Afinal, ninguém ouvira falar de uma coisa dessas acontecer desde os dias de Josué. E aquele foi outro fato. O que será que o ancião de Jericó queria dizer quando falou que a maldição de Josué ainda estava sobre aquele lugar?

## *Capítulo 7*

– Leve-me até a fonte – disse Eliseu, disposto. – Vamos ver como podemos resolver o problema. Você tem razão; não temos condições de continuar com essa água salobra em Jericó.

Os anciãos da aldeia cercaram Eliseu e o guiaram pela empoeirada estrada abaixo, rumo à cidade. Natã caminhava o mais perto que podia do grupo de anciãos, e especialmente do profeta. Não queria perder um detalhe.

Próximo aos arredores de Jericó, a multidão diminuiu o passo e então parou no poço da cidade. O poço era cercado por muitas palmeiras, e uma pedra redonda e achatada ficava ao lado dele, para onde era movida todas as manhãs quando as mulheres chegavam para tirar a água do dia. Era óbvio que aquele poço era razoavelmente raso, pois o buraco até a fonte era pequeno, com uma parede de pedras que fora levantada ao redor dele. Não havia nenhum degrau para descer dentro do poço, como é o caso daquele da fonte de Gion, em Jerusalém.

O ancião alcançou um jarro de barro, que tinha uma corda atada à sua alça, e desceu o jarro para dentro da boca do poço. Depois o puxou para cima outra vez, e mergulhou nele uma caneca feita de latão, tirando-a cheia de água. Por fim, a entregou para Eliseu.

– Prove, mestre Eliseu – disse o homem. – Viu como é? A água é amarga e tem um gosto desagradável que permanece na boca muito tempo depois de beber. Amamos a cidade pela boa localização e o clima ameno durante todo o ano. Mas a terra está improdutiva para a maioria das safras, e julgamos que a água tem alguma coisa que ver com isso. Deve ser a maldição.

Natã observava enquanto o profeta bebericava um pouco de água.

– É, a água está realmente ruim. – Eliseu despejou no chão o resto da água da caneca, porém o ancião continuava a falar como se quisesse desabafar algo do fundo do peito.

– De acordo com a Palavra de Deus, a maldição de Josué tem estado nesta cidade por mais de 500 anos. Desde que a cidade foi conquistada pelos exércitos de Israel, quando nossos pais cruzaram o Jordão pela primeira vez, Israel foi proibida de reconstruir a cidade como uma fortaleza. Porém, mais ou menos 20 anos atrás, Hiel de Betel decidiu reconstruir a cidade de qualquer maneira. Com a aprovação do rei Acabe, é claro. Ninguém nunca teve coragem

de fazer tal coisa. Todos temiam a antiga maldição; portanto, Hiel tentou quebrá-la, sacrificando os dois filhos: um quando ele lançou os fundamentos da muralha, e o outro quando os portões foram levantados.

– Entretanto, já nos livramos de todos os ídolos da cidade, conforme o profeta Elias havia mandado – explicou Gesan. – Nós levamos nossos postes-ídolos de Baal e Astarote para fora da cidade e os queimamos lá nos desfiladeiros. Contudo, ainda podemos sentir a maldição de nossos pais manifestada nas águas, e gostaríamos de saber se há alguma coisa que você possa fazer para nos ajudar – suplicou ele. – Dizem que o poder de Deus em você é forte, assim como era no profeta Elias.

Eliseu refletiu por um momento e então pôs a mão no ombro de Gesan.

– Traga-me uma tigela nova com um pouco de sal dentro dela.

– Sal? – O ancião de barbas brancas fitou Eliseu; porém, o profeta não deu mais nenhuma explicação. O homem idoso abriu a boca para dizer mais alguma coisa; no entanto, virou-se e gesticulou para uma mulher que estava por perto.

A mulher saiu apressada e logo voltou com um pouco de sal dentro de uma pequena tigela de barro. Ela entregou a tigela para Gesan, e depois recuou respeitosa, para ver o que iria acontecer.

Eliseu sorriu, pegou o sal e avançou em direção ao poço novamente. Elevou rapidamente os olhos aos céus, e depois virou a tigela com o sal dentro do poço.

– Isto é o que diz o Senhor: Eu sarei estas águas! – anunciou o profeta para que todos ouvissem. – Nunca mais causarão morte ou tornarão a terra improdutiva.

À medida que os murmurinhos de surpresa se espalhavam pela multidão, Natã reparou que os olhares que outrora eram de curiosidade foram sendo substituídos por expressões de reprovação.

O que eles estão pensando? Estão zangados com o profeta, ou estão apenas com medo de que ele esteja brincando? Será que estão achando que Eliseu lhes alimentou as esperanças, mas que a água ainda pode estar amarga?

Ninguém se movia, e Natã pensava sobre o que aconteceria em seguida. De todas as coisas possíveis, o profeta despejara no poço justo sal. Por que ele faria isso? Não pioraria a qualidade da água ainda mais? E o profeta Eliseu dissera que Deus iria sarar as águas. O que ele queria dizer com isso? Deus realmente iria fazer com que as águas se tornassem boas outra vez, ou isso seria apenas algo simbólico?

Natã não sabia o que pensar. Muitas pessoas estavam comentando que

Eliseu havia secado o rio Jordão para poder atravessá-lo. Agora Natã se perguntava se o profeta usara ali no poço mais um pouco daquele poder, para fazer alguma coisa com a água. Natã nunca havia visto ou ouvido coisas tão estranhas em toda a sua vida. Porém, ele tinha apenas 12 anos.

Entretanto, o profeta não esperou Natã pensar mais sobre aquilo, pois já abaixava o jarro de barro para dentro do poço outra vez. Quando Eliseu puxou o jarro para cima novamente com água pura e fresca até a borda, mergulhou a caneca de latão na água e entregou a Gesan.

O homem idoso tomou a caneca e deu uma olhada para a multidão como se ele mesmo estivesse sendo testado. Todos prenderam a respiração à medida que ele virava a caneca de latão e bebia cautelosamente. Então, um grande sorriso lhe saiu dos lábios e ele ergueu a caneca ao ar.

– A água está doce! – ele gritou. – Está boa! O Senhor de fato sarou as águas conforme Eliseu disse que Ele faria.

De repente, todos correram em direção ao poço, pegando a caneca e o jarro para experimentar a água nova. Levaram seus jarros e seus odres para enchê-los de água fresca. Naquela tarde, ouviram-se gritos de alegria no ar, e alguns começaram a cantar uma antiga canção hebraica. As pessoas dançavam como se fosse um feriado, e em seguida toda aquela multidão escoltou Eliseu de volta à escola dos profetas.

“Foi um dia e tanto”, Natã concluiu enquanto seguia a multidão de volta para a escola em Gilgal. Primeiramente, os rapazes haviam retornado com notícias de um milagre no Jordão, e agora, por causa do profeta Eliseu, o poço de Jericó tinha água pura novamente. Era tudo tão maravilhoso! Não havia dúvidas na mente de Natã de que aquele fora um milagre, mas como o profeta fizera aquilo? Será que era mais uma manifestação do poder que Eliseu manifestara no Jordão quando abrira um caminho por entre as águas?

E, então, Natã pensou em outra coisa: O milagre no poço tem alguma coisa que ver com o manto do profeta? Natã prestava atenção em Eliseu, que ia andando com a multidão. Ele não estava usando o manto agora, mas o carregava pendurado em seu braço. O profeta havia usado o manto para dividir as águas no Jordão e também estava vestido com ele lá no poço. Será que Deus estava usando aquele manto como um símbolo de Seu poder? Ele já havia utilizado símbolos como aquele durante o curso da história para executar milagres em favor de Seu povo. Moisés e Arão usaram um cajado para demonstrar o poder de Deus no Egito e no deserto. O cabelo de Sansão o munira de forças para libertar Israel dos inimigos. Estaria aquele manto funcionando como algo desse

tipo para Eliseu ali em Jericó?

Natã sabia que o mais importante não era como Deus realizava os milagres. O que importava era que eles estavam acontecendo, e a fé daquelas pessoas estava crescendo por causa desses milagres. “Isso é tudo o que realmente importa”, ele raciocinou. Apenas Jeová, o Deus verdadeiro, poderia fazer coisas tão assombrosas assim, e essa era a parte emocionante. Porém, Natã estava curioso por saber o que aconteceria depois. Será que o profeta Eliseu faria mais milagres? E o manto teria alguma coisa que ver com eles?

Naquela noite, todos celebraram no extenso pátio da escola. Como forma de agradecimento pelo extraordinário milagre que Eliseu fizera no poço, as pessoas de Jericó foram até a escola dos profetas levando todos os tipos de comida. Havia uma panela gigante de ensopado de lentilha temperado com alho, cebola e tomilho. Pilhas de pão estavam sobre a mesa, e havia muito queijo de cabra. Gesan havia abatido um bode para o banquete, e alguém até levou um pouco de peixe seco, importado especialmente do Mar de Quinerete, ao norte.

E havia boa música. Uma fogueira foi construída no meio do pátio, e os rapazes tocaram seus instrumentos. Todos deram as mãos fazendo um grande círculo e manifestaram muita alegria da forma que era comum aos hebreus.

À medida que caía a escuridão, todos se reuniram em volta da fogueira para escutar os anciãos contarem suas histórias. Natã adorava esse período do dia, especialmente depois de um banquete como aquele. A narração de histórias era uma arte antiga entre os anciãos. Alguns eram melhores nisso do que outros; porém, não importava quem fosse contar as histórias, era sempre interessante ouvir sobre os dias remotos.

O tio Fineias levantou-se e deu a todos as boas-vindas. Então, virou-se com respeito para o santo homem entre eles:

– Profeta Eliseu, conte-nos uma história. Conte-nos sobre as aventuras do mestre Elias, quando ele estava em suas missões para reavivar o nome de Deus na terra de Israel.

## Capítulo 8

O profeta Eliseu fez que sim para o tio Fineias e sorriu.

– Tudo bem – começou ele com sua voz suave ao virar-se para observar a fogueira por um momento.

– Anos atrás, antes de eu ter nascido, nossos antepassados enfrentaram tempos difíceis em sua história. A Palavra de Deus era rara naqueles dias. Não havia muitas visões da parte de Deus, e poucos eram os profetas do Senhor em um período bem espaçado de tempo. Aqueles foram dias tenebrosos! – Eliseu completou. – A vida era considerada de pouco valor, e ninguém sabia o que esperar do rei e do governo. A nação de Judá, ao sul, também recebera sua razoável porção de desgraças. Porém, o reinado de Israel, no norte, havia tido um rei pior que o outro.

– O rei Jeroboão foi um fracasso desde o começo, e os quatro reis seguintes foram tão maus quanto ele. Mas, quando Onri subiu ao trono, ele fez pior do que todos que foram antes dele, adorando os deuses da Fenícia, e até mesmo sacrificando pessoas em honra a esses deuses.

Natã tremeu só de pensar. “Como as pessoas são capazes de sacrificar outras a deuses de madeira e pedra? Esperava-se que Israel fosse um país que conhecesse e adorasse a Jeová, o único Deus verdadeiro.”

– Porém, apesar de seus defeitos, o rei Onri era um líder forte – continuou Eliseu – e um poderoso guerreiro. Ele fez muita coisa para que Israel prosperasse. Conquistou as nações circunvizinhas, depois fortificou as fortalezas de Israel e colocou tropas de soldados em cada cidade de fronteira. Além disso, construiu a cidade de Samaria, transformando-a posteriormente em sua capital. Porém, seu reino durou apenas 12 anos, e então seu filho Acabe subiu ao poder. Foi aí que o profeta Elias começou o trabalho dele. Naqueles dias, a palavra de Deus veio a Elias, o Tesbita, da terra de além-rio chamada Gileade. O Senhor lhe disse: “Vá até o palácio do rei Acabe em Samaria e diga-lhe que, por causa de sua grande perversidade, não haverá chuva nem orvalho pelos próximos anos, a não ser que Eu assim diga.”

Natã apreciava essas histórias sobre Elias. Já escutara a maioria delas quando ainda era bem menino, mas não se cansava de ouvi-las, principalmente quando era um homem de Deus que as narrava. E Eliseu era definitivamente um homem de Deus. Ele não tinha secado as águas do Jordão com o poder de

Deus? E ainda havia pouco não tinha tornado a água do poço de Jericó doce e potável?

– É claro, o profeta Elias sabia que ir até o palácio real em Samaria poderia ser perigoso. – Eliseu pegou um pequeno graveto e cutucou a fogueira. – Nunca alguém ousara apresentar-se diante do rei se não fosse convidado, e nunca com tantas más notícias. O rei Acabe era um homem mau como seu pai, e também um adorador dos deuses trazidos da Fenícia: Baal e Astarote.

Eliseu deu uma olhada para o círculo de ouvintes ao redor.

– Mas o rei Acabe não representava nem metade da ameaça que era a esposa dele. A rainha Jezabel é filha de Etbaal, sumo sacerdote de Baal na cidade de Tiro. Ela é a verdadeira razão pela qual Baal e Astarote tornaram-se tão populares em Israel. Em comparação com seu pai, o rei Acabe era um homem fraco e apenas uma marionete nas mãos de tal mulher. Quando estava perto dela, o rei Acabe era um covarde.

Natã estava impressionado pelo profeta Eliseu dizer essas palavras sobre a rainha Jezabel e os reis de Israel. Será que ele não temia pela própria vida? Naturalmente. Agora o rei Acabe já era falecido, mas seu filho, o rei Jorão, estava vivo. E é claro que também havia a rainha. Ela era idosa, mas, se as palavras que Eliseu dissera chegassem até o palácio, a rainha ou o filho poderia mandar executar Eliseu sob a acusação de traição. O menino atentava para o profeta enquanto este continuava com a história. Era evidente que Eliseu não sabia o perigo que corria. Só podia ser isso, ou então ele simplesmente não estava preocupado. Natã tinha que admirar a coragem do profeta. Entretanto, não gostaria de estar em seu lugar.

– Então o profeta foi ao palácio em Samaria, conforme o Senhor ordenara – prosseguiu Eliseu com a história, lançando o olhar sobre os rostos ao redor da fogueira. – Ao adentrar Elias pelos portões da cidade, ninguém suspeitou de sua missão. Ele tinha uma barba espessa e uma cabeça bem cabeluda; portanto, deveria ter chamado a atenção de alguém. Mas não chamou. E, quando ele chegou aos portões do palácio, alguém também deveria tê-lo reconhecido. Como ele conseguiu entrar a partir daí, ainda é um mistério. Ele passou direto pelos oito guardas parados no portão, e seguiu ao tanque de Samaria, que se estende até o corredor central do palácio de Onri. E passou também pelo próprio guarda-costas do rei, que vigiava o interior do palácio. Antes que alguém percebesse o que estava acontecendo, o profeta Elias já tinha entrado pelos corredores com pisos de mármore e ido até a sala do trono real, onde o rei todos os dias se reúne e toma conselhos. E agora lá estava ele diante do trono do rei

com a mão apontada para os céus. “Rei Acabe, o Senhor não está contente com você!”, Elias bradou com os olhos em chamas. “Você e a rainha Jezabel não apenas adoraram a Baal, mas levaram todo o Israel para o mesmo caminho. Por essa razão, você foi julgado. Assim como vive o Senhor Deus de Israel, perante cuja face eu estou, de hoje em diante não haverá nem orvalho, nem chuva, conforme a minha palavra.”

Natã prendeu a respiração. Essa era a hora que a história sempre ficava emocionante.

– Essas palavras do profeta enfureceram o rei, como tenho certeza que podem imaginar – Eliseu disse com um pequeno sorriso ao arremessar na fogueira do pátio o graveto que segurava. Um estouro de faíscas subiu ao ar daquela noite escura, enquanto ele acrescentava: – Como poderia um pobre homem humilde como Elias, que trajava apenas uma grosseira túnica de pelos de cabra e um cinto de couro em volta da cintura, ousar amaldiçoar o rei dessa maneira? Suas palavras, é claro, vieram diretamente do Céu, fazendo Acabe ficar ainda mais assombrado por causa disso. O rei e seu guarda-costas ficaram tão espantados quando perceberam que Elias atravessara todas aquelas sentinelas que, por um momento, ninguém sabia o que dizer. E foi aí que o profeta virou e foi-se embora. Num piscar de olhos, ele já estava fora da sala do trono de ouro e marfim, já havia passado pelos guardas no portão do palácio e atravessado as multidões no mercado até os portões de Samaria. Quando o rei percebeu, Elias já tinha sumido.

Natã ouvia com atenção.

– “Parem esse homem!”, finalmente o rei gritou nervoso. Mas era tarde demais. Elias estava a caminho do deserto, onde se esconderia dos furiosos patrulheiros do rei que certamente o seguiriam. E, de fato, o seguiram. Correram com seus cavalos para cima e para baixo das principais estradas do vale de Jezreel, e até pela estrada sobre as montanhas rumo a Jerusalém. No entanto, por mais que tenham tentado, não conseguiram encontrar Elias. Ninguém sabia para onde ele tinha ido. Mas Deus sabia onde ele estava. Por mais de um ano, o profeta Elias se escondeu em um desfiladeiro de montanha que ficava nas florestas do vale do Jordão, próximo ao Mar Morto. Dormia em terreno descampado, sem nada, a não ser a sua capa para se cobrir durante a noite. Bebia as águas puras e frescas do ribeiro de Querite, e o Senhor miraculosamente o alimentava. Todas as manhãs e tardes, corvos desciam voando por sobre aquelas paredes íngremes do desfiladeiro, levando comida ao profeta. É claro que as chuvas cessaram, conforme o profeta dissera. Tudo no

país havia se tornado seco. As plantações não produziam nada, as árvores perderam todas as suas folhagens naquele verão e todos os córregos e nascentes secaram. Até o rio Jordão abaixara seu nível. Na verdade, estava tão baixo que finalmente virou um pequeno riacho, que fazia seu sinuoso curso pelo vale. Para toda a população em Israel, o estoque de comida tornou-se escasso, e então os animais começaram a morrer de fome. Até mesmo na outrora fértil planície de Jezreel e no próspero vale do Jordão, havia agora apenas um pequeno e precioso pasto para os animais se alimentarem. E, quando comeram aquela grama restante, não cresceu mais nada lá, pois não chovia.

Natã apressou-se para se aproximar um pouco mais da cálida fogueira, enquanto escutava a história. O ar daquela noite não estava gelado, mas, perto da fogueira com a fumaça que subia espiralando das chamas, os mosquitos não incomodavam tanto. O menino cruzou as mãos sobre os joelhos e tinha os olhos fitos na fogueira, ao imaginar mais uma vez os detalhes da história. Natã já era nascido na época da terrível seca que Eliseu mencionara; porém, era pequeno e não lembrava muito bem. Recordava que quase todos os poços tinham secado, e que havia muito pouco alimento disponível. O tio Fineias ainda falava sobre isso algumas vezes, e sua mãe também contava histórias sobre essa fase. Contudo, ele nunca tinha ouvido essa parte sobre o profeta Elias se esconder na beira de um riacho. Era emocionante para Natã a ideia de morar em um desfiladeiro deserto e ser totalmente dependente de Deus para se alimentar e beber.

O profeta Eliseu deu uma olhada para os rostos ao redor do círculo novamente.

– Deus é bom – continuou ele. – Lá estava o homem de Deus, fugindo para se refugiar e salvar a vida em face da ira do rei, e o Senhor o protegeu, providenciando para ele uma casa no deserto durante a seca devastadora. Enquanto todos chegavam a passar sede, ele possuía uma provisão regular de água, e recebia comida duas vezes por dia. O que mais poderia se pedir em tempos difíceis? Mas, sem a chuva, até o pequeno riacho, à beira do qual Elias estava acampado, também secou.

Natã pensava naquela parte da história. Por que Deus permitira que o riacho secasse quando Elias precisou de água? Será que a seca era demais para Deus? Não parecia ser plausível que Jeová, o Criador dos Céus e da Terra, fosse impotente para controlar o clima. Natã sabia que aquele tempo sem chuva era uma punição ao povo que adorava Baal. Mas será que o riacho seco era um teste para Elias também? Ou Deus tinha um plano totalmente diferente para o

profeta? O menino tinha tantas perguntas que queria fazer ao profeta Eliseu, mas, é claro, ele não ousava. Interromper um narrador no meio de sua história era falta de educação.

## Capítulo 9

– Então o Senhor disse ao meu mestre que saísse de seu esconderijo – falou Eliseu, como que respondendo aos pensamentos de Natã –, e mandou que ele viajasse rumo ao norte, para o litoral de Sidom em direção à terra dos fenícios. “Eu preparei um lugar para você morar na casa de uma viúva na cidade de Sarepta”, ele disse a Elias. “Ela lhe dará comida e um lugar para ficar enquanto você estiver lá.” Assim, o profeta fez a jornada a pé, atravessando os vales do Jordão e de Jezreel e passando pela costa rumo à Fenícia. E aconteceu exatamente conforme o Senhor dissera. Ao se aproximar da cidade, Elias reparou que lá fora havia uma mulher e um menino ajuntando gravetos. O homem de Deus estava sedento e faminto após sua longa caminhada; por isso, gritou para a mulher: “Por favor, traga-me um pouco de água.” Ela apressou-se para buscar a água, de acordo com o costume de sua cultura.

Eliseu fez uma pausa e então explicou:

– Até mesmo os estrangeiros em nossos portões são bem-vindos e tratados com hospitalidade e cortesia. Porém, à medida que essa mulher seguia em direção ao poço a fim de tirar um pouco de água para o profeta, ele gritou para ela: “Por favor, traga-me um pedaço de pão também. Estou com tanta fome!” A mulher parou de repente diante desse pedido e lentamente virou-se para o menino. Elias imaginou que era filho dela. O homem de Deus sabia bem o que ela pensava, e o quão difícil seria para ela até mesmo considerar uma coisa dessas. Ela estava para morrer de fome, e ele pedia que ela lhe desse comida? Eram tempos difíceis. O profeta compreendeu o olhar de tristeza nos olhos da mulher. Ela e o filho não passavam de pele e osso.

Natã ficou em suspense, enquanto ouvia a continuação da história.

– “Assim como vive o Senhor seu Deus, eu não tenho pão nenhum. Na verdade, tenho apenas um punhado de farinha e um pouco de azeite no jarro”, a mulher disse, segurando alguns gravetos em suas mãos. “Está vendo? Estou ajuntando uns poucos gravetos para entrar e preparar o restante da farinha para mim e meu filho. Essa será nossa última refeição, e então morreremos.”

Natã considerou Eliseu um dos melhores contadores de histórias que já ouvira. O profeta sabia mesmo como contar uma história com toda a emoção e suspense. Porém, as histórias eram todas verdadeiras, e isso as tornava ainda mais interessantes.

– “Não se preocupe!” – Eliseu citou as palavras do profeta Elias. – “Vá em frente, e faça conforme você disse. Porém, primeiro prepare um pequeno pedaço de pão com a farinha e entregue a mim. Depois, você pode fazer um pouco mais de pão para você e para seu filho.”

Natã não pôde evitar o choque que tais palavras lhe causaram. Estava ouvindo essa história pela milionésima vez, mas nunca havia entendido essa parte. Como o profeta Elias pôde dizer uma coisa dessas para a mulher? Natã sabia que, na cultura israelita, os homens sempre eram servidos primeiro, mas dizer isso daquela maneira fez com que o santo homem parecesse tão egoísta! “Dá-me primeiro um pequeno pedaço.” Por que Elias diria aquilo? No entanto, Eliseu continuava com a história, e Natã sentia que a qualquer momento ouviria a resposta para sua pergunta.

– “Não se preocupe!” – Eliseu repetiu as palavras que deixaram o profeta Elias famoso. – “Porque o Senhor Deus de Israel prometeu que a farinha não será esgotada, nem o jarro de azeite se esvaziará, até o dia em que o Senhor mandar chuva sobre a terra outra vez.”

Eliseu fixou os olhos no escuro céu e continuou falando:

– Então, ela fez como Elias havia pedido, e a coisa mais maravilhosa aconteceu. Na manhã seguinte, quando ela foi checar o jarro de azeite e o pote de farinha, que deveriam estar vazios, havia o suficiente para fazer o pão do dia. Na realidade, havia mais do que o necessário. Ela ficou pasmada e correu até o profeta Elias para contar-lhe as boas-novas. Meu mestre apenas sorriu, como se já soubesse o tempo todo o que iria acontecer. Claro que sabia. Prometera uma bênção à viúva, pois Deus assim o tinha instruído a fazer. Por que o Senhor não a recompensaria pela sua bondade e generosidade?

A fogueira já estava se apagando quando o profeta concluiu a história.

– E o Senhor continuou a abençoar a mulher e seu filho. Houve suprimento de azeite e farinha dia após dia, e todos eles comiam até se satisfazerem. Ela, o filho e o profeta comeram pão por muitos dias. Para dizer a verdade, Elias ficou ali com eles por mais de dois anos. E por causa da compaixão da mulher pelos outros, e por sua fé em Deus, a farinha não se acabou. O jarro de azeite não secou. Tudo aconteceu exatamente como Deus disse que aconteceria.

Natã sorria de orelha a orelha quando a história terminou. Percebia a confiança na voz de Eliseu e a profundidade de sua fé em Deus. Podia ver o brilho nos olhos do profeta, e isso fez o menino sentir-se seguro nesse Deus que podia fazer milagres por meio de Seus servos, os profetas. Ora, ali estava um

homem santo, um novo profeta que ficara no lugar do profeta Elias, e que já estava fazendo coisas maravilhosas em nome de Deus. Natã queria que o profeta Eliseu contasse histórias a noite inteira, mas sabia que, após um longo dia, todos estavam cansados, especialmente ele e Rubens. Afinal, haviam percorrido com seu tio Fineias todo aquele caminho desde Betel.

Antes de o tio Fineias seguir para a casa dele, disse para Rubens e Natã que eles poderiam passar a noite na escola. O diretor deu esteiras de dormir para os dois meninos e os acomodou no prédio principal da escola. Com as noites amenas no Vale do Jordão, dormiriam melhor. Os meninos conversaram um pouco sobre como era crescer em Israel, onde o culto a deuses falsos parecia ser parte da rotina das pessoas.

– É uma pena que tivemos tantos reis maus em Israel – bocejou Rubens, sonolento –, mas louvado seja o Senhor nosso Deus por Elias e Eliseu, e pelas escolas dos profetas. Se não fosse por elas, eu não teria chance de vir a Jericó para trabalhar e talvez nem a possibilidade de frequentar as aulas na escola.

De repente, Natã entristeceu-se só de pensar nisso. Será que as coisas seriam iguais em Betel, agora que Rubens sairia de casa? Ele e Rubens haviam perdido o pai, e agora sua família estava à beira do desamparo. Natã deveria voltar para Betel sozinho, onde havia poucos israelitas dedicados ao culto de Jeová, o único Deus verdadeiro. E isso significava que Natã teria de enfrentar sozinho Anzi e sua gangue. Será que ele conseguiria? Ele não sabia, mas só de pensar nisso já ficava assustado.

Natã queria conversar com Rubens sobre tudo que acontecera naquele dia; porém, Rubens já estava roncando. Contava as estrelas no céu para tentar dormir, mas sua mente estava acelerada com a lembrança das histórias que Eliseu contara ao redor da fogueira naquela noite. Pensava especialmente na visita-surpresa do profeta ao palácio do rei Acabe e sua ousada declaração de que Israel padeceria uma seca. O país de Israel estivera sob condições de extrema inanição por mais de três anos. Porém, durante esse tempo, Deus protegera Elias, primeiro em um vale ao leste de Jericó, e depois com uma viúva que morava na cidade de Sarepta.

Natã já ouvira muitas dessas histórias antes, mas nunca com tantos detalhes. Aquela da farinha da viúva e da frequente multiplicação do azeite foi incrível. Natã não achava que tais coisas fossem impossíveis, apenas nunca havia ouvido os relatos serem contados tão vividamente. O profeta Eliseu trouxe vida à história como se ele mesmo a tivesse presenciado.

No entanto, as notícias de que o profeta Elias havia sido levado para o Céu

em uma carruagem de fogo eram quentinhas. Esse fato maravilhoso ocorrera três dias antes, mostrando que Deus realmente estava entre o Seu povo. Jeová, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, concedera a Elias a recompensa eterna por seus anos de fiel serviço.

Quanto mais Natã aprendia sobre o profeta Elias, mais ficava impressionado. O seu poder vindo dos Céus havia sido algo célebre, e agora parecia que o profeta Eliseu possuía também o mesmo poder. Ele não tinha secado as águas do Jordão assim como fizera Elias? E naquela tarde havia tornado as águas da fonte de Jericó potáveis e doces. De acordo com os rapazes da escola, a água estivera sob maldição por tanto tempo que ninguém mais acreditava que serviria para beber novamente.

Sem dúvida nenhuma, Eliseu estava continuando de onde o famoso profeta Elias havia parado. Todos diziam que ele assumiria a direção de todas as escolas de profetas. Havia várias escolas de profetas em Israel. Essa perto de Jericó fora construída sobre doze pilares no santuário de Gilgal, estabelecida pelo próprio general Josué. Por mais de cinco séculos, o lugar continuava sendo considerado sagrado. Também havia uma escola em Quiriate-Jearim, outra em Ramá e, é claro, a de Betel.

Natã finalmente estava ficando sonolento. Eliseu, de fato, era um homem maravilhoso, e Natã se perguntava se em breve o profeta faria mais milagres como aquele no rio e no poço. Será que ele usaria o manto? Natã presenciaria Eliseu realizar os milagres? Mas Natã só chegou até aí. De repente, adormeceu profundamente, sonhando com soldados correndo pelo chão de mármore do palácio, com pássaros deixando cair pão do céu, e com carruagens de fogo subindo em giros até as nuvens.

## Capítulo 10

– Levante-se! Levante-se! – alguém chacoalhava Natã. O menino tentou acordar e ficar lúcido, mas seus olhos se recusavam a abrir. Estariam atrás dele os furiosos soldados do palácio do rei Acabe? Seriam Anzi e os meninos malvados de Betel? Nada parecia fazer sentido para Natã.

Então, de repente, estava acordado. O sol já havia despontado, e Rubens sacudia o ombro do irmão.

– Você é a pessoa mais difícil de acordar, Natã! – exclamou Rubens. – Levante-se! Tenho certeza de que os garotos da escola já fizeram o desjejum. Vamos parecer crianças levantando a essa hora.

– Mas nós *somos* crianças – disse Natã, esfregando os olhos sonolentos.

– Bem, talvez você até seja, mas eu não posso mais me dar ao luxo de ser uma criança. Tenho que começar a trabalhar hoje como aprendiz do tio Fineias na olaria.

– Ah, é – foi tudo que Natã conseguiu dizer. O menino lembrou-se repentinamente de que Rubens não iria com ele quando chegasse a hora de voltar para casa em Betel. Esse pensamento o entristeceu novamente; porém, não teve nem tempo de sentir-se para baixo. Era legal demais estar na escola de profetas. Havia coisa por demais acontecendo ali em Gilgal para que ele ficasse triste por mais tempo. Especialmente com o profeta Eliseu por perto. Natã ficava arrepiado ante a expectativa de apenas ficar perto do homem de Deus. Não podia se lembrar de ter se divertido tanto havia muito tempo.

Os meninos apressaram-se para o desjejum, e, assim como temia Rubens, eles estavam atrasados. Os rapazes da escola tinham quase acabado com os pães e os figos que o cozinheiro colocara sobre a mesa. Natã pegou o último pedaço de pão, e Rubens ficou sem fruta alguma.

O tio Fineias passou por lá e deu uma piscadela para os meninos.

– Vocês devem ter dormido bem essa noite, não é, meninos?

– Sim, senhor, nós dormimos – murmurou Rubens entre os bocados de pão. – De agora em diante, vamos dar um jeito de acordar na hora.

– Bem, eu não me preocuparia tanto com isso – sorriu o tio Fineias. – Ontem foi um dia incomum para vocês dois. Mas será importante que você comece a trabalhar cedo a partir de amanhã. Os dias podem ficar bem quentes quando se está trabalhando com o torno de olaria. – Ele deu um tapinha no

ombro de Rubens. – Preciso ir até cidade a negócios hoje, e quero que você venha comigo, Rubens. Natã, você pode ficar aqui na escola. Falei com o profeta, e ele disse que você pode assistir às aulas nesta manhã. Com certeza você vai aprender algo.

O tio Fineias tinha novamente um olhar distante.

– Estou feliz por você ter a chance de passar um tempo aqui na escola, Natã. Eu mesmo gostaria de ter tido essa oportunidade quando era jovem. Hoje voltarei mais tarde – disse finalmente. Com isso, ele e Rubens saíram.

Natã refletia sobre o que seu tio havia dito. Perguntava-se o que havia acontecido que impedira o tio de frequentar a escola ali em Gilgal. Porém, agora não tinha mais tempo para pensar nisso, pois os outros rapazes que estavam às mesas haviam terminado o desjejum e retiravam-se para a sala de aula.

Natã seguia os rapazes enquanto eles atravessavam o pátio em filas. Se corresse, talvez conseguisse pegar um bom lugar na sala.

Quando chegaram à sala de aula, o menino achou um lugar para sentar-se de pernas cruzadas no chão, quase na frente. Como queria que o profeta Eliseu viesse para a aula e contasse mais algumas de suas histórias! Mas sabia que isso era demais para se esperar. O profeta era um homem ocupado. E, além disso, aulas desse tipo provavelmente nem deveriam ser divertidas, imaginou ele.

Natã deu uma olhada ao redor da pequena sala e notou que estava completamente sem mobília. Todas as paredes pareciam iguais: tijolo de barro rebocado com mais barro. A parede da frente da sala era pintada de branco. Pôde perceber que eles a usavam para escrever sobre ela, e depois a pintavam por cima outra vez sempre que queriam uma superfície branca. Assim como a casa de Natã em Betel, o piso da sala de aula também era feito de chão batido. O chão era liso o bastante para se varrer nos dias secos, e o telhado era feito de palha e ramos entrelaçados com barro seco, e tinha mais ou menos 25 centímetros de espessura.

– Paz seja com vocês! – Os garotos todos se puseram em pé quando o profeta Eliseu entrou na sala.

– Paz seja contigo – os rapazes repetiram em coro, e, então, todos se assentaram no chão novamente.

– Bem-vindos a mais um dia de aula sobre as histórias dos profetas – continuou Eliseu. – Oro para que cada um receba a bênção que Deus planejou para vocês neste belo dia.

“É o profeta mesmo que vai dirigir a aula hoje?” Natã estava curioso.

Aquilo seria uma tremenda sorte para o menino, mas o profeta também não tinha que auxiliar as outras escolas de profetas? Com certeza ele tinha que se ausentar de Gilgal parte do tempo.

A escola de Betel não era longe da casa de Natã; porém, o menino havia estado lá apenas algumas vezes. Desde que seu pai falecera, sua mãe nunca mais tocara no assunto da escola, e poucas pessoas na cidade de Betel falavam sobre ela, a não ser para zombar dela. Assim como Anzi e sua gangue, as pessoas de Betel pareciam ser inimigas de tudo aquilo que a escola defendia: um estilo de vida humilde, o estudo dos sagrados escritos antigos e, é claro, o culto a Jeová, o único Deus verdadeiro.

Porém, o profeta já estava respondendo à pergunta de Natã.

– Eu também sou abençoado por Deus, pois tenho a oportunidade de ficar alguns dias aqui na escola com vocês, rapazes – continuou ele. – Logo preciso partir lá para as escolas em Ramá e Betel, mas espero aproveitar ao máximo o nosso tempo juntos aqui em Gilgal.

Sentado, Natã endireitou a postura. Afinal, ele ouviria mais histórias a respeito do profeta Eliseu. Isso era bom demais para ser verdade. Existiria agora algum menino mais sortudo que Natã em todo o Israel?

– Pensei em continuar de onde parei na noite passada, na saga do profeta Elias – disse Eliseu com um brilho distinto nos olhos. – Seus dias em Sarepta são um bom ponto de partida.

Natã observava o jovem profeta enquanto ele começava a história. Eliseu não usava agora seu manto nem seu turbante, e Natã pôde perceber que ele não tinha muito cabelo no topo da cabeça. Isso era raro para um homem jovem em Israel. Eliseu tinha rugas ao redor dos olhos, como se ele risse muito. Ou será que era por que passara muito tempo trabalhando embaixo do sol? Ou quem sabe ambos?! E ele vestia a mesma cor de túnica do dia anterior, cinza. Talvez aquela fosse a única que possuísse. O povo pobre tinha geralmente uma só túnica boa para usar em público, e o cinza era uma cor comum.

– A viúva com quem Elias fora morar na cidade portuária já tinha sido uma mulher de posses – começou o profeta. – Ela e seu marido tinham sido donos de um próspero negócio. Teciam finas roupas e tingiam-nas de púrpura, conforme as pessoas ao longo da costa frequentemente faziam. No entanto, estavam afundados em dívidas, e, quando veio a fome, a situação piorou e acabaram falindo. Ninguém tinha dinheiro para comprar as roupas que eles fabricavam, e o rei parou de fazer pedidos da cara tintura púrpura que fabricavam a partir de moluscos do mar. E então o homem morreu, deixando a

mulher desamparada com um filho para sustentar. Por causa da bondade da viúva para com o profeta Elias durante a seca, o Senhor multiplicou o suprimento de azeite e farinha dela. Nós falamos sobre isso ontem à noite. Porém, esse não foi o fim das bênçãos para ela – disse Eliseu. – Deus começou a abençoá-la de várias maneiras. Não havia dúvidas na mente dela de que isso era devido à estada do profeta em sua casa, em um quarto na varanda do andar superior, que dava vista para o pátio.

## *Capítulo 11*

– Pouco a pouco, as coisas começaram a melhorar – o profeta Eliseu prosseguiu narrando a história. – Embora não houvesse chuva e os dias continuassem difíceis, a mulher conseguiu, de alguma forma, cultivar uma pequena horta em seu quintal. Agora havia também um pouco de alho-poró e feijão para comerem com o pão que a viúva fazia diariamente com a farinha e o azeite que Deus continuava a providenciar. E, posteriormente, ela arranhou um trabalho como cozinheira para um comerciante dirigente de uma hospedaria que ficava ao longo da estrada para o palácio. Já fazia agora mais de dois anos que Elias morava ali, e, como já era de se esperar, ela passou a adorar a Jeová, o Deus de Israel.

Natã prestava atenção a cada detalhe da história.

– Mas o diabo não estava satisfeito em deixar essa mulher e o filho dela em paz, e um dia outra tragédia aconteceu. O garoto adoeceu gravemente. A mulher ficou fora de si de tanta apreensão. O que seria dela se o único filho morresse? Ficaria completamente só, sem ninguém para cuidar dela na idade avançada. O profeta Elias tinha estado fora por alguns dias e, quando retornou, encontrou o menino morto e a mulher chorando copiosamente como se seu coração fosse se despedaçar. “É assim que o Senhor me retribui a bondade que demonstrei a você?”, reclamava ela entre lágrimas. “Dois anos atrás, quando aceitei você aqui em casa, eu não esperava nada nem de você e nem do Deus que você adora. Sou eu assim tão pecadora que o seu Deus tenha que me punir matando meu filho?”

Natã reparava nos olhos do profeta enquanto ele contava os detalhes da história. O menino podia se identificar com a tristeza que essa mulher devia ter sentido. Seu pai também falecera, ainda que não por doença.

– O profeta ficou tão triste pela mulher! – continuou Eliseu. – Ele também passara a amar o filho dela, mas agora o menino estava morto. Ela chamou seus vizinhos para prantear por seu filho, e todos eles choravam alto, conforme o costume dos pranteadores. Elias não proferiu nenhuma condenação à viúva pela falta de fé dela. Ele não ficara surpreso que ela culpasse Jeová, o Deus de Israel, pela morte do filho. As pessoas na cultura cananita geralmente pensam assim – disse Eliseu. – Acreditam que coisas ruins só acontecem a pessoas más. E o que podemos esperar? Eles adoram a Baal e a Astarote, que são deuses de

pedra e madeira, considerados cruéis e insensíveis.

Natã se perguntava o que aconteceria em seguida. Então, o jovem profeta continuou:

– “Dá-me o teu filho”, disse Elias, pegando o menino em seus braços e subindo os degraus para o seu quarto na sacada. Deitou o menino na cama, ajoelhou-se e derramou o coração diante de Jeová, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. “Ah, Senhor! Isto é uma tragédia terrível, e a mulher pensa que foste Tu que mataste o filho dela. Por favor, Senhor, restaura a vida deste menino, e a fé dela em Ti será restaurada também. Eu sei que não é sempre assim que funciona contigo, Senhor, mas, por favor, atende este pedido hoje por causa dela, para que possa ter paz e volte humildemente a Te adorar. E acima de tudo, Senhor, eu gostaria que esta mulher e os vizinhos dela pudessem Te enxergar como Senhor de todas as coisas, seja nos dias bons ou ruins, na Terra ou nos Céus, na vida ou na morte.” Bem, enquanto orava, o profeta se levantava de tempos em tempos para verificar se o menino estava respirando. Na verdade, ele estirou o próprio corpo sobre o corpo já frio do menino, para ver se havia algum calor no corpo do garoto. Orou três vezes para que o poder de Deus viesse sobre o menino. Três vezes deitou ele sobre o corpo do menino.

Eliseu fez uma pausa na história, e Natã percebeu o silêncio da sala. Parecia que ninguém respirava. Os rapazes que estavam sentados na sala lotada já sabiam como a história terminava, mas desta vez havia algo mais. Podiam sentir o poder de Deus na voz de Eliseu à medida que ele recontava os acontecimentos, e interrompê-lo com uma palavra sequer ou até mesmo um bocejo teria parecido nada mais nada menos do que um sacrilégio.

– E Jeová, o Deus de Israel, atendeu à oração de Elias. – Eliseu completou. – Deus ressuscitou o menino, e Elias desceu com o garoto e o entregou à mãe dele. É claro, a mulher vibrou de alegria e, de início, não sabia nem o que falar. Ela abraçou o menino por muito tempo, enquanto lágrimas lhe jorravam pela face. Ela não conseguia olhar para o profeta Elias, pois estava muito envergonhada por sua falta de fé. Finalmente, ela se ajoelhou quase encostando o rosto no chão. Com voz emocionada, ela disse: “Agora eu compreendo plenamente que você é um homem de Deus, e que Ele fala por seu intermédio. Ele é a Fonte de toda a vida, e você é o profeta dEle.” O profeta a levantou carinhosamente e apontou para o céu. “O Senhor Deus de Israel é a quem você deve agradecer”, ele disse solenemente. “Eu sou apenas um servo dEle, um instrumento em Suas mãos. Louvado seja o Senhor pelo maravilhoso milagre da vida que concedeu a seu filho hoje!” Então a mulher mandou que os

vizinhos parassem de prantear e, em vez disso, os convidou para agradecer a Jeová, o Deus de Israel, por ressuscitar seu filho. E houve música e alegria e até mesmo um pouco de comida para celebrar esse milagre inacreditável.

Natã piscou os olhos, perplexo, quando o profeta Eliseu terminou a história. Essa era uma história familiar, mas ele nunca ouvira a parte em que a mulher se tornava uma crente em Deus antes do milagre, e também não sabia da parte em que o menino estivera completamente morto. Aqueles que antes lhe haviam contado a história fizeram parecer que o menino estava à beira da morte, ou simplesmente inconsciente. Todavia, o profeta Eliseu deixou bem claro que o menino estava totalmente sem vida. Estivera tão morto quanto as folhas secas que caíam no chão durante os gélidos meses de inverno.

A história era impressionante e, sem dúvida, um milagre diretamente vindo do Céu. Que um garoto morto pudesse tornar a viver não era apenas maravilhoso; era absolutamente impossível. No entanto, para Deus todas as coisas são possíveis.

O estômago de Natã começou a roncar, e ele se perguntava quanto tempo ainda faltava para o almoço. Não pudera comer muito de manhã. Tentou ignorar os barulhos de fome que sua barriga fazia. Quanto mais escutava as histórias do profeta Eliseu, mais desejava poder ficar ali na escola dos profetas.

Contudo, óbvio, ele não podia. Era muito novo e sua mãe precisava dele em casa. Havia a escola lá em Betel, mas o menino gostava mais da escola de Gilgal. Quando fosse mais velho, voltaria para Gilgal. Talvez quando tivesse a idade de Rubens. Entretanto, a ideia de ter que esperar tanto fez com que parecesse uma eternidade. Estava tão longe!

– Bem, acredito que finalizamos nosso encontro da manhã. – Natã ficou surpreso em ouvir o profeta Eliseu dizer. – Estou sentindo o cheirinho do almoço – acrescentou o homem de Deus, enquanto esfregava as mãos uma na outra. – Vamos comer! Que as mais ricas bênçãos de Deus estejam sobre vocês ao comerem e se estendam aos seus afazeres desta tarde!

## Capítulo 12

Depois do almoço, Natã dirigiu-se à madeireira a fim de trabalhar com os dois rapazes que conhecera no dia anterior. Haran e Gamás conversavam sem parar sobre tudo o que tinham ouvido em classe naquela manhã. Na maioria do tempo, Natã apenas escutava, enquanto usava uma plaina para alisar a superfície áspera da nova mesa de madeira que fabricavam.

A tarde passou voando, e Haran e Gamás se preparavam para fechar a fábrica quando o tio Fineias apareceu.

– Você gostou das aulas desta manhã? – perguntou ele, sorrindo para Natã.

– Sim! – Os olhos de Natã brilhavam. – O mestre Eliseu é o melhor de todos os contadores de história!

– Que bom! Fico feliz que você tenha gostado. Mas, agora, gostaria que você viesse comigo para casa, Natã. Rubens já está trabalhando com Jasém na oficina, assando uma fornada de louças de barro, e eu tenho algumas tarefas que você pode começar a fazer para mim amanhã.

Na manhã seguinte, Natã foi designado para misturar o barro úmido na oficina do tio Fineias. Para fazer isso, ele tinha que andar descalço por uma vala rasa feita de madeira, pisando firme e misturando montões de barro vermelho com os pés. Era estranho sentir o barro espremendo-se por entre os dedos do pé; porém, era divertido. Mais tarde, naquele dia, ele ajudou o primo Jasém a tirar do forno do tio Fineias algumas louças já prontas.

No dia seguinte, Natã foi ao mercado ajudar a vender as louças de cerâmica. Era legal estar no mercado público, com todo aquele brilho e alvoroço. Tecelões e oleiros vendiam suas mercadorias em um lado da movimentada rua, enquanto ferreiros e joalheiros enfileiravam-se do outro lado. Naquela tarde, tio Fineias permitiu que Natã experimentasse o torno de olaria, e ele fez um jarro simples de barro.

Os dias passaram depressa, e, antes que o tio Fineias percebesse, já havia transcorrido uma semana desde que Natã chegara a Jericó.

– Está na hora de você voltar para casa – o tio Fineias disse a Natã em uma manhã enquanto os dois estavam sentados sob a banca no mercado. – Ficarei triste com sua partida. Você tem sido de grande ajuda na oficina, mas não é certo deixar você longe de sua mãe por mais tempo.

O coração de Natã ficou apertado. Sabia que não tinha o que falar sobre a

questão. A mãe precisava dele em casa; ainda assim, ele gostaria de não ter que ir.

– Eu sei que você queria ficar, Natã – disse o tio Fineias. – Posso ver em seus olhos. A escola é um ótimo lugar para se estar, não acha? – O homem de meia-idade alisou a barba grisalha.

Natã concordou, balançando a cabeça, mas não disse nada.

– Contudo, eu tenho algumas boas notícias que podem lhe interessar – o tio completou. – Quer saber o que é?

– Claro! Manda ver – Natã respondeu. Como conseguiria ficar com o coração apertado por muito tempo? O tio Fineias era gentil e compreensivo. Um dia, Natã viria a Jericó para morar com seu tio e trabalhar para ele. E, então, frequentaria as aulas na escola dos profetas; porém, no momento, não era certo deixar sua mãe sozinha.

– Amanhã, quando você for embora daqui, viajará na companhia do profeta Eliseu.

Natã encarou o tio.

– O profeta Eliseu? – O garoto mal podia acreditar no que acabara de ouvir.

– É isso mesmo. Ele precisa viajar a Betel amanhã, e eu perguntei se ele se importava em levar você junto. Eu estava tentando arranjar um jeito de levar você de volta para casa. Você não pode viajar sozinho. Não é seguro. Aquele desfiladeiro é um tanto deserto. E quem sabe o que aquele lugar reserva aos viajantes que passam por lá desacompanhados?

– Uau! – foi tudo o que Natã conseguiu dizer. No entanto, seu coração batia mais acelerado.

Não há mais ninguém com quem eu preferiria viajar, pensou Natã. A viagem de volta para casa vai ser ainda melhor do que a que fizemos para vir até Jericó na semana passada.

Na manhã seguinte, Natã já estava em pé bem cedo. Disse adeus à tia e ao tio, e correu sem parar pela pequena estrada da região rumo a Gilgal, para que, assim, ele e Eliseu já pudessem estar a caminho antes que o dia esquentasse. O orvalho ainda estava sobre a grama, e as criaturinhas iam ver o menino passar por elas correndo pela estrada. Ao som dos passos de Natã, um texugo ranzinza saiu de sua toca para ficar de espreita, e um pardal do campo parou brevemente de cantar a fim de observar Natã através de uma oscilante haste de capim. Num piscar de olhos, Natã já estava plantado no pátio da escola dos profetas, esperando pacientemente do lado de fora da porta de Eliseu.

– Olha só, você chegou cedo, meu filho! – disse o profeta alegremente, saindo alguns minutos depois. – Você é pontual. Eu aprecio essa qualidade em um garoto. – Ele bagunçou o cabelo de Natã. – Você se chama Natã, correto?

– Sim, senhor! – Natã estava eufórico e profundamente impressionado por estar na presença de um homem tão formidável.

O profeta sorriu.

– Eu sei que vamos viajar juntos hoje. Você já comeu?

– Sim, senhor! – disse Natã, tornando-se cada vez mais corajoso. – E eu trago uma mochila nos ombros com um pouco mais de comida para a viagem. Minha tia mandou alguns pães, queijo de cabra e alguns figos. Estou levando dois odres com água, caso o senhor precise. – Natã percebeu que estava tagarelando demais, e então parou de falar.

– Bom – Eliseu disse com a voz agradável –, então estamos prontos para começar a viagem.

A manhã ainda continuava fresca, enquanto os dois caminhavam para fora do portão do pátio, e Natã notou que o profeta estava usando o manto novamente. O que será que vai acontecer hoje?, Natã se perguntava. Eliseu vai fazer mais milagres? Será que o manto vai ter alguma coisa que ver com eles? Entretanto, Natã sabia que isso provavelmente não era tão importante. Não importava o que acontecesse, era bom estar junto do homem de Deus.

À medida que eles seguiam pela estreita e tortuosa estrada do desfiladeiro rumo ao oeste, passaram pelo silencioso vilarejo de Naarã. A essa hora da manhã, nada demais acontecia. O pequeno portão da cidade ainda não estava aberto, e o único movimento fora dos muros era de um rebanho de bodes e de uns poucos meninos que os vigiavam.

Eliseu era um homem bastante calado, e Natã estava curioso para saber como seria viajar com o profeta por todo o caminho até Betel. Será que seria silêncio total? Será que o profeta queria ficar sozinho para pensar e orar enquanto caminhavam? Será que eles sequer conseguiriam conversar durante a elevada e íngreme subida, por causa da falta de fôlego?

Natã não tinha certeza do que o aguardava naquele dia, mas estava empolgado. Ali estavam ele e o profeta, completamente a sós, por várias horas, e ele podia fazer qualquer pergunta ao santo homem, se é que ousasse. Essa era uma chance que nunca mais poderia ter novamente, e ele sabia que era melhor aproveitá-la ao máximo.

– Senhor, eu estava pensando... – Natã começou timidamente. – Eu já ouvi tantas histórias sobre a seca que o senhor mencionou, mas eu sempre quis

saber... Depois que tudo acabou, o rei realmente entendeu o problema? Ele compreendeu o que foi que trouxe a miséria, em primeiro lugar?

– Acho que sim – respondeu Eliseu. – O rei Acabe era um homem teimoso e agia como uma mosca morta quando se tratava da religião da rainha; porém, ele não era burro. Quando Elias enviou uma mensagem ao rei, convocando todo o Israel ao monte Carmelo para uma disputa entre Baal e Jeová, o Deus de Israel, o homem sequer argumentou. Sabia que já era hora de um ponto final, e respondeu ao desafio, levando com ele todos os profetas de Jezabel que adoravam a Baal e Astarote. Talvez ele pensasse que chegara o momento de cada um mostrar o seu lado.

– No entanto, surpreendentemente, a rainha se recusou a comparecer. – Eliseu quase riu ao continuar. – “Eu não vou ficar no mesmo topo da montanha com um homem selvagem e cabeludo que vagueia pelo deserto vestido com roupas de pele de camelo”, ela falou irada ao rei. “Eu não reconheço a soberania de Jeová, nem vou aceitar ordens de Seu profeta.”

Natã quase podia sentir o ferrão das palavras da rainha, à medida que Eliseu vivamente as repetia. Era como se a língua dela fosse a cauda de um escorpião, lançando veneno a quem quer que estivesse em seu caminho.

## Capítulo 13

– As notícias da peleja que estava prestes a acontecer se espalharam rapidamente por todo o Israel – Eliseu acrescentou enquanto ele e Natã continuavam a subir pela estrada –, e todos pressentiam que algo muito importante estava para acontecer. Por um lado, precisavam dar um fim àquela terrível seca que devastara Israel. E, por outro, queriam ver o que aconteceria quando Elias tivesse que enfrentar todos os profetas de Baal. De qualquer maneira, dentro de dois dias, todos os anciãos de Israel já estavam reunidos no sagrado lugar de adoração no Carmelo, perto do Mar Mediterrâneo. Ainda cedo pela manhã, formaram um círculo ao redor da montanha. Lá, no pico da montanha, estava Elias, no grande altar do Senhor, que não vinha sendo usado fazia muitos anos. E os 450 profetas de Baal e os 400 de Astarote ocupavam o outro lado da montanha, todos encarando Elias.

Natã imaginou a cena.

– Não havia sequer uma única faixa de grama em lugar nenhum, e todas as folhas das árvores tinham caído. Mesmo a essa hora matinal, poucos pássaros entoavam lá fora suas canções, e pequenos lagartos subiam rastejando-se pelas rochas, de onde observavam melhor a multidão reunida na montanha. “Até quando vocês vão ficar em cima do muro?”, o profeta Elias bradou, com cabelo e a barba que se esvoaçavam na brisa da manhã. “Se o Senhor é Deus, sigam a Ele, mas, se é Baal, então o sigam.” Ninguém disse sequer uma palavra em resposta, nem mesmo os falsos profetas. Então Elias continuou: “Eu sou o único que restou dos profetas do Senhor. Já Baal tem 450 profetas, e os seus sacerdotes dizem que ele é o deus do fogo e das tempestades. Mas eu discordo. Na verdade, eu sei que não há ninguém como Jeová, o Deus de Israel. Ele é o Senhor dos céus e da Terra. Portanto, eu os convoquei aqui para testemunhar uma peleja entre os dois.”

Os olhos de Eliseu iluminavam-se à medida que ele continuava a história:

– Foi tremendo! O profeta Elias apontou para o rei Acabe. “Pegue dois novilhos para nós”, ele gritou. “Então poderemos tirar a prova final. E já que os profetas de Baal são tantos, que vão primeiro. Que cortem o novilho em pedaços e o coloquem sobre o altar deles, mas não permita que acendam fogo sob ele. Eu prepararei o outro novilho, e o colocarei no altar de Deus.” O profeta tinha uma aparência robusta, e esquadrinhava a multidão de profetas

reunidos ao redor da montanha. “Invoquem o nome do deus de vocês, e eu invocarei o nome do Senhor. O deus que responder enviando fogo, este é o Deus verdadeiro.”

O profeta olhou bem nos olhos de Natã.

– Um alvoroço se espalhou pela multidão de falsos profetas – disse Eliseu, e Natã podia quase sentir o cabelo detrás do pescoço arrepiar, só de pensar no que estava para acontecer. – Alguns viraram para o profeta Elias e zombaram dele! – Eliseu completou. – Outros apenas davam gargalhadas, pensando que Elias fosse um lunático. No entanto, muitos deles pareciam, sim, um tanto preocupados. Ninguém sabia ao certo o que esperar; essa era a primeira vez que haviam sido desafiados publicamente dessa forma, e era óbvio que precisavam ganhar a disputa.

Natã amava essa parte da história. Claro que ele sabia qual era o final, todos sabiam, mas essa não era a questão. Ao olhar para trás, era agora tão evidente quem iria ganhar. Baal não tinha poder algum. Ele era feito de madeira ou pedra, ou, na melhor das hipóteses, de ouro. Na realidade, ele só existia na imaginação das pessoas. Era adorado como o deus dos trovões e relâmpagos, mas tinha tanto poder para atear fogo sob um sacrifício quanto uma árvore, um peixe ou até mesmo a lua.

Eliseu continuou a história:

– Então os profetas de Baal prepararam o novilho deles, exatamente conforme Elias dissera que deveriam fazer, e, com uma pomposa cerimônia, marcharam em volta do altar como se estivessem em um tipo de desfile. E pulavam e dançavam; porém, é claro, o sacrifício nunca pegou fogo. Continuaram com esses ritos durante toda a manhã. “Ó, Baal! Ouve-nos!”, clamavam. E suas orações cerimoniais, lançando incenso pelo ar, mas o deus deles não respondia. Nem sequer com uma faísca. Já estavam ficando desesperados por volta do meio-dia, e Elias viu que seria divertido. “Gritem mais alto!”, ele ironizou. “Baal é um deus muito ocupado. Talvez esteja entretido em seus pensamentos, ou talvez esteja viajando! Quem sabe ele esteja dormindo e precise ser acordado!”

O menino deu um meio sorriso.

– Por isso, eles gritavam mais alto e cortavam-se com punhais e espadas, de acordo com seus costumes, e sangue começou a escorrer de seus corpos! – Eliseu fez uma cara feia e Natã fechou os olhos só de imaginar uma coisa dessas. – Passado o meio-dia, os profetas continuaram com seus gritos frenéticos a Baal. Muitos desfaleceram por dançar naquele calor o dia inteiro.

Outros perderam tanto sangue de seus ferimentos que até desmaiaram. Mas não houve resposta por parte do deus deles, e fogo nenhum desceu. As pessoas apenas assistiam à cena e aguardavam, cansadas daquele longo momento de aflição; e estava tornando-se evidente para elas que Baal era um impostor. – Eliseu abanou a cabeça e franziu as sobrancelhas. – Ele não tinha poder algum para mandar a chuva nem fazer as plantações produzirem, nem mesmo para acender uma simples fogueira no altar construído a fim de honrar seu próprio nome.

Natã piscava assombrado. Sua imaginação viajava pelo tempo, e o que ele enxergava não era uma cena muito bonita. Quatrocentos e cinquenta homens dançando em volta de um altar a Baal e se mutilando? E do lado deles, estavam 400 profetas de Astarote da corte da rainha Jezabel, que ficavam cada vez mais preocupados ao assistir a tudo aquilo!

– Então Elias consertou o altar do Senhor – Eliseu prosseguiu. – O altar estava em ruínas, pois Jezabel e seus soldados haviam espalhado as pedras do altar. Entretanto, Elias agora colocava outras de volta no lugar, uma pedra para cada uma das doze tribos de Israel. Ele até mesmo cavou uma valeta ao redor do altar. Para quê? Bem, depois de colocar a madeira por cima do altar, sacrificar o novilho e o deitar por sobre a madeira, ele derramou doze jarros grandes de água em cima do sacrifício. Imagine você a cena – sorriu Eliseu. – Aquela aguaceira que ele derramou sobre o altar correu até a valeta cavada no chão ao redor do altar, enchendo-a de água. Assim, ninguém pôde acusá-lo de ter ele mesmo acendido a fogueira.

Natã concordou com a cabeça.

– Elias ajoelhou-se ao redor do altar e olhou em direção ao céu. “Ó, Senhor Deus de Abraão, Isaque e Israel”, ele disse, “que fiquem hoje todos sabendo que Tu és Deus em Israel! Que eles saibam que eu sou um servo do Deus Altíssimo, e que tenho feito todas essas coisas sob as Tuas ordens. Responde-me aqui hoje, ó Senhor, para que essas pessoas saibam que Tu és o único Deus verdadeiro, e para que voltem a Te adorar.”

Eliseu parou de andar e olhou para o céu, ao entrar no clímax da história.

– Então o fogo do Senhor desceu do céu e queimou o sacrifício. Consumiu a madeira, as pedras e até mesmo a água na valeta! Quando as pessoas viram isso, caíram com o rosto em terra, e exclamaram: “O Senhor é Deus! O Senhor é Deus!” Como você já pode imaginar, os profetas de Baal e de Astarote ficaram apavorados, como deveriam ficar mesmo. Desde que tinham ido morar em Samaria e trabalhar para a rainha Jezabel nos templos dela, andavam enganando

o povo de Israel. E agora todos os que se encontravam reunidos naquela montanha sabiam disso. “Acabem com os profetas de Baal e de Astarote!”, Elias ordenou. “E não deixem que nenhum deles escape!”

Quando terminou a narrativa, o rosto de Eliseu estava rígido de santa indignação.

– E aquele foi o último dia de vida para aqueles trapaceiros perversos, dedicados ao abominável culto de deuses falsos. Então, como você pode perceber, Natã, Jeová, o Deus de Israel, sempre vence – completou Eliseu enquanto paravam para descansar embaixo da sombra de um grande carvalho. – Jeová é santo, bom e justo. Ele concedeu ao povo a chance de examinar as evidências por si, para que então pudesse escolher o que era correto. Naquele dia, os anciãos de Israel que se ajuntaram no topo da montanha reconheceram que haviam cometido um erro ao adorar Baal durante todos aqueles anos. E agora percebiam o quão ridículo havia se tornado todo aquele fingimento. – Eliseu sorriu para Natã. – Louvado seja o santo nome de Jeová! – ele disse com uma voz triunfante. – Uma grande reforma em Israel se iniciou naquele dia, e ela continua até o dia de hoje.

Natã soltou um suspiro de alívio. A história terminara exatamente conforme o esperado. Isso era óbvio. Aquela situação agora era passado, parte da história. No entanto, isso não mudava a maneira como Natã sentia-se em relação ao resultado da história. Ele nunca se cansava de ouvir sobre Deus vencendo a batalha contra o mal.

## Capítulo 14

Os dois viajantes prosseguiram em seu caminho. A essa altura, já haviam transposto o acidentado desfiladeiro e adentrado na região superior do território de Benjamim. Já se aproximavam agora da fronteira de Efraim e da fértil terra agrícola do planalto superior. Quando pararam perto do poço de um vilarejo para comer um pouco da comida que haviam levado, o sol já estava quase a pino.

– Não falta muito para avistarmos as torres de vigia de Betel – disse Natã com empolgação, enquanto revezava uma mordida no pão e depois uma no queijo. Ele estava ansioso para ver a mãe; porém, percebia que a jornada chegava ao fim. E isso significava que teria de dar adeus ao profeta.

– O que o senhor falou sobre ser fiel a Deus, mesmo quando os outros ao redor não o são – Natã disse devagar, – é um problema para mim às vezes.

O profeta não disse nada, então Natã apenas continuou:

– Sabe, tem uma gangue de meninos em Betel que anda implicando comigo já faz muito tempo.

– Uma gangue?

– É, principalmente um menino chamado Anzi. Ele é bem malvado. Não é tão grande, mas sempre está acompanhado de seus amigos, e na maioria das vezes eu estou sozinho. Quando meu irmão Rubens está por perto, de vez em quando, ele me ajuda; mas agora ele está em Jericó. – Natã deu uma olhada para o profeta Eliseu.

– Entendo – disse Eliseu. – E os garotos às vezes tratam mal você?

– É, na verdade, frequentemente. E tem piorado.

– Hum – disse o profeta. – Isso não é bom. Vamos ter que ver isso, hein?

Natã e Eliseu continuaram a viagem em silêncio até que finalmente avistaram os portões de Betel à frente. À medida que iam subindo pela estrada que atravessava a floresta perto da periferia da cidade, Natã percebeu de relance vários garotos caminhando do lado de fora do muro da cidade, e um deles era Anzi. Quando viu os garotos, Natã de repente foi tomado pelo medo. Entretanto, lembrou-se de que estava com Eliseu. Com o profeta por perto, os meninos não iriam tentar nada. Deveriam respeitar demais Eliseu para ousar uma coisa dessas.

Em seguida, Anzi reconheceu Natã e apontou para ele eufórico.

– Ah, olhem só, é o menino da água! – ele gritou, e os outros garotos começaram a zombar e vaiar.

– Ele está com o carequinha! – gritou um dos rapazes, enquanto o grupo assoviava e gracejava. – O velhote do Elias não conseguiu dar um jeito, então resolveu mandar seu amigo careca para dar uma olhada em nós! – Com essa afirmação, os garotos se dobravam de tanto rir. – Vamos lá, rapazes! – o garoto mais velho ordenou. – Vamos nos divertir um pouco! – Os garotos todos começaram a descer correndo a estrada em direção a Natã e Eliseu. Anzi acompanhava o grupo. Ele não se importava tanto com Eliseu, mas queria importunar Natã.

– Ei, carequinha! Você voltou! – o líder gritou, e os rapazes todos diminuíram o passo à medida que se aproximavam. – Por que você também não sobe para o Céu em uma carruagem, igual fez seu chefe cabeludo? Se Deus não tiver nenhuma carruagem extra por aí, meu tio talvez possa emprestar uma para você.

– Rá! Rá! Rá! – Os garotos arruaceiros deram gargalhadas estrepitosas outra vez, espalhando-se pela estrada a fim de bloquearem o caminho. Anzi ficou na frente de Natã.

– Já chega! – Eliseu gritou para os meninos, repreendendo-os severamente. – Como ousam falar do profeta Elias dessa forma? Ele era um santo homem de Deus. Vocês deveriam se envergonhar. O Senhor ensinará vocês a respeitar os profetas dEle.

Porém, os rapazes riam cada vez mais. Natã julgava que pelos seus rostos pareciam estar possuídos pelo mal.

– Venha, Natã – o profeta apressou-o, franzindo as sobrancelhas. – Não precisamos nos submeter a esse tipo de tratamento. Vamos por outro caminho. – Ele desviou, virando em uma estrada batida pelo tráfego de caravanas, que passava pelo oeste da cidade, perto de um dos poços locais. – Você pode vir comigo para a escola dos profetas até tudo isso aqui acalmar – Eliseu completou rapidamente. – Eu não fazia ideia de que as coisas estivessem tão ruins assim em Betel. Vejo que realmente você tem problemas aqui. Esse lugar parece tão perverso agora quanto na época dos juízes.

*O que será que vai acontecer agora?*, Natã se perguntava. Não imaginava que os rapazes teriam coragem de tratar Eliseu com tanta falta de respeito. E Anzi estava entre eles. O profeta era um homem santo, e muitos já estavam comentando que ele seria tão poderoso quanto Elias. Talvez até mesmo o profeta mais poderoso em todo o Israel desde os dias de Samuel. Natã não

conseguia entender por que os garotos haviam sido tão maldosos com Eliseu. Que Anzi não gostava dele e sempre estava procurando arrumar confusão, não era novidade. Mas os rapazes haviam ido longe demais ao zombar de Eliseu daquela maneira.

Os garotos os seguiam de perto à medida que a coragem lhes permitia. Alguns pegaram pedras e se preparavam para atirá-las em Natã e Eliseu. Outros meninos da cidade ouviram a balbúrdia e vieram, em disparada pelo portão da cidade juntando-se a seus amigos no gracejo. A multidão de garotos crescia a cada minuto, e eles todos gritavam insultos e escárnios.

Os valentões estavam mais atrevidos do que Natã imaginava ser possível para garotos daquela idade. Muitos deles não eram nem mais velhos que Natã; porém, agiam como se fossem um bando de adultos violentos. O menino sentiu o coração disparar. O profeta Eliseu segurou Natã pelo braço.

Ele tentou se soltar de Eliseu, mas o profeta agarrou seu braço com mais força ainda.

– Não se renda ao medo que está sentindo – disse ele calmamente. – É exatamente isso que eles querem que você faça. Se você correr, eles vão caçá-lo como um bando de lobos.

– Mas eles estão com pedras – Natã disse com a voz amedrontada. – Não podemos simplesmente ficar aqui parados e deixar que nos acertem pedras.

– Fique calmo e confie no Senhor – Eliseu falou com firmeza. – Deus tem tudo sob controle. Ele vai dar um jeito nesses desocupados.

*Desocupados? É isso que o profeta pensa que eles são?* Para Natã, eles pareciam mais um bando de criminosos. E, com ódio estampado nos rostos e pedras nas mãos, pareciam ser capazes de praticamente qualquer coisa. Aqueles garotos estavam ali porque queriam sangue, e, a não ser que Deus fizesse algo extraordinário, conforme o profeta dissera que Ele podia fazer, os dois poderiam ficar gravemente feridos. Natã queria crer na promessa de Eliseu de que Deus os protegeria, mas o instinto lhe dizia que as coisas não terminariam dessa maneira.

Natã não tinha ideia de quão rápido Deus atuaria. Não imaginava que as palavras de Eliseu estavam prestes a se tornar realidade. Ao olhar com medo para os escarnecedores por cima de seu ombro, percebeu que havia um movimento na floresta, atrás dos garotos. Algumas figuras marrons saíram por entre as árvores, umas pequenas e outras bem grandes. Natã arregalou os olhos à medida que as figuras se aproximavam. “São duas mães ursos, e estão com dois... não, três filhotes.”

Bem, Natã sabia pouca coisa sobre ursos. Mas ele tinha certeza de que as ursos ficam nervosas quando as pessoas se aproximam demais de seus filhotes. E, se apenas uma única ursa pode representar perigo, duas então assustam ainda mais!

– Vamos dar o fora daqui – Natã disse em pânico. – Isso não está me cheirando bem. – Ele tentou se libertar das mãos de Eliseu mais uma vez.

– Acalme-se, meu filho – o profeta disse tranquilamente. – Continue caminhando sem nenhum movimento brusco. Apenas continue andando.

– O senhor... O senhor sabia sobre as ursos? – Natã lançou um rápido olhar para o profeta Eliseu, e depois para trás outra vez, e seus olhos ficaram ainda mais arregalados.

– Eu não sabia especificamente que plano Deus iria pôr em ação, mas Ele sabe perfeitamente como defender Seus filhos.

## *Capítulo 15*

De repente, o caos tomou conta do lugar. Natã assistia horrorizado à cena. Enquanto vivesse, tinha certeza de que jamais se esqueceria do que estava vendo. As ursos vieram correndo com ímpeto rumo à estrada, rosnando. Os três filhotes subiram rapidamente nas árvores mais próximas; porém, as ursos não pararam. Elas estavam concentradas em proteger seus filhotes da multidão ameaçadora de garotos e de suas gritarias.

Os jovens estavam fazendo tanto barulho que, de início, não perceberam o perigo. Contudo, agora era sua vez de entrar em pânico, e apenas perceberam isso à medida que foram virando e vendo as ursos correrem em sua direção. Começaram, por puro instinto, a atirar pedras nas ursos; entretanto, isso apenas as deixou mais furiosas.

Elas correram na direção dos garotos, rosnando e desferindo-lhes golpes violentos com suas patas poderosas. Derrubaram vários deles como se fossem cordeirinhos, abocanhando-os e ferindo-os com suas garras. Alguns meninos tentaram subir nas árvores, mas as ursos foram atrás deles, puxando-os dos galhos. Por causa da queda, alguns fraturaram ossos; outros ficaram inconscientes com as pancadas. Alguns começaram a gritar por socorro. Quando as ursos correram de volta para a floresta para resgatar os filhotes, haviam deixado uma fileira de garotos feridos por todo o caminho até o portão da cidade.

Natã e Eliseu assistiram ao ataque a certa distância. A essa altura, os habitantes de Betel já saíam pelo portão da cidade, e a mãe de Natã estava entre eles.

– Natã, você está bem? – ela perguntou, abraçando-o freneticamente. – O que aconteceu?

– Quando estávamos chegando a Betel, muitos rapazes vieram em busca de encrenca. – Natã estava completamente assustado. – Eles estavam caçando do profeta Eliseu quando duas ursos saíram da floresta e os atacaram, para defender seus filhotes, eu acho.

– Bem, é melhor irmos ajudar os garotos – disse Mara, virando-se rapidamente para avaliar os rapazes feridos, espalhados por toda a estrada. Ela inclinou-se para examinar um menino que gemia ao se assentar, segurando o próprio braço.

Nesse meio-tempo, muitos outros pais já haviam saído pelo portão da cidade, e corriam entre os meninos. Os homens gritavam e as mulheres choravam alto. A estrada até a cidade parecia um campo de batalha.

– Creio que você precisa saber de uma coisa, Mara – disse Eliseu em voz baixa, ao se inclinar sobre outro menino que jazia inconsciente na estrada. – O ataque das ursos veio da parte do Senhor. Ele não está feliz com a maneira que esses rapazes estavam tratando a mim, e caçoando do profeta Elias e de sua ida para o Céu em uma carruagem. Eles demonstraram hoje uma tremenda falta de reverência pelas coisas sagradas, e Deus os puniu por causa disso.

Mara parou por um momento para encarar Eliseu, trazendo no rosto um olhar de verdadeira inquietação. Ela ajudou o menino com o braço machucado a se levantar, e então disse:

– Se é esse o motivo, Eliseu, você em breve poderá enfrentar sérios problemas aqui em Betel.

– Mas não foi culpa dele – Natã protestou. – Os meninos estavam zombando de Jeová, o Deus de Israel, e de Seus servos. Eles mereceram!

– Não, Natã. Sua mãe tem razão. Muitos ficarão irados comigo, mas esse castigo foi necessário para mostrar a eles que de Deus e de Seus servos não se zomba.

A mãe de Natã apressou-se para examinar outro menino com um corte profundo na perna.

– Filho, corra para casa e traga todos os panos novos que guardamos no quarto dos fundos. Traga também uma faca e um serrote. Você pode cortar umas estacas na floresta e, assim, poderemos fazer macas para carregar os meninos que estão feridos demais para caminhar. E depressa! – ela completou. – Alguns ainda têm chance de sobreviver.

– Acho que eles estão com medo de você – Natã sussurrou ao profeta quando observou o olhar que vários adoradores de Baal dirigiam a Eliseu.

– E têm que estar mesmo – replicou Eliseu. – Eles andam enganando esse povo já faz muitos anos, instigando-os a cometer todos os tipos de maldades. Portanto, já era hora de serem detidos. Essa será uma dura lição para a cidade, uma lembrança de que precisam ter bondade e respeito pelos outros. Contudo, devemos todos nos alegrar de que é o Senhor quem mede o castigo. Ele tem muitas formas de lidar com aqueles que são desobedientes: seca, doença, feras selvagens, inimigos dentro de nossas fronteiras. Entretanto, não importa o quão triste esteja sendo para essas famílias, estou certo de que prefeririam estar à mercê de ursos do que nas garras de um exército invasor sírio.

No total, 42 garotos foram mortos. Os poucos que sobreviveram tinham ferimentos de mordidas e cortes, muitos deles bem graves, e alguns haviam perdido muito sangue.

Com exceção da guerra, o povo da cidade não se lembrava de ter sofrido tamanha tragédia. Quando os habitantes da cidade ouviram o porquê de os meninos terem sido atacados, houve indignação contra Eliseu. Rápidos boatos se espalharam de que fora a mágica do profeta que fizera as ursos se voltarem contra os garotos. E, embora ele tenha recebido olhares indiferentes, ninguém ousou encostar nele. O que é que poderiam dizer? As notícias de seus maravilhosos poderes no rio Jordão e em Jericó já haviam chegado até Betel. Os habitantes da cidade estavam desconfiados desse santo homem a quem culpavam pelo desastre, mas temiam seu poder. Para as mentes supersticiosas, o ataque das ursos foi visto como má sorte, e Eliseu, a causa dela.

Embora não tenham se apressado em agradecer a Mara por ajudar a cuidar dos garotos que sobreviveram ao ataque, eles começaram a enxergá-la de uma forma diferente. Não era todo dia que um anjo de misericórdia como ela socorria o povo em tempos de necessidade, mesmo após toda a cidade tratar sua família tão mal.

Natã finalmente localizou Anzi. Ele era um dos poucos que haviam conseguido escapar. Por alguma razão estranha, Natã sentiu empatia por Anzi e ficou impressionado de que pudesse estar ao lado daquele garoto ferido. Não conseguia explicar por que se sentia assim. Talvez fosse a influência que o profeta Eliseu estava tendo em sua vida.

Anzi estava dormindo, e tinha ferimentos bem graves. Suas costas estavam retalhadas de lacerações, e ele havia fraturado algumas costelas. A mãe de Anzi estava ajoelhada perto do filho, balançando-se para frente e para trás. Os olhos dela já estavam inchados de tanto chorar, e de vez em quando ela gemia lamentosamente.

## Capítulo 16

Algum tempo depois, Eliseu sentou-se ao lado de Natã. O profeta apoiou-se exausto contra a parede da casa.

– Meus pés estão tão cansados! – suspirou ele, tirando as sandálias. – Quando iniciamos nossa viagem em Jericó nesta manhã, quem iria imaginar que o dia fosse terminar assim?

– É verdade – Natã teve que concordar. Ele estava cansado também, mas o sentimento de extrema admiração por estar perto de Eliseu o fez esquecer completamente a situação em que seus pés se encontravam. Fora uma honra viajar com o profeta pela estrada desde Jericó. Poder conversar com Eliseu durante todo aquele dia o fez sentir-se a pessoa mais importante do mundo e, de alguma forma, mais próximo do Céu. Ah, e quando Deus os livrara da gangue de garotos? Enfim, Natã sentia-se agora mais seguro do que nunca.

O ar estava um pouco frio naquela noite, e Natã envolveu-se em sua leve capa a fim de manter-se aquecido. O profeta também usava o próprio manto enquanto descansava assentado contra a parede, com os olhos fechados.

Mais uma vez, Natã teve uma ótima oportunidade para observar o manto do profeta. Parecia um pedaço de pano comum, mas Natã sabia que o manto era especial. Só podia ser. Esse manto não havia dividido as águas do rio Jordão? O profeta não o estava usando quando tornara doces as águas da fonte de Jericó? E, por fim, Natã pensou em outra coisa. Quando deixaram a escola em Gilgal naquela manhã, o profeta Eliseu estava usando o manto. Ele o tirara quando o dia esquentou, mas o levava consigo do mesmo jeito. Será que fora o poder do manto que ajudara a protegê-lo dos malvados garotos de Betel? Havia sido ele que o livrara das ursos?

Lá estava Natã, sentado, com os olhos fitos no manto. Nem um pio rompia o silêncio. “Deus está aqui!”, pensou. Natã podia sentir o poder de Jeová naquele local, envolvendo o profeta e arrepiando o menino de emoção.

– Eu ando curioso sobre uma coisa – Natã falou sem pensar. Entretanto, logo mudou de ideia e ficou quieto. Ele queria perguntar se o manto tinha poderes especiais vindos de Deus; mas, de repente, ficou receoso. Talvez não fosse de sua conta fazer tal pergunta apenas para satisfazer a curiosidade. Talvez o manto fosse santo, assim como o profeta.

O profeta abriu os olhos a fim de olhar para Natã, e esperou.

– Hum, eu ando pensando... – Natã gaguejou, esforçando-se para pensar em algo a dizer. – Os milagres que o senhor tem feito ultimamente para ajudar as pessoas... Como funcionam? O senhor ora pedindo a ajuda de Deus no momento em que está fazendo todas aquelas coisas?

– Eu oro, sim – Eliseu disse devagar, fechando os olhos outra vez.

– Deus responde às orações desse tipo e realiza milagres apenas para as pessoas santas, ou Ele pode fazer isso com qualquer um? – Natã deu uma olhada respeitosa para Eliseu.

O profeta abriu os olhos novamente a fim de olhar para Natã.

– Deus ama todo o Seu povo, meu filho. Ele quer que todos nós sejamos santos, mas você não precisa ser santo para orar a Ele.

Natã refletia sobre isso e, então, outra pergunta lhe veio à mente:

– Então, se nós oramos a Ele, e o que pedimos é uma coisa boa, por que é que Deus às vezes nos faz esperar tanto tempo por uma resposta? Isso não parece justo. Na história do filho da viúva, Elias teve de orar três vezes para que o menino ressuscitasse. E tem outra história que também sempre me incomodou. Ah, aquela de Elias no topo do Carmelo. Eu ouvi dizer que ele orou sete vezes pedindo chuva para Deus. Por que Deus permitiu que ele orasse tantas vezes antes de responder à oração? Deus não queria recompensar a fidelidade do profeta por lutar contra os profetas de Baal? Ele também não queria recompensar o povo? Afinal, eles tomaram a decisão certa em abandonar Baal, não tomaram?

Eliseu concordou e sorriu para Natã.

– Boa pergunta, meu filho. Eu já me fiz essa mesma pergunta várias vezes. Quem é que pode dizer exatamente a razão pela qual Deus às vezes nos faz esperar? Ele é Deus e, é claro, sabe o que é melhor. Talvez Ele quisesse provar a fé do povo que assistia à cena. – Eliseu encolheu os ombros em sinal de cansaço. – Talvez também quisesse testar a fé do profeta. Deus poderia ter feito todos eles esperarem vários dias, ou até mesmo semanas, se assim preferisse.

– Mas Ele não fez isso – Natã acrescentou, conhecendo bem a história.

– Não, não fez. Na verdade, ao olharmos para trás na história, até que a chuva veio bem rápido. Provavelmente pareceu que Deus os fazia esperar porque queriam demais aquela chuva. – Eliseu deu uma risadinha. – Deus deve ter senso de humor, pois, quando a chuva finalmente caiu, foi como uma verdadeira cascata. Houve relâmpagos, trovões, e tudo o mais. Na realidade, choveu tanto que o céu ficou cor de piche de tão preto, e o rei mal podia enxergar a estrada de volta à medida que descia da montanha e se dirigia para a

cidade real de Jezreel. Se não fosse pelo profeta, que ia à frente deles pela estrada, o rei e o seu cocheiro com certeza teriam saído da rota.

Cansado como estava, Natã arregalou os olhos diante da vívida cena descrita por Eliseu.

– Uau! Deve ter sido assustador! – Natã exclamou. – Como o profeta conseguiu reconhecer a estrada naquela escuridão, sendo que o cocheiro do rei não podia nem enxergá-la?

– Bom, eu tenho certeza de que os anjos de Deus estavam guiando Elias em cada passo que ele dava. Sempre admirei a força e a paciência daquele homem. Nunca encontrei alguém igual. Por Deus, ele ia a qualquer lugar, suportava qualquer provação, e devo dizer que nunca o ouvi pronunciar sequer uma palavra de queixa. – Eliseu curvou a cabeça em respeito ao profeta que agora estava no Céu, levado para lá em uma dourada carruagem, com rodas reluzentes.

Eliseu virou-se para Natã outra vez.

– E você acredita que, mesmo após ter percorrido todo aquele caminho até o portão da cidade na escuridão da tempestade, ele nem sequer pediu um lugar para ficar aquela noite? Simplesmente achou um lugar seco do lado de fora da muralha, se enrolou em seu manto, e deitou-se para dormir no chão duro.

– Isso é que é homem! – Natã concordou com um aceno de cabeça.

– Obviamente, quando a rainha ouviu as notícias daquele dia, ficou furiosa. – Eliseu levantou as sobrancelhas. – Ela não se dera ao trabalho de aparecer na disputa do Carmelo, e agora percebia que o santo homem de Deus havia levado a melhor. Jezabel não apenas tinha perdido a chance de capturar o profeta e matá-lo enquanto ele estava lá no topo da montanha sozinho, como agora os profetas dela também estavam mortos. Centenas deles!

– Alguma coisa me diz que ela estava com medo do homem de Deus – disse Eliseu, com um toque de ironia na voz. – Algo me diz que a rainha temia que o profeta jogasse o povo contra ela lá mesmo, na montanha. E agora, depois daquela virada no Carmelo, acho que ela ficou com mais medo dele ainda. Ele estava ganhando força em Israel, e para ela aquilo poderia literalmente significar o fim. Mesmo assim, Jezabel mandou que um mensageiro encontrasse Elias e criou coragem para pronunciar a mais severa e estarrecedora ameaça: “Que os deuses me matem também se até amanhã a esta hora eu não tiver feito a você o que você fez com os meus profetas!”

– E ele fugiu! – Natã falou sem pensar, interrompendo a história de Eliseu.

– Hã-hã. – O profeta Eliseu deu outra risadinha, cansado.

– Não acredito que Elias fugiu daquele jeito! – Natã exclamou. – Depois de Deus ter enviado fogo do céu para consumir o sacrifício dele, por que foi fazer uma coisa dessas? Agora, as pessoas estavam do lado dele. – Natã teve que se refrear para não fazer carranca. – Todos entoavam “o Senhor é Deus”. E até ajudaram Elias a exterminar aqueles perversos profetas pagãos.

– É difícil de entender – admitiu Eliseu –, mas serve para demonstrar o que pode acontecer quando tiramos os olhos de Deus, que foi exatamente o que o meu mestre fez. Ele duvidou do Senhor. Lá, nas mais altas horas da noite e com a chuva que ainda caía do céu em torrentes, ele entrou em pânico. Ele virou as costas e fugiu. Percorreu todo o caminho até Berseba, parando de vez em quando para beber um pouco de água, suponho eu. Ele não comeu, nem dormiu. E, quando chegou na região deserta do sul de Judá, o servo que o auxiliava estava tão exausto que Elias teve que deixá-lo para trás.

– Será que ele não pensava que Deus poderia protegê-lo? Afinal, Deus estivera com Elias por mais de três anos na época de seca e miséria. – Natã estava feliz por obter respostas de alguém que conhecera Elias pessoalmente.

Eliseu fez que não.

– Ele poderia ter chegado a essa conclusão, se tivesse parado tempo o bastante para pensar sobre isso.

– Mas por que ele não parou?

– Bem, acho que quando você está assustado, fugindo dos inimigos de Deus, pode estar também fugindo do próprio Deus.

Natã maravilhava-se com o desenrolar da história. Como isso pôde acontecer com um homem que tinha tanto poder de Deus? Era difícil compreender que um homem poderoso como Elias havia ficado com medo. Afinal, o que ele tinha que temer? Havia destemidamente entrado no palácio do rei Acabe. Ressuscitara um menino morto. Mandou que descesse fogo do céu no monte Carmelo. Se um homem santo como Elias podia ficar assustado, que esperança restava para uma criança como Natã?

## *Capítulo 17*

– Por fim, o profeta Elias adormeceu debaixo de um arbusto. Estava desanimado e esgotado por causa de sua fuga desenfreada para escapar das garras da rainha malvada – disse Eliseu, continuando a história. – Ele somente acordou quando um estranho o tocou suavemente. Meu mestre sobressaltou-se até que percebeu que aquele era um mensageiro vindo do Céu para alimentá-lo. Havia pães assando sobre as brasas de uma fogueira, e um jarro de água próximo à sua cabeça. Tenho certeza de que ele ficou grato pela água e comida, mas estava cansado demais para conseguir realmente apreciar a presença desse anjo enviado do Céu. Sabe, é assim que acontece quando se está fugindo de Deus – Eliseu acrescentou.

– Mas ele não estava bem fugindo de Deus – protestou Natã. – Estava fugindo da rainha.

– Sim, mas, se ele tivesse permanecido e confrontado a rainha, Deus o teria ajudado a acabar com ela, e o terrível reinado de medo e apostasia teria terminado bem ali, naquela hora. Contudo, ela ainda continua no trono até hoje, por todos esses anos. Perversa como é, ela deu um jeito de fazer perdurar o reinado de seu malvado marido, o rei Acabe, que morreu em batalha alguns anos atrás.

Natã ficou calado. Nunca vira as coisas por essa perspectiva. Talvez tenha sido assim que o povo de Deus agira muitas vezes. O Senhor queria que fossem corajosos em defendê-Lo; porém, em vez disso, fugiam feito cachorros assustados, com o rabinho entre as pernas.

– Horas depois, Elias acordou e comeu novamente – continuou Eliseu. – Dessa vez, o profeta sentiu que conseguia seguir viagem. Ele caminhou por muitos dias até que chegou ao Monte Horebe, também conhecido como Sinai, onde Deus havia dado a Moisés os Dez Mandamentos, quase 600 anos antes.

Natã assobiou.

– Uau! Toda aquela distância até Horebe? É um longo trajeto. Ele deve ter ficado mesmo com muito medo da rainha para fazer aquilo.

– Com certeza, mas a essa altura acho que ele também estava envergonhado, e queria ir aonde pudesse ficar perto de Deus e ouvir Sua voz mais uma vez. E, sem dúvida, tudo o que Elias precisava era de um tempo a sós na montanha. Lá em cima, Deus realmente Se encontrou com Elias por meio

de uma miraculosa manifestação de poder, e então Ele enviou o profeta de volta a Israel, a fim de terminar o que ele havia começado por aqui.

– O que ele tinha que fazer?

– Bem, uma das coisas era ungir dois reis, um para a Síria e outro para Israel, e instituir novas dinastias reais por meio deles. Deus também o mandou encontrar o homem que iria sucedê-lo no trabalho de reavivamento religioso aqui em Israel.

Natã lançou um olhar sério.

– Quem vai ser o novo rei de Israel?

– Bem, isso ainda veremos. Mas dizem os rumores que Jeú é o homem certo para o ofício. Ele é um oficial do exército do rei Jeorão, mas detesta tanto quanto eu o culto a Baal e a Astarote.

– E quanto àquele a quem Elias ungiu profeta no lugar dele em Israel? – Natã olhava diretamente para Eliseu. – Foi o senhor, não foi?

– Foi, sim – Eliseu disse solenemente.

– Uau! – Natã ficou maravilhado ao escutar as palavras do profeta. Estava se tornando evidente para o menino que Deus estava no controle do destino de Israel. Não importava o que a perversa rainha Jezabel fizesse, Deus estava sempre um passo à frente. Ele reformaria Israel quando achasse melhor. Não havia escolhido Eliseu para continuar o trabalho, agora que o profeta Elias fora embora?

Mas, ainda assim, Natã estava um pouco preocupado com Eliseu.

– Como que é ser ungido profeta sobre todo o Israel? – Natã perguntou, ao pensar no novo cargo de Eliseu. – Quero dizer, agora que o profeta Elias foi embora e tudo o mais, o senhor tem que enfrentar a rainha sozinho.

– Tenho sim – concordou o profeta –, mas não estou preocupado com isso. Quando Elias foi para o Céu, ele me perguntou se eu tinha algum último pedido, e eu disse a ele que precisava de uma porção dobrada do Espírito de Deus que havia nele. Eu sabia que, se era eu que daria continuidade ao trabalho que ele começara e executaria corajosamente a missão de Deus em favor do país, então eu precisaria ainda mais do Espírito de Deus do que antes.

– Então Deus já deve ter concedido esse poder ao senhor – Natã completou rapidamente, com um brilho de empolgação nos olhos à medida que contemplava o manto de Eliseu. – O senhor dividiu as águas do Jordão poucos dias atrás, e tornou doce a fonte em Jericó. – O manto parecia misterioso sobre os ombros do profeta; quase que santo. Natã queria perguntar se ele tinha poderes especiais, ou mágica talvez; porém, estava muito receoso.

– *Deus* dividiu as águas do Jordão – Eliseu corrigiu Natã. – *Ele* fez a fonte de água ficar doce.

– Foi isso o que eu quis dizer – Natã gaguejou, com o rosto corando.

– Eu sei o que você quis dizer – Eliseu respondeu gentilmente. – Só quero garantir que Deus receba o louvor pelos milagres que Ele faz, não interessa quem seja o instrumento. – O profeta colocou a mão no ombro de Natã. – A despeito de todos os problemas que esta nação teve no passado, parece que finalmente os tempos estão começando a mudar. Acho que o nosso povo quer um estilo de vida melhor, onde reine o bem, e os reis maus não prosperem. Muitos permaneceram fiéis a Deus e nunca dobraram os joelhos a Baal. Com certeza você deve saber disso.

– Nunca dobraram os joelhos? – Natã perguntou incrédulo. – Bem, aqui em Betel não sobrou praticamente ninguém. Às vezes, parece que eu e minha família somos os únicos que não adoram a Baal.

– Na verdade, neste momento, há mais de sete mil pessoas em Israel que têm permanecido fiéis a Jeová, o Senhor nosso Deus.

– Sete mil? – Natã não podia acreditar no que ouvia.

– Isso mesmo, e esses números crescem a cada dia, principalmente depois do confronto no monte Carmelo. – Os olhos de Eliseu brilhavam. – Há muito que podemos fazer, Natã. E começa por mim e por você. Devemos ser fiéis a Deus e estar dispostos a defendê-Lo, quaisquer que sejam as ameaças que soframos, não importa quão difícil fique a situação.

\* \* \* \* \*

Natã finalmente cochilou, e o profeta saiu para ajudar Mara a cuidar dos outros meninos. Quando Natã despertou no meio da noite, estava deitado de lado no chão, e Anzi olhava para ele.

– Como você está se sentindo? – Sonolento, Natã fixou os olhos em Anzi.

– Não tão bem – Anzi gemeu. – Sinto como se um bando de cavalos tivesse passado por cima de mim. O que aconteceu? – Ele parecia confuso. Então a expressão do rosto do garoto mudou, e Natã julgou que ele devia estar se lembrando. Anzi não conseguia mais olhar para Natã, e Natã não ficou surpreso por isso. Basicamente, eles eram inimigos. *Depois de meses me intimidando e me tratando como um pária de Betel será que Anzi poderia se tornar meu amigo algum dia?*, pensou Natã.

– Foram as ursos, não foram? – Anzi abanou a cabeça devagar como se

estivesse tentando esquecer todo aquele apuro. – Acho que eu deveria é ficar feliz por estar vivo – ele admitiu. No entanto, Anzi ainda não conseguia olhar nos olhos de Natã.

– Bem, Deus é bom – Natã afirmou enquanto Mara chegava para lavar os ferimentos de Anzi e colocar mais unguento neles. – Você é sortudo, sabia?

– É – Anzi resmungou. – Quando as ursos atacaram, eu caí de cara no chão. Acho que foi isso que provavelmente me salvou porque o rosto e o abdômen ficaram protegidos daquelas garras perigosas. As ursos me acertaram uns bons golpes, mas eu estava com tanto medo que fiquei imóvel. Acho que elas devem ter pensado que eu já estivesse morto, ou sei lá.

– Alguém avisou o seu irmão sobre o que aconteceu? – Natã perguntou. – Ele ainda está no exército, não é?

– Sim, está servindo lá em Samaria, na guarda do rei. Não sei se já mandaram notícias a ele. Provavelmente não.

Natã esfregou os olhos sonolentos. Por estranho que pareça, Natã sentiu que estava querendo virar amigo de Anzi, mas era difícil encontrar coisas sobre o que conversar.

– O seu pai também lutou no exército do rei, não lutou? – Natã finalmente perguntou. – Ele era um oficial, não é?

– É, ele era um oficial – Anzi murmurou; porém, a partir dali, não disse mais nada, e Natã imaginou que ele provavelmente precisasse repousar.

Natã levantou-se e foi lá para fora, onde encontrou sua mãe e o profeta conversando.

– Felizmente, os garotos agora estão todos repousando – Mara disse baixinho, curvando a cabeça em respeito ao profeta. – Por que você não vem com a gente para casa e come alguma coisa? Tem uma panela de ensopado sobre as brasas do fogão. Depois que você comer, o Natã pode arrumar uma esteira para você dormir com ele lá no terraço. Já é muito tarde para você ir até a escola esta noite – disse Mara, olhando para o céu escuro acima. – O tempo está bom. E lá vai estar mais fresco ainda; assim, você pode descansar bem antes de iniciar sua jornada pela manhã.

– Você é uma mãe consagrada em Israel – o profeta elogiou Mara –, e Deus a recompensará por sua fidelidade a Ele.

Quando chegaram em casa, Natã cutucou as brasas do pequeno fogão e esquentou o ensopado de lentilha. O alho e as cebolas tornavam o ensopado ainda mais saboroso; contudo, Natã estava tão cansado que mal percebia o gosto.

Após a rápida refeição, os dois subiram penosamente os estreitos degraus de pedra rumo ao terraço.

– Foi um dia meio corrido, não é? – o profeta suspirou enquanto os dois se esticavam em suas esteiras, observando as estrelas acima.

– Foi mesmo – Natã bocejou. Sentiu-se acanhado por estar na presença de um homem tão importante; porém, sabia que era um abençoado por ter passado tanto tempo com Eliseu.

– Não é tão longe de Gilgal até aqui – Natã disse finalmente –, mas foi mais difícil do que quando descemos até a escola dos profetas na semana passada.

– É que é uma subida íngreme. – O profeta também bocejava.

– Profeta Eliseu – Natã agora tomava coragem –, por que os garotos foram tão maldosos conosco hoje? Nunca vi crianças tão iradas. Foi mesmo assustador vê-los daquela maneira.

– Boa pergunta, filho. – O profeta virou-se de lado. – Pessoas são pessoas, sejam elas adultas ou crianças, eu acho. Se elas não conhecem a Deus, se o amor de Deus não está no coração, então elas acabam se tornando bem egoístas. E isso as faz pensar apenas em si mesmas. E as crianças basicamente reproduzem as atitudes dos pais. Tenho certeza de que você já percebeu isso sozinho só de observar as pessoas aqui em Betel.

– Mas isso não faz sentido! – Natã exclamou. – Não podemos deixar que as crianças ajam assim em Betel. É loucura. Esses meninos vão crescer e se tornar assaltantes e criminosos. – Ele estava realmente ficando alterado. – Os pais tinham que ser mais inteligentes. – ele completou. – Deveriam obrigar os filhos a se comportarem, ou, conseqüentemente, todos se tornarão inimigos por aqui. Se não pudermos contar com nossos vizinhos, com quem poderemos contar, especialmente durante momentos de dificuldade como o das ursos hoje? Será que as pessoas não conseguem enxergar isso?

– Depois do que aconteceu com os garotos hoje, sim. Até que aconteça um grande desastre e a coisa fique realmente feia, as pessoas tratam os outros com rudeza, malvadeza e crueldade, nunca imaginando que um dia possam precisar da ajuda exatamente das pessoas a quem têm destratado. E, às vezes, até quando acontece uma tragédia, algumas pessoas preferem não receber socorro de quem não gostam. Mas claro que o povo não teve nem escolha. Estavam todos tão chocados com o acontecimento que toda ajuda que conseguissem era bem-vinda. É por isso que o nosso povo tem problemas, Natã. As pessoas em Israel não se tratam com cordialidade.

Eliseu suspirou.

– Elas roubam umas das outras, subornam os oficiais, às vezes matam o fraco e o inocente, e Deus não pode abençoá-las por causa disso. E então elas oram a seus deuses de pedra e madeira porque não conhecem a Jeová. Aí os dias ruins vêm: fome e miséria, pragas, inimigos que invadem nosso país.

– E elas não oram a Deus pedindo ajuda porque não O conhecem – completou Natã.

– Elas não querem conhecê-Lo – repetiu o profeta tristemente.

Natã dormiu profundamente por algumas horas. Ele estava cansado. No entanto, quando os pássaros da manhã agitaram-se nos galhos de uma amoreira ao lado de sua casa, ele acordou de repente. O profeta já estava orando ajoelhado na esteira dele, então Natã resolveu seguir seu exemplo. Foi realmente maravilhoso ajoelhar-se ao lado desse homem de Deus, lá em cima no terraço, e orar a Jeová, o Senhor do céu e da Terra. Era uma sensação esquisita, mas ao mesmo tempo extraordinária, e Natã, mais uma vez, decidiu em seu coração que queria se tornar um homem de Deus como Eliseu.

O sol se preparava para despontar sobre o horizonte quando Natã e Eliseu desceram para preparar um simples desjejum; porém, para a surpresa dos dois, Mara estava em casa, fazendo o desjejum.

– Os garotos estão melhores – ela disse alegremente. – Alguns pais até levaram os filhos para casa esta manhã. Vou voltar mais tarde e dar uma olhada naqueles que estão se recuperando mais lentamente.

– Como está o Anzi? – Natã perguntou, ao se ajoelhar ao lado da pequena mesa que ficava no cômodo da frente da casa.

– Dois anciãos o levaram para casa em uma rede – replicou Mara, – mas acho que ele vai se recuperar totalmente, contanto que permaneça na cama pelos próximos dias.

Foi uma refeição simples; contudo, Natã devorou o pão e o patê que Mara havia preparado. Eles conversaram mais um pouco, terminando a refeição com alguns figos secos.

O profeta Eliseu então se levantou da mesa e agradeceu Mara pela hospitalidade dela.

– E obrigado, Natã, pela companhia ontem de Gilgal até aqui. – O profeta sorriu para Natã, colocando a mão calejada por tanto trabalho na cabeça do menino. – Você fará grandes coisas para Deus, meu filho. Por permanecer firme ao lado de Deus nesta cidade, você já está se tornando um garoto bondoso e compassivo.

O profeta virou-se para Mara outra vez.

– Que Jeová, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, a abençoe e guarde até que venha Aquele que é Santo – ele disse bondosamente. – E agora preciso seguir viagem. – Natã ficou olhando Eliseu partir. O projeto atravessou a entrada da casa e subiu rapidamente a rua estreita em direção ao portão da cidade.

Pardais atarefados continuavam a chilrear na amoreira enquanto Natã virava-se para voltar para dentro de casa; porém, uma voz familiar o assustou.

– Ei, menino, sua mãe está em casa?

O som da voz daquele homem fez o coração de Natã ficar apertado de preocupação. Ele virou-se e viu bem ali Hagias, um abastado proprietário de terras em Betel, um homem que anos antes emprestara dinheiro ao seu pai. Desde a morte do pai de Natã, várias vezes o agiota fora até a casa deles, forçando Mara a pagar somas de dinheiro para abater a dívida.

– Ah, não! Hoje não – Natã murmurou, ao tentar fechar a porta da frente na cara do homem.

– Não tão rápido assim, menino! – o homem disse grosseiramente, enquanto colocava o pé na entrada, forçando a porta com o punho. Seus olhos pretos e redondos vasculharam rapidamente o cômodo da frente da casa, que agora já estava quase vazio. Ele era um homem estranho, mas vestia roupas finas. Natã sabia que esse agiota também havia emprestado dinheiro a outras pessoas na cidade. Ouvira o povo comentando sobre isso no mercado. Hagias enriquecia mais a cada ano, e parecia não se importar em quem pisava, contanto que continuasse a prosperar.

Entretanto, foi a sua voz que fez com que Natã realmente não gostasse dele. Era fria e calculista, e soava completamente desprezível.

– Você não vai ser tão descarado comigo. Saia do meu caminho! – Hagias levantou a mão para dar um tapa em Natã, mas o garoto, com um olhar de espanto, esquivou-se, desviando de seu caminho. O homem empurrou Natã, passando por ele. – Sua mãe e eu temos negócios a tratar – ele falou ríspido.

## *Capítulo 18*

Natã sabia que o agiota era um homem desonesto, e não gostava dele. Contudo, o homem estava pouco ligando para o menino que bloqueava a porta. A intenção de Hagias era receber um pagamento.

Ladã fora um homem bondoso e generoso no que diz respeito a cuidar dos alunos da escola dos profetas na periferia de Betel. Cada vez que os alunos tinham alguma necessidade, ele fazia o que podia, levando comida ou roupas para eles. Quando um deles ficava doente, Ladã frequentemente o encaminhava ao médico, e até pagava pelos cuidados com o pouco que ganhava.

No entanto, raramente alguém se compadecia em retribuir os favores que Ladã tão generosamente demonstrara aos menos favorecidos. E, quando lhe sobrevieram tempos difíceis, algumas vezes teve que recorrer ao empréstimo de dinheiro dos agiotas locais, para poder comprar material de olaria, ou até mesmo remédios quando sua família precisava. Não era grande a quantia que pegava emprestado a cada vez; porém, aos pouquinhos, a dívida foi ficando cada vez maior. E, quando os agiotas iam lhe cobrar o empréstimo e ele não podia pagar, simplesmente cobravam juros. Agora, por causa dos juros, a dívida ficara tão alta que a mãe de Natã já havia perdido as esperanças de um dia poder quitá-la.

– A situação vai ficar feia para nós – Rubens havia dito quando conversaram sobre a dívida.

– A coisa não pode estar tão séria assim – Natã protestara. – Se estivesse séria desse jeito, a mamãe iria nos falar.

– Você acha mesmo? – Rubens discordou de Natã. – Ah, ela também tem um pouco de dignidade, não é? Já tentou muitas vezes pagar o que devemos. E, além disso, ela não vai contar para você a gravidade da situação. Ela não quer que se preocupe. – Rubens parecia nervoso quando falava desse jeito, mas Natã sabia que ele estava apenas preocupado. – E vê se não sai perguntando essas coisas para a mamãe, viu? – Rubens completara em mais de uma ocasião. – Ela já tem muita coisa com o que se preocupar para você ficar lembrando-a disso.

Natã havia refletido muito sobre o que Rubens dissera e decidiu orar sobre o assunto. Não tinha muita noção de como a situação estava, a não ser o que Rubens e o tio Fineias lhe haviam dito. Era apenas um garotinho quando isso tudo acontecera, muito tempo atrás. No entanto, tinha guardado o segredo da

família, não contando para ninguém. Viera-lhe à mente o pensamento de talvez conversar com o profeta Eliseu sobre a dívida; porém, isso seria muito constrangedor. Além disso, Eliseu tinha mais coisas com que se preocupar do que com a dívida da família de Natã. Muitas famílias em Betel possuíam dívidas.

Hagias olhava bravo para Mara, que estava quieta, apenas aguardando o veredicto do agiota. A expressão aflita de seu rosto deixava claro que ela estava humilhada. Natã cravou os olhos no agiota, enquanto o homem começou a escrever num pedaço de pergaminho. Queria odiar esse homem que os reduzia à extrema pobreza. O agiota era trapaceiro e ladrão. Talvez não como os bandidos normais, mas era realmente mesquinha a forma como ele tomava as coisas das pessoas, quando essas passavam pela maior das aflições. Não tinha nenhuma bondade ou compaixão dentro de si.

O agiota não era um homem devoto a Deus e nem se preocupava em ser gentil ou misericordioso. Importava-se apenas com seus lucros e tinha a reputação de desonesto e corrupto. E agora Natã estava ciente de que o homem fora até sua casa para tornar a tirar vantagem deles.

Natã não conseguia enxergar o que Hagias escrevia no pergaminho, mas supunha que o agiota listava os poucos itens que haviam sobrado na casa. O torno de olaria e as ferramentas de seu pai estavam em um canto, ainda cobertos com uma pele de cabra.

– O que há ali embaixo? – inquiriu o coletor, como se tivesse lido a mente de Natã.

– É o torno de olaria do meu marido – disse Mara timidamente. – Por favor, não leve o torno de olaria, senhor. É o único objeto que pode ajudar a mim e meus filhos a tirar nosso sustento.

Lá no fundo, Natã tinha o pressentimento de que era exatamente isso que o agiota iria fazer. Ah, se tivesse levado o torno para Jericó, na oficina do tio Fineias! Ou até mesmo para a escola dos profetas, que ficava na montanha, fora de Betel. Assim, o agiota não poderia confiscá-lo como pagamento da dívida. Mas agora era tarde para pensar nisso.

Natã sentiu um desespero lá dentro de si. “Restou-nos tão pouco! O agiota vai levar tudo?” Os agiotas faziam coisas assim o tempo todo, e até piores. Natã não queria nem considerar as possibilidades.

O homem gordo agora caminhava em direção ao quarto dos fundos onde Mara dormia, e depois foi até o pequeno quintal lá fora onde ela cultivava uma pequenina horta. Enquanto ele continuava a escrever, outro homem entrou na

casa.

Mara parecia amedrontada, e Natã ficou ainda mais furioso. Quem esse homem pensava que era? Ele não podia invadir assim a casa dos outros!

Hagias dirigiu-se até onde estava o torno de olaria, e tirou de cima dele a pele de cabra.

– Carregue este torno até a carreta! – ele gritou para o ajudante. – E leve esta cesta de cevada e a mesa também. – Ele apontou para a pequena mesa redonda que eles usavam para comer, que ficava no centro da sala.

De repente, Natã ouviu o som de um berro que vinha lá de cima, e ficou angustiado quando o agiota olhou para o alto.

– Verifique o telhado também – Hagias ordenou ao homem que carregava as coisas deles para a carreta. – Devem ter escondido uma cabra lá em cima.

Mara continuava olhando fixamente para baixo, enquanto o ajudante voltava momentos depois conduzindo a cabra. Natã ficou surpreso por a mãe ter conseguido colocar a cabra no terraço. Quando foi que ela tivera chance de fazer aquilo? Será que ela havia suspeitado que o agiota iria naquela manhã?

Natã ficou muito mal só de pensar em perder a cabra. Além do torno de olaria, a cabra era a única coisa de real valor que possuíam. Sua mãe fazia queijo com o leite da cabra e o vendia no mercado, mas agora isso não mais seria uma opção para eles. Natã podia ver a angústia no rosto da mãe, e tinha certeza de que ela também se arrependia por não ter mandado a cabra para Jericó.

– Lembre-se, Mara, que você ainda me deve 150 moedas de prata, e que essa quantia continua aumentando a cada dia. – Hagias saiu da casa e parou perto da carreta já carregada. – Eu volto num futuro bem próximo para acertar as contas com você. Se você não puder pagar a dívida, serei forçado a tomar a casa. – Ele olhou a casa de cima a baixo, como se estivesse negociando cavalos. – Não é lá essas coisas – ele disse friamente plantado à entrada, não dando a mínima para suas palavras, que eram como punhais ao coração de Mara –, mas vai valer alguma coisa razoável no mercado.

Cento e cinquenta moedas de prata! Natã ficou sem palavras ao observar o agiota ir embora. Ele não sabia o quanto, de fato, eles deviam ao homem, mas ficou chocado em descobrir que era tudo isso. Cento e cinquenta moedas de prata eram uma fortuna até para uma família de classe média em Israel. Como iriam liquidar a dívida? O torno de olaria se fora, e também a cabra. Agora não tinham nem como sobreviver.

## Capítulo 19

Natã fitava a mãe. Ele estava muito assustado, mas ela não disse nada, apenas voltou para dentro de casa. Será que ela permitiria que esse homem falasse daquela maneira, ameaçando tomar a casa em que sempre haviam morado? Ela era uma mulher devota e corajosa, mas agora se encontrava apenas cabisbaixa. Natã não sabia o que pensar. Ele apenas desejava que seu irmão Rubens estivesse ali para ajudar. No entanto, o que Rubens poderia fazer? As pessoas pobres não tinham direito algum, e a família de Natã era pobre. Para piorar a situação, não tinham nenhum parente na cidade; o tio Fineias morava lá em Jericó.

Natã entrou, indo atrás da mãe.

– Não podemos deixar que eles levem tudo – ele gritou.

Mara olhou para Natã com uma tristeza estampada em seus grandes olhos castanhos.

– Filho, nós não temos escolha. Estamos em dívida com o homem, e agora precisamos pagar.

– Mas não está certo – Natã enfureceu-se.

– Não, não está. Mas é assim que as coisas funcionam aqui em Israel. Nós devemos dinheiro, e ele pode fazer o que bem entender para recebê-lo.

– Ele está levando tudo, e é praticamente impossível pagar essa dívida.

– É verdade, Natã, e você terá que compreender essa dura realidade. Os pobres não têm nenhum direito se não possuem alguma propriedade ou se estão endividados. São pisados e oprimidos, tratados como se fossem animais.

Os olhos de Natã flamejavam de raiva.

– Hagias é um homem mau, e eu... – Natã não conseguiu terminar de dizer o que pensava. A mãe ensinara-lhe a não falar daquele jeito, e ele sabia que falar assim apenas tornaria mais pesado o fardo que ela carregava. Natã tornou a correr para a rua e deu uma olhada na direção em que a carreta havia partido. Queria correr atrás do agiota e recuperar o torno de olaria e a cabra, mas isso era impossível. Natã era apenas um garoto, e, embora fosse injusto, o que Hagias fazia estava de acordo com a lei do lugar. Era comum em Israel tomarem todos os bens que uma família pobre possuía: ou por meios de corrupção ou por força mesmo.

– Eu vou até o mercado para ver se consigo um trabalho – Mara suspirou

ao colocar uma capa sobre cabeça. – Volto antes do meio-dia – disse ela, fazendo um esforço para se animar. – Fique de olho na casa enquanto eu estiver fora, e pratique sua leitura e escrita. Se você terminar cedo, pode capinar a horta lá dos fundos. – Ela apertou a capa sob o queixo. – Oh, que o Senhor nos socorra! – acrescentou ansiosa, ao sair pela porta. – É agora que mais precisamos dEle, mas receio que Ele vá nos ensinar por meio da provação e tribulação.

Foi difícil para Natã ouvir a mãe falar daquele jeito. Geralmente ela era positiva e otimista. Mara estava tentando não ser negativa, mas Natã tinha certeza de que ela começava a perder as esperanças de um futuro melhor.

Ele gostaria que Eliseu estivesse ali. O profeta saberia o que fazer, e de alguma maneira deteria o agiota, não permitindo que ele tomasse tudo o que possuíam. Será que ele deteria mesmo o agiota? Conseguiria detê-lo? Eliseu era um líder religioso em Israel, mas será que ele tinha autoridade sobre homens como Hagias?

Para Natã, os dias seguintes passaram-se lentamente. Durante todos esses dias, ele se dedicou às palavras hebraicas que a mãe estava tentando lhe ensinar. Escrever não era difícil; apenas requeria muita prática. E pelo menos uma vez por dia ele saía até o poço da cidade a fim de levar para casa a água que utilizariam durante o dia. Nos dias de lavar roupa, tinha que ir até o poço muitas vezes por dia. Felizmente, ninguém mais o incomodava lá. Após o ataque das ursos, Natã não via mais alguns dos garotos por ali. Achou que ainda estivessem se recuperando, ou talvez eles tivessem aprendido a lição sobre não andar com a turma errada.

Entretanto, Natã ainda não tinha amigos. Era difícil morar em uma cidade onde poucas pessoas adoravam a Jeová, o único Deus verdadeiro. E não era fácil arrumar as malas e ir para outro lugar. Se eles fossem, perderiam a casa com certeza.

Após a última visita de Hagias, Mara trabalhou no mercado a maioria dos dias, tentando ganhar um pouco de dinheiro. Não era muito, mas geralmente o suficiente para comprar o azeite e a farinha necessários para fazer o pão que sempre alimentava ela e o filho. Com o pouco de verduras e ervas que ela cultivava em sua pequena horta no quintal, suas refeições eram simples, mas pelo menos estavam se alimentando, e Natã nunca reclamava.

Às vezes, Mara trabalhava para os mercadores como vendedora de produtos nas bancas. E, de vez em quando, conseguia algumas costuras e lavava roupas para as mulheres dos mercadores ricos na parte abastada da cidade.

Quando chegava a época da ceifa, ela e Natã colhiam o que restava dos grãos nos campos de cevada e trigo, ou apanhavam uvas nas vinhas.

Um dia, enquanto Natã estudava, alguém bateu à porta. Ao abri-la, Natã ficou surpreso ao ver Anzi parado ali.

– Anzi! Paz seja com você! O que o traz aqui? – foi tudo o que conseguiu dizer.

Anzi estava plantado na porta, calado. Cabisbaixo, jogava o peso do corpo de um pé para o outro.

– É bom ver você em pé e por aqui – Natã disse contente. Ele deu um passo para fora da porta. – Ainda sente muita dor nas costelas? E como está a cicatrização daqueles cortes?

– Ah, até que estão cicatrizando bem. – Anzi deu um sorrisinho para Natã. – Eu já não sinto tanta dor agora. Olhe. – Ele ergueu o braço por cima da cabeça para mostrar que já conseguia se movimentar bem.

– Uau, você realmente parece bem melhor! – Natã exclamou. – Muito melhor! Deus é muito bom. A Ele seja o louvor por Sua misericórdia e bondade inesgotável!

Novamente, houve um longo silêncio. Por fim, Anzi recobrou a voz.

– Hum, bem, eu só quis vir e agradecer por tudo o que você e sua mãe fizeram no dia em que fomos atacados pelas ursos.

– Ah... bem, de nada, Anzi. Afinal, para que servem os amigos? – Porém, assim que Natã terminou de pronunciar essas palavras, se deu conta de quão tolas elas soavam. Anzi não era seu amigo, ou pelo menos nunca havia sido antes. E então Natã lembrou-se do sentimento que lhe viera naquela noite do ataque, quando se sentou próximo ao leito de Anzi. Naquela ocasião, não fora capaz de explicar para si mesmo por que se importava com o maldoso e zombeteiro brigão que tornara sua vida tão infeliz. E agora, mais uma vez, estava sentindo uma estranha ternura em seu coração por esse brigão que havia sido terrivelmente ferido pelas garras das ursos. Natã não conseguia explicar essa sensação esquisita. Talvez fosse porque esse garoto que bancava o valentão, agora humilhado pelos ferimentos, também estava de alguma forma diferente.

Anzi virou-se para ir embora, mas tornou a virar de volta para fitar Natã.

– Ah, eu queria só falar mais uma coisa – disse ele devagar.

## Capítulo 20

Anzi olhou para os pés novamente.

– Eu queria dizer que estou muito arrependido por ter tratado você tão mal. E também queria pedir desculpas por tudo o que eu e os outros garotos falamos aquele dia sobre o profeta Eliseu – ele acrescentou. – A verdade é que, por muito tempo, eu tenho sido um garoto revoltado, e venho descontando isso em você e em alguns outros garotos daqui da cidade. – Ele fez uma pausa e transferiu o peso do corpo de um pé para o outro. – Sabe, meu pai morreu quando eu era pequeno. Foi assassinado quando estava em batalha contra o exército sírio. Armaram uma emboscada para a unidade do meu pai; eles sequer tiveram chance de se defender. – Anzi falava com amargura. – Sempre me senti injustiçado por nunca ter tido a oportunidade de conhecê-lo. – Anzi agia como se quisesse falar mais, mas apenas engoliu em seco.

– É, eu entendo como você se sente – Natã disse em voz baixa. – Meu pai também foi assassinado. – No entanto, ele não mencionou que fora por ordem de Jezabel que seu pai havia sido executado. – Muitas vezes, eu só queria que meu pai viesse caminhando para a cidade – Natã completou –, mas eu sei que isso não vai acontecer, Anzi. A melhor coisa que eu posso fazer agora é tocar a minha vida para frente, fazer bons amigos e ajudar minha mãe.

Natã sorriu para Anzi.

– Sabe de uma coisa? Agora estou percebendo que, na verdade, eu e você temos muito em comum.

O rosto de Anzi se iluminou.

– É, eu estava pensando a mesma coisa. Ah, e tem mais uma coisa. – Ele deu uma olhada para a rua abaixo e depois tornou a olhar para Natã. – Eu queria saber... O que preciso fazer para aprender a adorar o seu Deus? O único Deus verdadeiro, quero dizer, Jeová.

Pela expressão no rosto de Natã, era óbvio o espanto dele.

– Eu e os outros garotos recebemos o que merecíamos no dia do ataque das ursos – Anzi completou rapidamente. – Deus estava nos ensinando uma lição. – Anzi estava à beira das lágrimas, mas tentou terminar o que queria dizer. – E Eliseu é um homem santo, profeta de Deus para todo o Israel. – As lágrimas agora reluziam nos olhos de Anzi. – Você pode ajudar a mim e a minha mãe a conhecermos a Deus como vocês conhecem? Entendi que não há Deus

como o Senhor – disse ele suavemente.

Natã mal podia acreditar no que ouvia, pois jamais imaginara que fosse possível o que estava vendo e ouvindo. Por tanto tempo Anzi havia sido seu inimigo, mas agora parecia que estavam se tornando amigos.

– Claro, eu ensino sobre Deus para você – Natã finalmente recuperou a voz –, e talvez Eliseu possa nos ajudar também.

Anzi finalmente dirigiu-se para casa. Entretanto, Natã não conseguia parar de acenar para ele, até que o garoto desapareceu perto de uma esquina. *Então Anzi quer ser meu amigo?*, Natã se perguntava. *Quem poderia imaginar?*

Naquela tarde, Mara voltou para casa com boas notícias.

– Hoje eu estava lá na escola dos profetas, pois um dos mercadores mandou que eu fosse lá para dar um recado, e ouvi dizer que o profeta Eliseu irá até Gilgal outra vez – ela disse alegre, de volta ao normal. – Quero preparar alguma coisa para ele levar para o Rubens.

– Podemos convidá-lo para ficar e comer conosco enquanto ele estiver por aqui? – Natã tinha no rosto um olhar esperançoso.

– Bem, não sei; nós temos tão pouco... – Mara franziu as sobrancelhas em hesitação. – Ah, mas eu acho que vale a pena recebê-lo para uma refeição caseira, embora seja escassa. Acredito que podemos convidá-lo, sim – finalmente ela acrescentou, com um sorriso que lhe vinha ao rosto. – Fico realmente muito grata pelas bênçãos que o profeta Eliseu traz à nossa casa quando ele passa por aqui.

Natã ficou empolgado ao pensar que estaria com o profeta outra vez. Essa era a melhor notícia de todas. Ele observava a mãe, enquanto ela saía para preparar o pouco de comida que tinham para o jantar. Era verdade, eles tinham muito pouco. Para aquela noite, somente pão e algumas verduras. Porém, a mãe parecia feliz mesmo assim, e Natã a admirava por sua alegria e contentamento a despeito de todas as coisas ruins que já lhe haviam acontecido na vida. Primeiramente, seu marido fora executado pela perversa rainha Jezabel, deixando-a viúva. Depois, as dívidas que o marido tinha tornaram-se uma maldição, deixando sua vida muito difícil. E então Natã começou a se meter em brigas com os valentões arruaceiros da cidade, e Mara preocupava-se com o fato de ele crescer em um lugar como Betel. E agora, para piorar ainda mais, Hagias, o agiota, confiscara tudo de valor que possuíam e ameaçava tomar a casa também.

– Você é um menino atencioso – a mãe completou, ao preparar o jantar. – Você teve uma boa ideia. Após a refeição, gostaria que você fosse à escola e

deixasse uma mensagem dizendo que o profeta será bem-vindo à nossa casa sempre que passar por aqui.

– Tudo bem! – Natã estava feliz só de pensar em estar novamente com o profeta, e então outro pensamento lhe veio à mente.

– Mãe, o que você acha de pedirmos que o profeta nos ajude a falar com o agiota sobre a dívida que temos?

Mara olhou rapidamente para Natã, surpresa de que ele tocasse no assunto.

– Eu não sei – ela disse devagar. – Essa é uma questão particular. Nós precisamos resolver nossos problemas.

– Mas o agiota vai tomar nossa casa! – Natã exclamou. – Você não quer que isso aconteça, quer?

Ela olhava ao redor para o cômodo vazio. Não havia mais nada ali, a não ser um pequeno jarro de barro com azeite próximo ao fogão, e um pouquinho de farinha que ela trouxera para casa do mercado.

– Pode ser que você tenha razão – ela suspirou finalmente. – Deixe-me pensar sobre isso.

Antes de escurecer, Natã correu com o recado até a escola que ficava na colina, e o profeta aceitou o convite. Entretanto, ele e seu assistente só foram aparecer na tarde do dia seguinte, já um tanto tarde.

– Paz seja com vocês! – Eliseu disse quando Mara e Natã abriram a porta. Os raios do sol da tarde já declinavam, penetrando na entrada da casa. – Ficamos gratos pelo convite para comermos com vocês.

Mara sorriu e curvou a cabeça respeitosamente, não olhando nos olhos do profeta, conforme o costume das mulheres em Israel.

– Sintam-se em casa – disse ela gentilmente. – O jantar está quase pronto. Vocês não vão arriscar viajar até Jericó a essa hora, vão? – Ela deu uma olhada para fora da janela. – É mais provável que os bandidos ataquem à noite do que durante o dia na estrada do desfiladeiro.

– Bem, não. Na verdade, teremos que sair mais cedo do que gostaríamos, mas eu estava pensando em pedir que os anciãos nos hospedassem esta noite aqui em Betel.

– Ficarei chateada se fizerem isso – disse Mara. – Em vez disso, por que vocês não ficam aqui? Vocês podem dormir no terraço com o Natã de novo. Tenho certeza de que ele vai adorar a companhia – ela sorriu, alisando o despenteado cabelo de Natã.

– Você é bondosa, Mara. Obrigado! Nós aceitamos. – Eliseu virou-se para

o jovem, seu companheiro de jornada. – Este é o meu assistente, Geazi. Ele vem me acompanhando em minhas viagens até as escolas dos profetas por todo o Israel.

Natã trouxe uma bacia rasa com água e lavou os pés empoeirados dos dois viajantes. Esse costume era para que os convidados se sentissem bem-vindos e relaxados, e também para refrescá-los após o trajeto que havia percorrido da escola até ali. Quando chegou a hora da refeição, Mara ofereceu o que tinha de melhor aos seus convidados. Eles não perceberam que ela gastara as economias da semana a fim de lhes oferecer aquela simples refeição. Ela colocou a comida sobre um tapete redondo, no meio do chão da sala da frente, e esperou que os homens tomassem o alimento. Ela se serviria depois, quando os homens já tivessem terminado, de acordo com o costume.

Durante a refeição, Natã ficou observando Geazi atentamente; na verdade, mais vezes do que ditava a boa educação. Ele era um rapaz bonito, com os olhos acinzentados, e tinha uma barba bem aparada que lhe proporcionava uma notável aparência. Natã pensou que ele tivesse uns 25 ou 26 anos de idade.

Natã percebeu que Eliseu dava uma olhada ao redor do cômodo vazio, e o menino se perguntava se o profeta sabia qual era o problema. Ele queria deixar escapar a verdade sobre a razão de a casa estar vazia, mas sabia que não era da sua conta fazer isso. Sua mãe escolheria quando e como compartilhar as notícias. Não queria constrangê-la quanto à pobreza em que se encontravam.

– Parece que sua casa está meio vazia – Eliseu finalmente comentou. – Não me lembro de estar assim tão sem mobília da última vez em que estive aqui.

– É, acho que tem suas vantagens – Mara corou, ignorando parte do comentário do profeta. – É mais fácil para limpar, para varrer. Há menos coisas para as pessoas roubarem – disse ela evasivamente.

O profeta sorriu com o humor dela; porém, julgava haver algo mais naquela história; mesmo assim, ele não disse mais nada.

## Capítulo 21

*Por que a mamãe não fala alguma coisa?*, Natã se perguntava. *O profeta de Deus está bem aqui em nossa casa, um homem santo que pode fazer milagres, e ela nem aproveita para contar o problema!* Natã não podia compreender o silêncio da mãe, mas ele não disse nada. Sabia que a mãe tinha suas razões para esperar, e na hora certa mencionaria o assunto.

Eles conversaram um pouco sobre o que estava acontecendo na escola dos profetas em Betel, sobre como os tempos difíceis haviam chegado, e o quanto precisavam da bênção do Senhor.

– Mas Deus é bom – concluiu o profeta –, e Ele vai ajudar a escola a prosperar durante esta época de reforma em Israel. Com certeza, temos muito trabalho a fazer para conseguir neutralizar todos esses anos de influência que a rainha Jezabel exerceu nesta parte do país. Acho que vou subir para descansar – por fim ele acrescentou, com um sorriso cansado. – Preciso estudar um pouco antes de dormir. – Ele mostrou um rolo de pergaminho das Escrituras que carregava consigo.

– Obrigada por nos abençoar, ficando em nossa casa – disse Mara, curvando a cabeça em respeito outra vez. – Sua esteira de dormir está lá em cima. – O sol já se havia posto quando, subindo os degraus estreitos de pedra, Natã levou o profeta até o andar superior. O menino certificou-se de que Eliseu estava confortável, deixando-o com uma lamparina a óleo para que fosse possível ler.

– E aí, está gostando das viagens com o profeta? – Mara perguntou a Geazi, enquanto colocava as coisas em ordem após a refeição. – Já viajou bastante?

– Viajei pouco até agora – Geazi disse com um sorriso confiante –, mas estou gostando do que ando vendo. Estar com o profeta Eliseu me faz conhecer coisas e lugares novos, em que eu nunca havia estado antes.

– Onde vocês ficam quando viajam?

– Às vezes, ficamos na casa de um dos anciãos de uma cidade. Outras vezes, quando estamos em uma das cidades reais ou em uma guarnição militar, os oficiais providenciam um lugar para ficarmos. Ah, mas é só de vez em quando que conseguimos uma regalia das boas. – Geazi sorriu. – Por exemplo, ao longo da estrada para Siquém, no Vale de Jezreel, há uma cidade chamada

Suném. Toda vez que o profeta viaja para aquele lado, ele fica na casa de um casal rico, em uma grande propriedade. A mulher é uma senhora importante, filha de um dos mais ricos mercadores do norte de Israel. Adoro ficar lá, naquele luxo todo.

– Em uma dessas viagens por lá, fomos surpreendidos ao descobrir que eles haviam construído um quarto de hóspedes especialmente para o meu mestre na propriedade deles – Geazi continuou. – O quarto é simples, mas com a mais confortável das acomodações. Tem uma cama muito boa, mesa e cadeiras, e uma lamparina; assim, o profeta pode estudar seus pergaminhos até tarde da noite se quiser. Disseram ao meu mestre que ele poderia ficar o quanto quisesse quando viesse à cidade, e até providenciaram servos para nos assistir em todas as necessidades.

Natã era cativado à medida que, sentado, ouvia Geazi contar a história. Esse era um tratamento totalmente diferente daquele que o profeta Elias recebera da maioria das pessoas em Israel. Entretanto, Elias era do tipo que preferia atividades ao ar livre, vestia roupas rústicas, tirava o próprio sustento da terra e pregava em lugares isolados. O profeta Eliseu, por outro lado, era capaz de socializar-se bem com as pessoas. Segundo tudo que Natã ouvira, o profeta Eliseu sentia-se tão confortável no palácio de um rei quanto na choupana de um caseiro.

– Enfim, meu mestre Eliseu me perguntou o que poderíamos fazer a esse homem e sua mulher em Suném – Geazi continuou. “Ela é uma mulher de posses”, dizia meu mestre, “uma mulher que em tudo. Precisamos demonstrar a ela nossa gratidão, mas o que será que poderemos dar-lhe que ela já não possua?”

– Eles têm filhos? – Mara perguntou a Geazi, enquanto aparava e acendia o pavio de uma lamparina a óleo, colocando-a em uma pequena prateleira na parede.

– Foi exatamente isso que eu pensei – disse Geazi com um tom de satisfação na voz.

– Era o que eu iria querer – Mara completou –, mesmo se eu fosse rica. – Ela olhou em volta para o cômodo vazio e ficou vermelha de constrangimento com a pobreza de sua casa.

– Foi exatamente o que eu disse ao meu mestre – Geazi falou. “O marido dela é idoso, e eles não têm nenhum filho. Se até agora nada aconteceu, é bem improvável que ela venha a ter um.”

– Dá para entender – replicou Mara. – Estou surpresa de o homem não ter

tomado uma segunda esposa na esperança de ter um filho. Não é o que eu gostaria que meu marido tivesse feito, mas muitos homens em Israel fazem isso para poder ter filhos e assim dar continuidade ao nome da família.

– Bem, ela é a única esposa – acrescentou Geazi –, e, se você a conhecesse, entenderia o porquê. Ela é uma mulher cativante, bonita de fato. Mas, conforme você disse, em Israel, não ter filhos é como uma maldição. De qualquer forma, eu estava pensando... uma criança seria o presente perfeito para eles.

Natã se contorcia ao ouvir essa parte da história. *Por que, ele se perguntava, Geazi está tomando tanto crédito para si? Qual é o objetivo de ele estar se mantendo sob os holofotes?*

– Então, finalmente, meu mestre chamou a mulher – Geazi continuou. – Agradeceu-lhe as muitas gentilezas que fizeram. “Por causa disso, e porque você é uma mulher virtuosa em Israel”, disse ele, “ano que vem, nesta época, você carregará um filho no colo.” A mulher apenas fitava meu mestre, com uma expressão de espanto no rosto. De início, não conseguiu falar nada; porém, depois, ela gaguejou: “Por favor, não brinque comigo!” Meu mestre negava com a cabeça, mas ela ainda agia como se isso fosse um tipo de piada. “Ah, homem de Deus, por favor, não zombe de mim fazendo-me promessas que nem o Senhor pode cumprir. Passei anos sonhando em ter um filho, mas tive que aceitar a minha sorte na vida, e agora já estou muito velha para uma coisa assim!” Meu mestre apenas sorriu. “O Senhor é bom, e Sua palavra não pode falhar. O bebê vai nascer.”

Natã estava fascinado com essa história maravilhosa. Mais uma vez, ali estava um exemplo do poder de Jeová, o único Deus verdadeiro, e Eliseu fazia parte desse milagre. Como ele foi capaz de fazer isso? Seria outra vez o poder do manto tornando possível tantos milagres? Certamente parecia que poderia ser. Que outra explicação havia?

Natã quase perguntou a Geazi se o profeta estava usando o manto no dia em que fizera a promessa do filho, mas então decidiu que não iria perguntar. Não queria parecer bobo. E, além disso, se é que um dia tomaria coragem para perguntar uma coisa dessas, queria ele mesmo fazer a pergunta ao profeta Eliseu. Esse parecia ser o único jeito certo. Natã não tinha nenhuma dúvida de que o profeta era um homem de Deus e de que, certamente, possuía uma porção dobrada de Seu Espírito. Mas e o manto? Com certeza era um mistério! Natã não estava nem mesmo um milímetro mais perto de descobrir o que tanto queria saber sobre o manto. Entretanto, estava mais curioso do que nunca.

Mara entregou a Geazi um copo de água fria quando o rapaz terminou a história.

– Obrigada por partilhar isso com a gente – ela disse em voz baixa. – Às vezes, sou tentada a duvidar de que o Senhor nosso Deus está mesmo conosco, mas sei que não devo alimentar tais pensamentos. Eu reconheço, pelo que você diz, que o Espírito do Senhor está sobre seu mestre, e somos privilegiados por ter ele conosco na terra de Israel.

Natã ficou feliz ao ouvir a mãe falar daquela maneira. Ela sempre fora uma fortaleza em questão de fé e, apesar de parecer mais desanimada ultimamente, Natã estava certo de que Deus recompensaria a fé da mãe como fizera à mulher de Suném. Deus os ajudaria a resolver seus problemas. Ele os ajudaria a pagar a dívida.

Naquela noite, enquanto Natã tentava pegar no sono, ele continuava a pensar em Geazi. Tinha alguma coisa errada com aquele rapaz! Será que era o hábito que o jovem tinha de ficar falando tanto de si mesmo? Ou era o jeito que ele falava da mulher bonita de Suném e de todo o dinheiro que ela possuía? Natã tentou deixar de lado a impressão negativa que tivera. Talvez ele estivesse apenas com ciúme de Geazi. Talvez houvesse ficado com inveja do rapaz porque ele podia viajar com Eliseu o tempo todo. Ou será que era outra coisa? O caráter do jovem, quem sabe?

O profeta Eliseu era um maravilhoso homem de Deus; porém, parecia que ele havia feito uma má escolha convidando Geazi para viajar com ele como seu assistente. Pelo menos foi isso que Natã pensou. Sentiu-se incomodado com a possibilidade de Eliseu ter cometido um grave engano ao julgar o caráter de Geazi. Ele respeitava demais o profeta para pensar em tais coisas, mas que outra explicação havia?

E então Natã pensou outra coisa: *Talvez Eliseu não tenha de fato escolhido Geazi; provavelmente Geazi se voluntariou para viajar com o profeta.* Natã nunca poderia ter certeza disso a não ser que perguntasse. E da mesma forma como não tinha coragem de perguntar sobre o manto, também não tinha certeza se um dia tomaria coragem suficiente para perguntar isso.

## Capítulo 22

Na manhã seguinte, todos já estavam em pé bem cedo. Assim, Eliseu e o auxiliar dele poderiam dar uma boa arrancada antes de o dia esquentar. Eliseu pediu a bênção para o dia, e em seguida tomaram um rápido desjejum com pães e passas.

Natã ficou surpreso quando viu as passas. Mara as escondera bem, evidentemente guardando-as para uma ocasião especial como aquela. Estava maravilhado com a economia de sua mãe. Já era um verdadeiro milagre a forma como conseguia sustentar Natã e ela mesma durante esse tempo de crise, mas também servira seus convidados muito bem. Oferecer-lhes passas era realmente um privilégio inacreditável.

*Mas será que ela vai falar com o profeta agora sobre o agiota e a nossa dívida?* Natã estava curioso para saber. Ele observava atento e aguardava; contudo, ela não disse nada. Ele mesmo quase falou alguma coisa uma ou duas vezes, mas o silêncio de Mara quanto ao assunto mostrava ser óbvio que ela não queria expor o problema, e Natã reconhecia que não poderia simplesmente constranger a mãe daquele jeito.

– Obrigada novamente por nos abençoar ficando em nossa humilde casa. – Mara curvou-se enquanto os dois homens se preparavam para ir embora.

O profeta sorriu com apreço.

– Nós agradecemos sua hospitalidade.

Natã observou os dois homens descerem a rua e então virarem a esquina. Só depois disso, voltou-se para a mãe, mas ela já tinha entrado em casa.

– Por que a senhora não contou para o profeta? – Natã exigiu impaciente.  
– Ele estava aqui e provavelmente ficaria mais do que feliz em poder nos ajudar.  
– O garoto sentiu-se estranho ao sugerir o que a mãe deveria fazer. Ele tinha apenas 12 anos. Não conseguia se lembrar de já tê-la tratado com tanto desrespeito; porém, ele sentia que devia fazer alguma coisa.

– Não quero piorar nossa situação – ela finalmente exclamou, enquanto se mantinha ocupada, arrumando o cômodo após a refeição matinal. No entanto, ela não olhava nos olhos de Natã.

– Piorar? – Natã não podia acreditar no que ouvia. – Como isso pode piorar? Nós podemos perder nossa casa!

– Acredite em mim, pode ficar *muito* pior – ela disse enfaticamente,

deixando de olhar para Natã. – E, além disso, não quero envolver o profeta em uma situação que ele não pode resolver. Ele já tem problemas demais para se preocupar nesta cidade.

Natã ficou surpreso e boquiaberto. *Do que ela está falando?*

– Muitas pessoas da cidade não gostam de Eliseu. – Os olhos de Mara, que geralmente eram meigos, agora ardiam em chamas. – Desde que as ursos atacaram os filhos delas, as pessoas não confiam em Eliseu. Elas têm medo dele. Não preciso lhe trazer mais problemas.

– Mas é exatamente isso! – Natã disse exaltado. – Essa é mais uma razão para eu achar que Eliseu poderia nos ajudar. Se as pessoas da cidade têm medo dele, o agiota provavelmente também terá. Talvez o agiota recue quando o profeta falar com ele. Eliseu pode fazê-lo sentir-se culpado pelo que tem feito. A Lei de Moisés não diz que devemos ser bondosos com os pobres? – Natã se arrependeu de fazer essa colocação. Nunca quisera considerar sua família pobre, mas sabia que era exatamente o que eles eram.

Mara começou a dizer alguma coisa, mas uma estrondosa batida na porta a interrompeu.

Será que o profeta voltara inesperadamente? Será que havia esquecido algo na casa, ou seu retorno era simplesmente uma resposta à oração deles? Natã correu até a porta. Agora poderiam falar com o profeta sobre o problema que tinham, e ele os ajudaria a resolvê-lo.

No entanto, para sua surpresa, quando Natã abriu a porta, não era o profeta Eliseu, e nem mesmo Geazi. Era Hagias, o agiota. Antes que Natã tivesse chance de reagir, o homem gordo já entrava novamente, empurrando o menino.

– Voltei – disse ele sem esboçar sentimentos – para receber o restante do dinheiro que você me deve.

– O restante do dinheiro? – Mara parecia alarmada. – Você não falou nada sobre vir pegar o restante do dinheiro tão rápido.

– Não precisava avisar – Hagias disse friamente. – Tenho os meus direitos, e estou dentro dos meus limites legais para exercê-los quando eu quiser. – Ele deu uma olhada ao redor do cômodo vazio. – Então você quer dizer que não tem o dinheiro?

– Não! Não, eu não tenho! – Mara parecia agora bem assustada. – Não tenho o dinheiro. Não tenho condição nenhuma de lhe dar as moedas que faltam agora. É impossível juntar essa quantia num período tão curto de tempo. Só faz algumas semanas desde a última vez que você veio.

– Sim, Mara, tenho que concordar com você; é uma quantia impossível para juntar. Vocês pobres nunca conseguem arranjar dinheiro, e é por isso que eu estou aqui. – Suas palavras sarcásticas deveriam ter constrangido Mara, mas, naquela manhã, ela não tinha tempo para constrangimentos. Percebia que ele iria dizer algo pior, e estava certa.

– Bem, eu pedi que os cambistas avaliassem esta casa, e eles acham que o valor não será suficiente para quitar sua dívida.

Mara encarava Hagias horrorizada.

– O que você está dizendo? – ela exclamou, enquanto suas mãos começavam a tremer.

– Estou dizendo que possivelmente vou ter que levar seus filhos como garantia, até que você consiga pagar a dívida. Eles vão valer um bom preço no mercado como servos contratados.

– Servos contratados? – Mara ofegava.

– Tá bom, vai – disse Hagias indiferente. – Acho que escravo define melhor.

– Meus filhos não! – Mara gritou em agonia. Ela correu e se jogou de joelhos no chão, agarrando Hagias mais ou menos pelos tornozelos. – Meus filhos não! Por favor, não leve meus filhos como escravos!

O agiota a empurrou rudemente para longe, dando um passo para trás em direção à porta aberta.

– Volto em uma semana. Se você não tiver a quantia exata até lá, vou vender sua casa e levar seus filhos, Mara. – Ele disse o nome dela como se eles fossem amigos, como se de alguma forma estivesse fazendo um favor a ela.

O homem mau a abandonou ali ajoelhada, soluçando sobre o piso de chão batido.

– Não! Não! – ela lamentava, como se os filhos já tivessem ido embora. – Não meus filhos! Não meus filhos! Eles são tudo o que me restou!

Natã estava horrorizado com essa sucessão de eventos.

*Seria possível? Eu e Rubens estamos para nos tornar escravos de Hagias ou de algum outro fazendeiro rico que decida nos comprar?*

Ele pensou em outras possibilidades: eles poderiam ser vendidos em um mercado de escravos para um lugar bem longe de casa, e teriam que fazer trabalhos forçados durante anos, talvez nos campos ou em uma pedreira ou até mesmo em uma mina.

Ao pensar num destino assim, Natã tremeu de medo, e começou a entrar em pânico. Agora tinha que ir até Rubens e contar tudo a ele. Eles sairiam

dessa cidade pagã e fugiriam para longe. Iriam para tão longe que ninguém nunca mais os encontraria.

No entanto, Natã parou e pensou. Sabia que jamais poderia fazer isso. Se ele e Rubens fugissem, Hagias voltaria e levaria sua mãe. Ela seria vendida como escrava, e isso seria ainda pior. Natã sabia que precisava ser forte e resolver o problema; sua mãe não podia fazê-lo. Ela já havia enfrentado problemas suficientes.

Ele observava a mãe, e essa foi a cena mais lamentável que já vira. Ela continuava de joelhos, chorando como se o coração fosse despedaçar. Finalmente, Natã tocou seu ombro e a ajudou a se levantar.

## Capítulo 23

– Mãe, me deixe fazer alguma coisa – Natã disse com firmeza, e a ousadia de suas palavras o surpreendeu. – Vou atrás do profeta Eliseu e preciso alcançá-lo antes que ele avance demais na estrada até Jericó. Ele ainda não deve ter ido muito longe. Vou trazê-lo aqui de volta e ver se ele pode nos ajudar. – Natã falava com a convicção de um adulto, mas por dentro estava com mais medo do que nunca.

– Tudo bem – a mãe disse chorosa, respirando fundo. – Talvez você esteja certo. Talvez devêssemos ver se o profeta pode nos ajudar.

Sem mais nenhuma palavra, Natã saiu e desceu a rua. Correu e correu. Estava um tanto abismado de que o profeta e Geazi tivessem conseguido ir tão longe. O menino já estava começando a ficar cansado quando finalmente avistou os dois homens na estrada à frente, e gritou para eles à medida que se aproximava.

– Qual é o problema, meu filho? – disse o profeta, surpreso.

E aí a história veio à tona. Ele contou como seu pai morrera, deixando Mara endividada e também como ela fora incapaz de pagar a dívida. Contou ainda que agora o agiota estava indo à sua casa regularmente, tomando tudo o que possuíam. Contou que, na verdade, o agiota acabara de ir naquela manhã e estava ameaçando tomar a casa.

– E ele falou que também vai levar Rubens e eu como escravos, se nós não pudermos pagar o que devemos! – Natã realmente parecia assustado.

– Aqueles agiotas são como sanguessugas. – O rosto do profeta foi tomado pela ira. – Almejo ver o dia em que esse tipo de coisa pare de acontecer. Digame o que eu posso fazer para ajudar.

– Por favor, volte para nossa casa. – Natã implorou. – Minha mãe está muito aflita e abatida, e ela não sabe o que fazer.

Dentro de uma hora, eles estavam de volta em casa. E então Mara incluiu na história os seus próprios detalhes, que eram muito tristes.

– O que vou fazer? – Uma enxurrada de novas lágrimas lhe veio ao rosto enquanto ela caía de joelhos diante do profeta. – Eu não posso impedir que o agiota faça isso. Não tenho o dinheiro.

Eliseu tentou confortá-la.

– Jeová, nosso Deus, resolverá as coisas.

– Hagias pode levar tudo o que eu tenho. – Mara começava a ficar histérica. – Mas, por favor, não deixe que ele leve meus filhos.

Eliseu acariciou sua cabeça e tentou levantar a pobre mulher.

– Nós não vamos permitir que ele faça isso, Mara. – Ele deu uma olhada ao redor do cômodo vazio. – O que você ainda tem em casa? Alguma coisa de valor?

– Não, o agiota levou tudo. A pouca mobília que nós tínhamos já se foi. Ele levou o torno de olaria também, e a cabra – ela disse chorando. – Levou até a última cesta de cevada que eu estava guardando, caso a situação ficasse ainda mais difícil. – Ela ergueu as mãos sem poder fazer nada.

O profeta examinou atentamente o cômodo, esquadrinhando tudo o que via. Geazi observava Eliseu, e um olhar de reprovação começou a se formar no rosto do servo.

– É óbvio que esta mulher não tem nada – ele foi enfático.

– Nas mãos do Senhor, não existe “nada” – Eliseu disse com firmeza. – Sempre temos alguma coisa para oferecer a Deus, por menor que ela possa parecer. E, se a ajuntarmos com um pouco de fé, Ele poderá realizar milagres.

Natã percebeu que Geazi virou os olhos ao se afastar, e isso deixou Natã zangado. O profeta estava tentando fazer algo para ajudar Natã e a mãe, e Geazi estava sendo rude. E então um pensamento terrível assaltou Natã.

*E se Geazi convencer o profeta a pensar que realmente não há muito que fazer? E se ele convencer Eliseu de que não há esperança para nossa família, porque não possuímos nada de fato?*

Natã decidiu que precisava agir. No canto do cômodo havia um pequeno forno de barro e um banquinho de madeira.

– E isto aqui? – disse ele, enquanto tirava uma toalha de linho branca de cima de um pequeno jarro de barro, e olhava para dentro dele.

– O banquinho não vale nada – Mara replicou. – Se valesse, Hagias já o teria levado. E o forno de barro não é portátil. Todo mundo tem um. E o azeite de oliva dentro do jarro com certeza também não vale muito. – Ela encolheu os ombros. – Quem sabe a vigésima parte de uma moeda. Bem pouco mesmo.

– Mas vale alguma coisa – repetiu Eliseu.

– É, acho que alguma coisa. Mas o que poderemos fazer com tão pouco? – Mara não parecia esperançosa.

Natã estava ficando aborrecido com a mãe. Ali estavam eles, na maior das crises, o profeta estava perguntando como ele poderia ajudar, e ela respondia que não tinha realmente nada a oferecer. No entanto, ela não estava

entendendo nada da questão. Não conseguia perceber que não importava o quanto ela possuía; o que importava era apenas que ela desse algo ao profeta.

A fé do menino no homem de Deus começava a crescer. Eliseu já havia feito muitos milagres em Israel. Dividira as águas do rio Jordão e tornara doces as águas em Jericó. Deus enviara as ursos para proteger Eliseu da gangue de meninos. E também, é claro, havia aquela mulher que recebera a promessa de um filho recém-nascido, mesmo que fosse velha demais para ter filhos. Não havia limites para as obras que Deus poderia realizar por meio de Seu servo, o profeta Eliseu, e Natã estava certo disso.

Natã finalmente pegou o jarro com azeite.

– O azeite é tudo o que temos, mãe. – Ele entregou o jarro a ela. – É alguma coisa, e Deus pode abençoá-lo.

O profeta sorriu.

– Nunca encontrei tamanha fé em Israel. Você é um bom menino, Natã. Deus está preparando você para fazer grandes coisas para Ele.

– Agora, Mara – disse ele, virando-se para a mãe de Natã –, eis o que eu quero que você faça. Vá por toda a cidade e pegue emprestado qualquer jarro ou vaso extra que seus vizinhos não forem usar. Não pegue apenas alguns. Pegue muitos.

– Jarros? Vasos? Dos meus vizinhos? – ela franziu a sobrancelha, e Natã já sabia o que ela estava pensando. Ela não tinha muitos amigos em Betel. Será que as pessoas emprestariam seus jarros e vasos a ela? Eles a estavam tratando um pouquinho melhor desde o dia em que as ursos atacaram os meninos, e ela ajudara os sobreviventes a restabelecerem a saúde. Contudo, será que gostavam dela a ponto de lhe emprestarem seus jarros?

– Tudo bem – ela disse finalmente –, e o que eu devo fazer com esses jarros?

– Traga-os para dentro da sua casa e feche as portas, assim que você e seu filho entrarem. Então, despeje esse azeite que você tem em todos os jarros, e, à medida que cada um for se enchendo, separe de lado.

Mara tinha uma expressão confusa no rosto, assim como Geazi.

– Qual é o objetivo disso tudo, mestre? – Geazi cochichou, inclinando-se para perto de Eliseu. – Ela não tem azeite nem para encher um jarro sequer!

O profeta alcançou seu ajudante à porta.

– Aqueles que querem ver o poder de Deus devem aprender a viver pela fé – disse ele com um sorriso. – Vamos, Geazi. Ainda temos que ir longe.

Mara ficou ali esperando o profeta dizer algo mais; porém, ele não disse.

- É isso? – perguntou ela devagar.
- É sim – foi tudo o que o profeta falou.

Natã sabia que a mãe lutava com a fé, e ficou com pena. Ela passara por tanta coisa! No entanto, talvez ela tivesse se permitido duvidar muito de Deus ultimamente. Ela permaneceu na porta, com uma expressão confusa no rosto, enquanto observava o profeta e seu ajudante irem embora. O sol apareceu sobre a fileira de casas na frente da rua, e brilhava com toda intensidade no rosto de Mara. Lá ficou ela, absorvendo o brilho do calor solar. E então sorriu devagar para si mesma, como se finalmente houvesse entendido.

– Mestre Eliseu! – ela gritou rapidamente, correndo atrás dele. – Eu estava pensando aqui... O senhor faria a gentileza de mandar uma mensagem a Rubens quando chegar na escola em Gilgal? Diga para ele voltar para casa imediatamente. Se ele conseguir encontrar uma caravana ou um grupo de viajantes que esteja vindo para esses lados daqui, seria bom. – Seu semblante estava em paz novamente. – Quero meus dois filhos aqui comigo quando fizer aquilo que o senhor mandou – ela completou em voz baixa.

## Capítulo 24

Já tarde, no dia seguinte, Rubens chegou em casa.

– Está tudo bem? – perguntou ele. – Recebi uma mensagem urgente do profeta Eliseu falando que a senhora queria que eu viesse para casa.

– Bem, sim. Natã e eu estamos bem de saúde, Rubens. Mas não, não está tudo bem – Mara disse com uma voz de incerteza. – Estamos com um problema sério. – Ela lhe deu um abraço bem forte. – Você está com fome? Pode ir comendo enquanto eu conto os detalhes para você.

Ela o fez sentar e, à medida que ele comia alguns pães, ela compartilhava com o filho os acontecimentos dos últimos dias.

– Então, Rubens, está vendo? Eu precisava de você em casa para nos ajudar a fazer isso. Não vai ser fácil, mas foi o que o profeta Eliseu nos mandou fazer.

Natã não havia entendido exatamente tudo o que estava envolvido na ordem do profeta, mas estava animado mesmo assim. Queria obedecer cada palavra do profeta, fazer precisamente o que ele dissera, e aproveitar a oportunidade que esse plano proporcionava. Se o plano era para livrá-los da dívida, então ele queria participar, embora não estivesse claro para ele como tudo se resolveria no fim.

“Vá por toda a cidade e pegue emprestado qualquer jarro ou vaso extra que seus vizinhos não forem usar. Não pegue apenas alguns. Pegue muitos”, o profeta dissera. “Traga-os para dentro da sua casa e feche as portas assim que você e seu filho entrarem. Então, despeje esse azeite que você tem em todos os jarros, e, à medida que cada um for se enchendo, separe de lado.” Então era para eles conseguirem jarros e despejar azeite neles? O profeta fora prático quando lhes dera as instruções, mas era óbvio para Natã que essa tarefa não seria nada comum. Será que seria um milagre? O menino estava certo de que teria de ser algo desse tipo, pois um jarro de azeite não daria para encher tantos outros jarros. No entanto, não conseguia imaginar como exatamente esse milagre iria acontecer.

Na família de Natã não havia acontecido nada de extraordinário ou incrivelmente maravilhoso que fosse considerado notícia importante em Betel, com exceção da execução de seu pai, e, é claro, aquela não fora uma coisa boa. Entretanto, esse plano que o profeta tinha para eles era algo bom. Prometia ser

uma bênção para todos eles.

*Quanto tempo será que vai levar para fazermos tudo o que o profeta pediu?*, Natã se perguntava. Ele não sabia e, no momento, nem se preocupava com isso. Só queria ajudar e fazer a sua parte.

– Muito bem, meninos, estou aberta a sugestões – Mara disse finalmente, ainda parecendo meio duvidosa. – Como vamos conseguir jarros e vasos suficientes para fazer isso? Não temos esse tanto de amigos na cidade.

Rubens pareceu confuso por alguns instantes, e então disse por fim:

– Bem, mãe, você socorreu os garotos sobreviventes na noite em que foram atacados pelas ursos. Tenho certeza de que isso fez a senhora ganhar um pouco mais de respeito e gratidão por sua bondade. Isso deve nos ajudar de alguma forma aqui na vizinhança. – Natã observava a expressão da mãe, mas ela ainda parecia hesitante. Então Rubens prosseguiu: – E provavelmente as pessoas não vão se recusar a ajudar com uma coisa dessas, mesmo se não souberem a razão de estarmos usando os jarros. Emprestar um jarro de água, ou até mesmo oferecer um pouco de água a um estrangeiro, é considerado um ato de cortesia comum em Israel, a senhora não acha?

Mara finalmente concordou com a cabeça.

Natã nunca pensara dessa forma, mas talvez Rubens estivesse certo. As pessoas podiam roubar umas das outras e até se matar na guerra; no entanto, quando uma pessoa completamente estranha lhes pedia um pouco de comida ou um pouco de água para beber, era considerado grosseria não oferecer. Natã percebeu que a mãe relaxara. Talvez conseguissem seguir as instruções do profeta Eliseu.

– Vamos lá então! – Rubens disse confiante, ao terminar seu pedaço de pão. – Vamos começar!

Mara sorriu diante do entusiasmo do filho.

– Bem, acho que já é muito tarde para irmos de casa em casa hoje, mas nós podemos dormir bem esta noite, e começar bem cedo pela manhã. – Ela fez uma pausa. – Este é um momento emocionante para nós, meninos! Não tenho a mínima ideia no que exatamente isso vai dar, mas estou confiando em Jeová, o Deus de Israel.

Natã e Rubens foram dormir no andar superior da casa, e conversaram até tarde da noite como nos velhos tempos. Aproveitando a ocasião, Natã contou para o irmão os detalhes do que havia acontecido na chegada a Betel e como os rapazes insolentes tinham sido atacados pelas duas ursos.

– Ei! Você nunca vai acreditar quem veio se desculpar! – ele falou

entusiasmado para Rubens. – Anzi!

– Anzi? – Rubens sentou-se sobre a esteira de dormir. – Anzi pediu desculpas? – O irmão mais velho estava chocado. – Não me diga! Então ele aprendeu uma lição com aquele ataque!

– É verdade, e ele também me perguntou se eu não o ensinaria sobre Jeová, o único Deus verdadeiro.

Sob a luz do luar, Natã pôde perceber que Rubens estava boquiaberto de surpresa.

– Que Deus seja louvado! – Ele finalmente voltou a se deitar.

Os dois meninos conversaram sobre a cidade de Betel, e o fato de crescerem em uma nação onde a idolatria e a apostasia pareciam ser parte da rotina das pessoas. Contaram histórias sobre os reis maus que haviam governado Israel, mas louvaram a Deus por Elias, Eliseu e pela escola dos profetas. Rubens estava empolgado por morar em Jericó com seu tio Fineias.

– Em muitas manhãs, quando o trabalho está meio devagar, eu consigo sair e ir até a escola, e assim assistir às aulas – disse Rubens. – Durante as tardes, o tio Fineias está me ensinando como me tornar um oleiro de primeira. Já sei até fazer todos os tipos de jarros e vasos.

– Nós perdemos o torno de olaria do papai – Natã admitiu um pouco triste. – Hagias o tomou. Mas eu sei quem está com ele agora. Assim que conseguir juntar dinheiro, vou comprá-lo de volta.

– Vou ajudar você a comprá-lo de volta – prometeu Rubens –, mas vai levar tempo. Não tem nem como ganhar dinheiro agora.

– Talvez. A não ser que...

– A não ser o quê?

– A não ser que esse negócio com o azeite dê certo para nós.

– É, concordo.

A conversa ficou calma, mas então Rubens de repente sentou-se outra vez.

– Ei, você ouviu falar sobre o que acabou de acontecer no mês passado? – ele disse agitado. – Você sabia que o rei de Moabe tinha se rebelado contra Israel, não é?

– É, ouvi dizer. Mas o que os moabitas aprontaram dessa vez?

– Bem, dizem que o rei de Moabe teve que dar a Jorão, rei de Israel, 100 mil cordeirinhos por ano, juntamente com a lã de 100 mil carneiros. Meio que um imposto, eu acho. Enfim, o rei Messa, de Moabe, e seu pai já vinham pagando esse imposto sabe-se lá por quantos anos, creio que desde que o pai do rei Acabe fora rei. Por fim, o rei Messa cansou-se dessa ladainha e

simplesmente parou de pagar o imposto. Então, o rei Jorão decidiu que iria lutar contra o rei de Moabe e puni-lo, certo? Jorão pediu então que Josafá, rei de Judá, fosse com ele também e ajudasse a combater o rei de Moabe, pois esse era um inimigo comum a eles. Assim, eles concordaram. Juntaram seus exércitos e viajaram até o sul de Judá para se encontrar com o rei de Edom. Ele também iria ajudá-los. E então todos eles se puseram a marchar pelo caminho mais longo e difícil ao sul e ao leste, próximo ao Mar Morto, até aquele seco deserto em direção a Moabe. Mas adivinha só! A água que tinham levado havia acabado. E, para piorar, o lugar onde esperavam encontrar água, para suprir seus soldados e cavalos, havia sumido. Tivemos um inverno seco, então não havia água no rio de Zeredé. Surpresa! – Os olhos de Rubens se iluminavam ao luar, enquanto ele demonstrava euforia. – Viu, você não acha que eles deveriam ter esperado uma coisa dessas? Afinal, era um deserto. Alguém da turma não estava com a cabeça no lugar. – Natã teve que rir da piada de seu irmão. Era tão divertido tê-lo em casa novamente!

## Capítulo 25

Já era tarde e Natã estava cansado. Sabia que o dia seguinte seria muito importante para todos eles; porém, não se preocupava. Essa história que Rubens estava contando era interessante demais.

– E aí, o que aconteceu depois? – ele perguntou, sentando-se com os olhos arregalados sob o luar prateado.

Rubens esboçou um grande sorriso.

– Bem, depois de marcharem uma semana pelo deserto, os três reis ficaram desesperados. O rei Jorão disse que achava que Deus os havia enganado, atraindo todos eles para o deserto para que Ele os entregasse aos moabitas; contudo, Josafá, o rei de Judá, falou que aquilo era ridículo. “Tem algum profeta de Deus por aqui?”, ele perguntou. “Gostaria de pedir o conselho dele sobre o que deveremos fazer.” Um oficial do rei Jorão informou que acreditava que o profeta Eliseu estava nas proximidades, em uma pequena cidade chamada Ramote. “Ele estava lá dois dias atrás quando passamos pela cidade”, disse o oficial. Então os três reis foram até Ramote. No entanto, quando o profeta Eliseu viu o rei de Israel, ficou indignado. “Por que se dar ao trabalho de percorrer todo esse caminho para me pedir conselho, rei Jorão?”, disse ele. “Vá se aconselhar com os profetas de seu pai e de sua mãe. A rainha Jezabel tem um novo bando desses falsos profetas por aí.”

Rubens franziu as sobrancelhas, como se estivesse imitando o profeta.

– “Bem, de qualquer forma não foi minha a ideia de vir direto para cá para encontrá-lo!”, retrucou o rei Jorão. “Já disse aos outros que eu acho que Jeová nos trouxe aqui para que morramos.” O profeta Eliseu mal olhava para o rei Jorão – Rubens disse ao continuar a história. – Eliseu estava ciente de tudo o que o rei Acabe e a rainha Jezabel haviam feito para perseguir os profetas de Deus em Israel. E o rei Jorão, filho deles, não estava tratando os profetas de maneira muito melhor não. “Você não merece a minha ajuda, e, com certeza, não merece nenhum conselho da parte de Deus!”, o profeta Eliseu disse. “Tão certo como vive o Senhor Deus Todo-Poderoso, a quem eu sirvo, se eu não tivesse respeito pelo rei Josafá, que está aqui hoje com você, eu nem lhe daria ouvidos.”

O irmão mais novo prestava atenção a cada detalhe da história.

– “Entretanto, o Senhor teve compaixão de vocês e ouviu as suas súplicas.

Ele aconselha que hoje à noite vocês cavem poços no vale onde seus soldados estão acampados.” Eliseu apontou para o leste em direção ao deserto. “Cavem durante toda a noite enquanto está fresco, e pela manhã os poços estarão cheios de água. Não haverá vento nem chuva como sinal de que água virá, mas vocês, seus homens e cavalos beberão água.” O profeta olhava a paisagem ao leste com os olhos semicerrados, já que o sol estava para se pôr. “Essa é uma coisa fácil para Deus realizar”, Eliseu afirmou, com o olhar encontrando-se com o do rei Josafá. “Afim, Ele também vai entregar nas mãos de vocês o rei de Moabe. Vocês derrotarão a cidade fortificada e todas as principais cidades deles.”

Agora Natã estava bem acordado.

– E então os reis fizeram conforme o profeta havia mandado? – perguntou ele eufórico.

– Claro que sim! – Rubens continuou. – E tudo terminou como o profeta tinha predito. Na verdade, até melhor. Aqueles soldados trabalharam a noite toda, e, ao raiar o dia, havia poços por todo lugar. Alguns reclamaram do trabalho árduo que tiveram, mas todos sabiam que, quando o profeta Eliseu falava que algo ia acontecer, o negócio acontecia. E, sem dúvida nenhuma, assim como o profeta havia dito, na manhã seguinte, as águas afluíram das montanhas, descendo até a seca região de Wadi Hesa. Era tanta água que os soldados tiveram que sair do caminho. A água encheu todos aqueles poços, e os soldados e os cavalos beberam até se saciarem.

– Calma, a história ainda vai ficar melhor – Rubens disse entusiasmado. – A essa altura, os moabitas já haviam todos saído para guerrear naquela madrugada. Todo homem que pudesse carregar armas foi convocado para proteger a fronteira. E, quando o sol nasceu, sua luz resplandeceu sobre a água nos poços. Quando os soldados moabitas viram toda aquela aguaceira, a aparência daquela água era vermelha como sangue, devido ao solo ser de terra vermelha. Contudo, eles nem cogitaram que isso poderia ser por causa do solo. Tudo que enxergaram foi aquela água vermelha e milhares de soldados israelitas no vale abaixo, muitos deles deitados de barriga para baixo, bebendo água. “É sangue”, eles gritaram. “Os soldados de Israel, Edom e Judá estão guerreando entre si, e estão massacrando uns aos outros. A batalha já está ganha. Vamos! Vamos recolher os despojos de guerra deles!” No entanto, quando os moabitas desceram o vale até o acampamento de Israel, os israelitas saltaram dos poços e os surpreenderam. E os moabitas entraram em pânico, fugindo de volta para a fronteira deles. Então os israelitas invadiram a terra e derrotaram os moabitas, destruindo todas as cidades conforme Eliseu havia predito.

– Isso é que é história! – Natã deitou-se novamente e fechou os olhos.

– Ah é? Isso porque você ainda não ouviu o final! – Rubens deu um grande sorriso. – O rei Messa, de Moabe, sabia que saía perdendo, então escapou para a cidade fortificada de Quir-Haresete com 700 dos seus melhores soldados armados com espadas. Contudo, os soldados israelitas cercaram a cidade para derrotá-la também. Quando o rei Messa percebeu que sua situação era sem esperança, ele tomou seu filho primogênito, o príncipe herdeiro, e o ofereceu em sacrifício a Camos sobre o muro da cidade. O rei Josafá ficou tão perturbado com aquilo que ordenou que seus homens se retirassem, e todos eles voltaram para casa em Judá.

– Uau! – Natã exclamou quando Rubens terminou a história. – E só de pensar que isso tudo começou com eles indo pedir ajuda a Eliseu! Que maravilhoso! Gostaria de poder ter estado lá para assistir a tudo.

– Eu também – completou Rubens.

– Estava pensando aqui... – Natã disse naquela escuridão. – Você acha que o profeta Eliseu usava o manto no dia em que ele fez a predição aos três reis?

– Não sei – disse Rubens. – Por que a pergunta?

– Bem, eu queria saber... Você acha que aquele manto possui algum poder vindo de Deus ou algo parecido? Eliseu realiza todos aqueles milagres com o manto – disse Natã.

– Eu não sei. Nunca antes ouvi falar de uma coisa assim, mas acho que poderia ser possível – Rubens bocejou.

Os meninos observavam o negro céu. Os grilos cricrilavam no pátio abaixo, e, em algum lugar daquele céu escuro, pássaros noturnos assobiavam, enquanto uma brisa fresca soprava do Mar Mediterrâneo rumo ao oeste.

– Sabe, por mais legal que seja morar em Jericó, onde muita coisa acontece todos os dias, eu sinto muita falta de casa. – Rubens bocejou novamente. – Sinto falta de conversarmos assim todas as noites quando deitamos para dormir.

– É verdade, eu sinto saudade de você aqui em casa. – Natã fechou os olhos, e então pegou no sono. Enquanto dormia, sonhos estranhos lhe passavam pela mente. Sonhou que ele estava dando aulas na escola dos profetas em Gilgal. Sonhou que Hagias fugia das ursos que o perseguiram na floresta. E sonhou que ele, Rubens e Anzi desciam todas as ruas e vielas de Betel, recolhendo jarros e vasos de barro.

Então Natã acordou repentinamente, com uma nova ideia na cabeça. O

céu ainda estava escuro; porém, o horizonte ao leste já se tornava cada vez mais rosa, e o menino entendeu por que acordara tão cedo. Convidaria Anzi para ajudá-lo a juntar os jarros e vasos por toda Betel. Afinal, era isso que acontecera no sonho, e ele se perguntava se talvez tinha sido Deus quem havia colocado esse pensamento em sua mente.

Rubens ainda não estava acordado, mas Natã pulou da esteira e correu até o andar de baixo. Bebeu um pouco da água fresca tirada do poço, que estava num grande jarro à porta. Jogou um pouco de água no rosto e saiu correndo. Era bem cedo, mas ele esperava que alguém na casa de Anzi já estivesse acordado. Nunca havia estado lá, mas sabia onde Anzi morava: na parte mais baixa da cidade, próximo ao portão chamado Jericó, um lugar onde as pessoas pobres como a família de Anzi viviam. A família de Natã também era pobre, mas a sua casa não ficava naquela parte da cidade, pois seu pai um dia já havia sido um oleiro bem-sucedido.

Betel não era uma cidade grande; portanto, Natã levou apenas alguns minutos para chegar à estreita rua onde Anzi morava. Um cachorro rosnou para Natã à medida que o menino se aproximava da porta da frente; porém, Natã o ignorou.

– Anzi já está acordado? – Natã perguntou a uma mocinha que acabava de chegar em casa com um jarro de água na cabeça.

– Vou ver – disse ela com uma expressão esquisita no rosto.

Alguns momentos depois, Anzi saiu da casa, esfregando os olhos para espantar o sono, com seu cabelo ainda um tanto bagunçado.

– Natã? O que você está fazendo aqui tão cedo? – bocejou ele.

– É, desculpe por isso, mas, bem... Não dava para esperar. Estamos com um problema e eu imaginei que talvez você pudesse nos ajudar a resolvê-lo.

– Claro! – Anzi bocejou de novo. – Do que se trata?

## Capítulo 26

– Preciso que você me ajude a pegar emprestados muitos jarros e vasos de barro. E, se conseguirmos, alguns jarros de pedra também – Natã afirmou.

– Claro! – respondeu Anzi. – Mas para que vocês precisam deles? Ainda está cedo para a colheita de uvas. Vocês vão usá-los para colocar água e irrigar alguma horta, campo, ou algo parecido?

– Não, não é para isso não. Não posso dizer para que, mas é muito importante. E eu pensei em você, em convidá-lo para ajudar, pois você conhece a maioria das pessoas da cidade. Precisamos pegar jarros emprestados por um ou dois dias. Vamos pedir a todos que puderem nos ajudar.

Anzi se espreguiçou devagar.

– Tudo bem, eu acho. Por você, Natã, faço qualquer coisa.

Os dois meninos correram de volta para a casa de Natã para uma refeição rápida antes de começarem. Mara sorriu quando viu Anzi.

– E então, rapazinho, como está se sentindo? – ela perguntou animada.

– Muito bem. Minhas costelas estão bem, e os meus cortes já estão todos cicatrizados – foi tudo que Anzi disse, ao curvar a cabeça timidamente. Mara ofereceu pães e figos aos meninos, e então Rubens fez a oração para iniciarem o dia. Enquanto oravam, Natã notou que até Anzi estava calado, com o rosto também levantado ao céu em respeito.

No começo, o negócio foi meio lento para os meninos. Eles tentaram os vizinhos que moravam mais próximos e, apesar de o pessoal ter sido amigável o bastante, a maioria deles apenas dava aos meninos um ou talvez dois jarros. E esses geralmente eram pequenos.

Os meninos aventuraram-se e foram mais e mais longe, onde as pessoas não os conheciam muito bem, e isso pareceu ajudar um pouco. Algumas famílias emprestaram seus maiores jarros de água. Foi bom. Porém, é claro, os jarros tinham de ser carregados por todo o caminho de volta para casa. Embora estivessem vazios, ainda assim eram pesados, especialmente aqueles feitos de pedra.

– Agora me conte, por que estamos ajuntando todos estes jarros para sua mãe? – Anzi limpou o suor da testa, observando a fileira de jarros e vasos que começava a preencher os dois cômodos e o quintal da casa de Natã.

– Foi o que o profeta Eliseu nos mandou fazer. – Natã encolheu os

ombros. – Ele falou que tínhamos que despejar azeite nos jarros.

– Que azeite? Vocês têm algum tonel grande de azeite no quintal ou alguma coisa desse tipo? Eu não sabia que vocês tinham um olival.

– Nós não temos. – Natã fez que não com a cabeça, quase que rindo. – Bem, Anzi, sobre esse plano de encher os jarros, eu realmente não sei muito mais do que você. Só estou fazendo o que o profeta falou para minha mãe que deveríamos fazer, se quisermos nos livrar das nossas dívidas. Devemos muito dinheiro ao agiota, e o profeta Eliseu está tentando nos ajudar.

Anzi também encolheu os ombros; era óbvio que ele nunca vira ou ouvira falar de algo tão estranho em toda a vida.

E então começou uma disputa entre os meninos para ver quem conseguia trazer mais jarros e vasos de barro para casa. Natã não podia nem imaginar como é que iriam lembrar a quem pertencia cada vaso quando chegasse a hora de devolvê-los.

– Vamos ter que nos preocupar com isso depois – decidiu ele.

Eles trabalharam duro a manhã inteira, e até o meio-dia a casa e o quintal estavam cheios de jarros e vasos emprestados.

– Creio que não temos espaço para mais nenhum – Mara disse animada, com aquele antigo brilho nos olhos. Natã ficou contente de ver a mãe assim. Já fazia um bom tempo que ela não parecia tão feliz.

E então Mara fez conforme o profeta Eliseu mandara. Chamou os meninos para entrar e fechou a porta. Anzi olhava hesitante para ela, mas Mara colocou o braço ao redor dos ombros do garoto e disse:

– Pode ficar, Anzi. Já posso sentir que este dia vai ser um sucesso. E você colaborou para que isso acontecesse.

Então, ela pegou o jarro de azeite de oliva do canto do cômodo e virou-se para Rubens.

– Filho, precisamos orar antes de começarmos. – Suas mãos tremiam ao segurar o jarro. – Não sei exatamente o que Deus tem reservado para nós, mas, depois de ver vocês trabalhando duro nesta manhã para fazer com que estes jarros estivessem aqui, não consigo imaginar que seja algo menos que espetacular.

Eles ficaram calados ao ouvir Rubens, com a voz que se tornava um pouco mais grossa, orar a Jeová, o Deus de Elias e de seu sucessor Eliseu.

– Por favor, Senhor Deus, rogamos uma bênção de Tuas mãos. – disse Rubens confiantemente. – Fizemos conforme o profeta Eliseu nos solicitou, e pedimos que Tu nos honres por isso. Amém!

Mara tinha a cabeça curvada, e os lábios dela moviam-se em silêncio. E, em seguida, ela olhou para os filhos por um último comovente instante antes de começar a despejar o azeite nos jarros.

E ela despejou lentamente, primeiro em um jarro menor, pois talvez não tivesse uma fé tão forte quanto a de Rubens. Que Deus podia realizar um milagre, ela estava certa. Mas será que Ele faria isso por eles? Ela nunca participara de nada sequer parecido com o que estava acontecendo, e suas mãos continuavam a tremer enquanto ela se movia em direção ao próximo jarro, sendo esse um pouco maior. Quando esse também se encheu completamente, ela ainda permanecia calma, mas os meninos começaram a ficar eufóricos. Natã arregalou os olhos quando ela se virou para o terceiro jarro, e Anzi começou a pular de empolgação.

– Olha só o azeite! – ele gritou com uma voz fina. – Está se multiplicando! – e de fato estava.

A essa altura, Mara já havia enchido cinco jarros e depois seis e sete, e era óbvio que algo fantástico, além dos mais extraordinários sonhos dela, estava ocorrendo. Muitos dos jarros que eles estavam enchendo eram maiores do que o jarro original, aquele que ela segurava firmemente em suas mãos. Rubens teve que segurar Anzi e acalmá-lo para que ele não derrubasse os jarros e vasos vazios que estavam por perto.

Os garotos começaram a mover os jarros do lugar para dar espaço a Mara; assim, ela não teria que parar de despejar.

– Agora sejam cuidadosos, meninos – Mara calmamente os lembrava repetidamente. – Não queremos deixar cair nenhum pingo desse azeite precioso. – Porém, Natã tinha certeza de que a mãe estava eufórica também. Ela parecia estar ficando cansada, mas continuou mesmo assim.

Mara despejou e despejou e despejou, e o azeite simplesmente não acabava! Foi fascinante testemunhar esse milagre.

Quando os jarros da casa terminaram, ela voltou-se para os do quintal, e um pensamento repentino lhe veio à mente. Esse azeite iria continuar se multiplicando e multiplicando por tempo indeterminado, mas ela iria acabar ficando sem jarros e vasos. De alguma forma, lhe pareceu terrível pensar nisso naquela hora, e ela começou a entrar em pânico. Não queria ser gananciosa; no entanto, porém sua dívida era alta, e ela não tinha ideia de quanto azeite precisaria para quitar a dívida, ou quanto de dinheiro aquele azeite iria render. Esse milagre já estava praticamente garantido a ela; então por que não aproveitá-lo ao máximo?

– Meninos, é melhor vocês correrem lá fora e conseguirem mais jarros – ela gritou para eles. – Não quero parar de despejar.

Sem mais uma palavra, os três garotos correram para fora da casa, dois subiram e outro desceu a rua. Dessa vez, eles foram até os vizinhos mais próximos, e então, quando os vizinhos viram a empolgação nos olhos dos meninos, eles lhes deram os jarros sem perguntar para que eram. Alguns até jogaram fora a água que haviam tirado do poço naquela mesma manhã.

– Obrigado! – os meninos diziam. – Ajudaremos vocês a buscarem água do poço mais tarde.

Eles iam e voltavam para casa, carregando os pesados jarros e colocando-os onde achavam espaço. Correram aqui e ali, de um até o outro portão da cidade, e de casa em casa pela cidade de Betel. Parecia que haviam encontrado todo jarro disponível em Betel; porém, Mara continuava pedindo mais. Toda vez que vinham para casa com mais um jarro, ela ficava mais empolgada.

– Os jarros estão acabando de novo! – ela gritava. Era óbvio que ela agora já estava alcançando os meninos nessa disputa. Finalmente, eles pararam no pátio aberto somente para recuperar o fôlego, com as mãos nos joelhos.

– Não há mais jarros, mãe – Natã disse exausto. E assim foi até bom, pois não havia mais sequer um único lugar na casa inteira onde eles pudessem colocar mais um jarro vazio.

## Capítulo 27

– Tem que haver mais jarros em algum lugar! – Mara disse. – Tem que haver! Vão e chequem novamente!

– Nós verificamos. – Natã repetiu. – Procuramos por toda parte. – Anzi assentiu com a cabeça, exausto.

– Bem, vocês pediram para Abisague, a mulher que confecciona cestos, perto do mercado lá embaixo? Ela sempre tem vários. – Mara não tirava os olhos do que estava fazendo. – E a Miriam? Foram conferir com ela?

– Sim, mãe – Natã lhe garantiu.

– Vocês subiram até a parte rica da cidade? Eu tenho costurado e lavado roupas para muitas famílias de lá. – Mara continuava a despejar.

– Mãe – Rubens disse com firmeza –, não há mais jarros em lugar nenhum. Pegamos todos os jarros e vasos que existem em Betel. Posso lhe assegurar; é verdade. Nós fomos a algumas casas duas ou até três vezes. Eu tinha certeza de que alguns vizinhos estavam guardando alguns jarros quando nós pedimos, mas, na terceira vez que fomos lá, eles simplesmente desistiram e nos entregaram tudo o que possuíam.

Mara suspirou enquanto continuava a despejar, e era óbvio que agora ela estava bem cansada.

– Quer que eu despeje um pouco? – perguntou Rubens.

– Não, é melhor não fazermos isso. – Ela passou por cima de alguns jarros menores para chegar até os maiores que ainda não haviam sido enchidos.

– Não quero trocar de tarefas. O azeite pode parar de se multiplicar.

Os meninos continuaram a tirar os jarros de azeite do lugar para dar espaço a Mara. Assim, ela podia chegar até os vasos que ainda estavam vazios. Por fim, todos os jarros e vasos da casa ficaram cheios. Quando não havia mais nenhum jarro para encher, o milagroso fluxo de azeite cessou.

E também foi para o próprio bem de Mara. Finalmente, ela caiu de joelhos aliviada, e rompeu em lágrimas outra vez. Ela havia enchido mais de 200 jarros e vasos de barro. Todos estavam cheios de azeite, e alguns eram muito maiores do que o jarro original.

Rubens foi acudir a mãe, e colocou o braço em volta dos ombros dela, que agora tremiam pelos soluços de alegria.

– Ah, Rubens! – ela disse por entre lágrimas. – Eu não mereço esse sinal

maravilhoso do poder de Deus. Eu estava fraca na fé e duvidava do poder de Deus. Tem sido tão difícil desde a morte do seu pai, e tenho tentado ser fiel a Deus, mas aqui em Betel é difícil. Às vezes, eu pensava em simplesmente partir e ir morar em algum lugar onde as pessoas fossem mais compreensivas e amigáveis. No entanto, bem lá no fundo, sabia que Deus queria que fôssemos Suas testemunhas aqui nesta cidade pagã. – Mara parou de soluçar e então falou claramente e em tom de solenidade. – Agora entendo que é exatamente isso o que Ele queria. Nós podemos testemunhar de Deus aqui. Podemos ajudar as pessoas a perceber que existe um caminho melhor do que adorar deuses de madeira e pedra, como Baal e Astarote.

Anzi assistia à cena toda sem dizer nada; porém, seus olhos estavam ficando arregalados. Finalmente, ele não conseguiu mais se conter.

– Se eu mesmo não tivesse visto isso, jamais teria acreditado – ele disse, dando uma olhada para aquele grande número de jarros e vasos em volta, que transbordavam com azeite de oliva provido pelo Criador dos céus e da Terra. – Mas eu acredito, e a partir de agora adorarei o Deus de Israel por todos os meus dias. Pelo resto da minha vida eu servirei a Jeová, mesmo se eu for o único aqui em Betel, além de vocês.

Mara novamente curvou a cabeça em sinal de humilde gratidão e louvou ao Senhor por esse milagre maravilhoso. Então, ela mandou que Natã fosse ao portão da cidade para verificar se alguém que estivesse indo para Gilgal poderia enviar uma mensagem para o profeta. Assim, ele poderia ver por si mesmo os resultados do milagre.

Entretanto, Natã mal havia chegado ao portão de Betel, quando encontrou Eliseu e seu ajudante, Geazi, vindo em direção à cidade. Natã correu até ele eufórico. Quando viu o sorriso no rosto de Eliseu, percebeu que o profeta já deveria, de alguma forma, estar sabendo do ocorrido.

– O senhor está sabendo do azeite? – Natã disse surpreso.

O profeta apenas sorriu e fez que sim.

– Uau! Notícia boa chega rápido, hein? – Natã completou. – Mas... Como o senhor descobriu? Quem contou? – Então ele percebeu que ninguém contara ao profeta. Ele simplesmente sabia. Ah, mas isso já não era de se esperar? Afinal, se o homem de Deus tinha poderes divinos para prometer-lhes tamanho milagre, ele também não iria saber quando o milagre acontecesse?

O profeta colocou a mão no ombro de Natã.

– Decidi ir para Ramá e oferecer um sacrifício na escola de profetas. Já faz tempo que eles estão me pedindo para ir até lá.

– Mas achei que você tivesse planejado descer até Gilgal.  
– Mudança de planos. – Eliseu deu uma piscadela para Natã. – Eu sabia que vocês iriam me chamar para voltar a Betel nesta tarde.

– Uau! – foi tudo o que Natã conseguiu dizer.

E então, de repente, ele pensou em outra coisa enquanto fitava Eliseu. O profeta estava usando o manto dele. Parecia o mesmo de sempre. Natã ficou se perguntando se o manto tinha alguma coisa a ver com o milagre dos jarros de azeite que o aguardavam em casa. Queria dizer alguma coisa, mas estava extasiado demais com o azeite. – Venha ver! – o menino gritou, indo à frente no caminho rumo ao portão da cidade e rua acima. Quando chegaram à casa de Natã, não havia espaço nenhum, nem para entrarem. Havia jarros e vasos de todos os tamanhos, formatos e cores por todo lugar.

– O Senhor é bom! – Mara exclamou. – Vivenciamos um milagre extraordinário! Sinto muito por não ter acreditado! Mestre Eliseu, eu não mereço isto aqui! – Ela caiu de joelhos, agarrou os pés do profeta em gratidão, e começou a chorar outra vez.

Eliseu a ajudou a se levantar e enxugou-lhe as lágrimas dos olhos.

– Você tem razão. O Senhor é bom, mas este é um momento para se alegrar. Agora chame um mercador de azeite, antes que fique muito tarde. Creio que, dá até para você negociar um pouco de azeite antes do fim do dia. – Ele olhou em direção ao mercado. – Na verdade, até tenho alguém em mente com quem você possa negociar: um homem bom e honesto, em quem você pode confiar para fazer o melhor e mais justo preço. O nome dele é Efraim. Ele mora na parte superior da cidade, mas acabei de vê-lo agora de tarde no mercado lá embaixo enquanto eu passava por lá. Natã, se você e Anzi puderem correr até lá agora, tenho certeza de que ele ficará muito feliz em nos ajudar.

O profeta bagunçou o cabelo de Anzi.

– É bom ver você bem e em pé outra vez, Anzi – ele disse com um sorriso.  
– Então você estava ajudando Natã e a mãe dele hoje, não é?

– Sim, senhor! – disse Anzi.

Natã compreendeu o brilho nos olhos do profeta, e sentiu a mão forte de Eliseu em seu ombro.

– Natã, você é um bom missionário para o Senhor – disse o profeta.

Natã achou que ia explodir de alegria e emoção, ao descer a rua em disparada até o mercado, com Anzi logo atrás dele.

Num piscar de olhos, o mercador de azeite chegou à casa de Natã quase sem fôlego, com uma multidão de curiosos atrás dele.

– Natã, você deveria ter guardado segredo – Mara gentilmente o repreendeu. – Sabe, o mundo inteiro não precisa ficar sabendo do que aconteceu.

– Ah, eu não sei – disse o profeta Eliseu em tom prático. – Por que eles não deveriam saber? De qualquer forma, não dá para você esconder uma coisa dessas por muito tempo, e também pode ser que estejam todos aqui para que você conte de uma vez como foi que aconteceu. Na verdade, vá em frente, Mara. Conte a eles agora as grandes coisas que Deus tem feito por vocês.

Mara sorriu timidamente, surpresa com esse desafio. Ainda tinha o rosto molhado pelas lágrimas; contudo, pôs-se de pé, o mais alto que a sua pequena estatura lhe permitia, e contou ao povo sobre suas provações, suas orações a Deus e esse milagre fenomenal que viera do Céu para ajudá-la a sair das dívidas.

A multidão observava maravilhada enquanto ela falava. As pessoas estavam espantadas demais para dizer qualquer coisa. Natã simplesmente tinha certeza de que elas desejavam que aquilo tivesse acontecido com elas. Finalmente, quando a multidão se dispersou, o comerciante de azeite negociou com Mara um bom preço, e decidiu ficar com todo o estoque da mulher. O azeite de oliva rendeu um valor excelente, o suficiente para quitar totalmente a dívida.

No dia seguinte, ela chamou Hagias até a casa dela e pagou tudo o que lhe devia. E como testemunhas de tudo aquilo estavam Eliseu, Anzi e a mãe do garoto. Hagias observava surpreso os empregados do comerciante despejarem o azeite de Mara em um tonel de pedra gigante, em uma carreta na rua. Os olhos do agiota se arregalavam mais a cada vez que os empregados saíam da casa com jarros e mais jarros do precioso azeite de oliva. Natã e Anzi quase riram da expressão que o homem tinha no rosto. Entretanto, mesmo ao ver esse milagre maravilhoso de Deus, o avarento e mesquinho Hagias não demonstrou nenhuma mudança de atitude. Ao contrário, lamentavelmente, só mudou seu jeito quando ele agarrou as moedas de prata que Mara depositou em suas mãos estendidas.

– Ei, Anzi! – Natã chamou o amigo. – Acho que sei onde posso encontrar um bom torno de olaria por um preço decente. Quer vir comigo e dar uma olhada? – E, com isso, os dois garotos apressaram-se rua abaixo.

## *Capítulo 28*

Tudo voltou ao normal agora que a euforia em pagar a dívida havia passado. Natã comprou de volta o torno de olaria de seu pai, e eles compraram outra cabra. Conseguiram até mesmo readquirir a maior parte da mobília que fora levada e vendida. A essa altura, todos em Betel já haviam ouvido a história, e a maioria das pessoas ficou muito feliz em ajudar Mara a recuperar as coisas dela.

E os meninos também retornaram à rotina. Rubens ficou na olaria do tio Fineias, e logo estava fazendo jarros e vasos iguais aos de um oleiro experiente. O tio Fineias dizia que Rubens era o melhor aprendiz que ele já tivera. E, quando os meses de inverno chegaram, Rubens já estava frequentando regularmente as aulas todas as manhãs na escola dos profetas em Gilgal. Agora já conseguia ler e escrever em hebraico tão bem quanto qualquer jovem, e também era um estudioso da Lei de Moisés.

– Os instrutores da escola estão me pedindo para eu fazer mais e mais trabalhos de copista – ele contou para sua mãe e Natã, em uma de suas viagens para casa.

Natã também estava indo bem nos estudos. Era Lemuel, um idoso profeta em Betel, quem estava instruindo o menino. Os ensinamentos do idoso homem estavam fazendo Natã melhorar muito na leitura e escrita. Ele também estava aprendendo a calcular. No entanto, a parte favorita de Natã era estudar os sagrados pergaminhos que o profeta Eliseu levava quando passava por ali em suas viagens rumo às escolas dos profetas.

Certo dia, ao anoitecer, quando o profeta interrompeu seu trajeto até a escola de Betel para uma visita, trouxe consigo outro pergaminho das Sagradas Escrituras.

– Paz seja com você! – disse ele ao entregar o pergaminho a Natã. – É uma cópia do quinto livro da Lei de Moisés. Você pode estudar esta noite, mas terei que levá-lo de volta pela manhã quando eu partir.

– Paz seja com o senhor! – Natã curvou respeitosamente a cabeça para Eliseu e seu servo, Geazi. – E obrigado por me confiar a Palavra de Deus. Vou cuidar muito bem do pergaminho.

– Sei que você vai – disse Eliseu, desarrumando os cabelos escuros de Natã. – Se eu não soubesse, em primeiro lugar não confiaria isso a você.

Qualquer menino que, em sua idade, aprende a ler e a escrever tão bem já mostra respeito pelas coisas sublimes. E isso aí, meu filho, é uma coisa sublime! – disse o profeta e apontou para o pergaminho que Natã segurava cuidadosamente em suas mãos.

– Nosso trabalho de reforma religiosa em Israel está progredindo – Eliseu contou a Mara na refeição daquela noite –, e dependemos de boas pessoas como você para ajudar essa mudança a se tornar realidade. O milagre que aconteceu com vocês já ajudou a causar um grande impacto aqui em Betel. É muito mais seguro passar pela cidade agora do que há um ano.

– Que bom, mestre Eliseu! Com a ajuda de Deus, somos testemunhas fiéis aqui, mas você terá de admitir que essa reviravolta toda começou no dia em que as ursos atacaram os rapazes.

– É, acho que foi mesmo. – Eliseu concordou solenemente com a cabeça, e então deu uma olhada para Natã, que terminava depressa seu ensopado de lentilhas e pão. – E você, Natã, também está se transformando em um extraordinário missionário para Deus. Você tem ajudado muito a vida do Anzi.

– Obrigado, senhor! – Natã corou com o elogio. – Anzi mora sozinho com a mãe do outro lado da cidade. Na verdade, eu estava indo até lá para perguntar à mãe dele se ele pode dormir aqui em casa esta noite. Minha mãe às vezes nos deixa fazer isso. Eu quero ler para ele este novo pergaminho. – Natã levantou o pergaminho que Eliseu havia lhe emprestado.

– Ele fica escutando você ler? – O profeta pareceu surpreso.

– Sim piririm! Quer dizer, sim, senhor! – Natã ficou vermelho novamente e abaixou a cabeça. O profeta era tão gentil e cortês que Natã se sentia muito à vontade com ele. Mas lembrou-se do que sua mãe sempre dizia. “O profeta pode até visitar frequentemente a nossa casa, mas, ainda assim, para você ele é ‘senhor’ e ‘mestre Eliseu’, Natã. Mostre respeito para com ele e as sérias responsabilidades que ele carrega como um santo homem de Deus.”

Natã se levantou.

– E agora também estou ensinando Anzi a ler – ele completou. – Ele vai bem, apesar de ser difícil para ele, às vezes. Ele tem dificuldade em pronunciar palavras com *x*, então estou praticando com ele palavras como *chibolete*, e ele está melhorando.

– Chibolete? Hmmmm, eu me lembro bem dessa palavra. Foi primeiramente usada na história de Jefté. Uma boa escolha. – Eliseu sorriu da avidez de Natã em ajudar Anzi e em ser também um bom professor.

– É. Bem, se me dá licença, senhor, preciso ir buscar Anzi agora para

começarmos a leitura.

Logo Natã estava de volta com Anzi, e os dois sumiram ao se dirigirem para o andar superior. O sol já estava se pondo; então, Natã pegou lamparinas a óleo e uma boa quantia de azeite de oliva de reserva.

– “Ouça, ó Israel: o Senhor, nosso Deus, é único” – Natã começou enquanto os dois se acomodavam para uma longa noite juntos. – Agora, repita depois de mim, Anzi.

– “Ouça, ó Israel: o Senhor, nosso Deus, é único” – Anzi repetiu as sagradas palavras.

– Você foi muito bem – Natã elogiou o amigo. – Agora vamos continuar. Vou ler mais alguns trechos e você repete depois de mim. “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, e de toda a sua força.”

Anzi olhou hesitante para Natã e então repetiu as palavras lentamente:

– “Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, e de toda a sua força.”

E assim foi quase a noite inteira. Natã ensinou os Dez Mandamentos para Anzi e falou para o menino que os pais deveriam ensinar a Palavra de Deus aos seus filhos.

– Esta é a terra que mana leite e mel, que Deus prometeu dar aos nossos antepassados quando nós deixamos o Egito – disse Natã. – Moisés nos ordenou fazer o que é bom e correto aos olhos do Senhor, para que tudo corra bem conosco, e nós possamos viver muitos anos nesta boa terra que o Senhor prometeu aos nossos antepassados. E, Anzi, nós devemos ser um povo santo ao Senhor nosso Deus – Natã acrescentou. – Olhe só o que diz: “Deus escolheu vocês dentre todos os povos na face da Terra para serem Seus escolhidos, Seu tesouro pessoal. Ele amará vocês, os abençoará e os multiplicará. Abençoará as colheitas da sua terra, os seus grãos e o seu azeite, o gado e as ovelhas dos seus rebanhos. O Senhor os livrará das doenças, e vocês serão abençoados mais do que qualquer outro povo.”

Anzi tinha muitas perguntas. O medo transpareceu em seu rosto quando Natã leu as partes sobre o que aconteceria se o povo de Deus não Lhe obedecesse e nem guardasse os Seus mandamentos. “Quando o Senhor, o seu Deus, os fizer entrar na terra que Ele jurou dar aos seus pais, não sigam outros deuses, os deuses dos povos ao seu redor. O Senhor, o seu Deus, é um Deus zeloso e Sua ira se acenderá contra vocês, e Ele os destruirá da face da Terra.”

Os meninos estudaram até tarde da noite sob a luz das lamparinas; porém, conseguiram dormir algumas horas, antes que amanhecesse.

– E então, como é que foi com o pergaminho, Natã? – O profeta Eliseu perguntou quando eles desceram para o desjejum. – Você parece cansado.

– Ah, nós terminamos o pergaminho inteiro – Natã admitiu esgotado. – Acho que foi muita coisa para o Anzi numa noite só, mas ele insistiu que continuássemos a ler, já que sabíamos que o senhor levaria o pergaminho nesta manhã.

Surpreso, Eliseu ergueu as sobrancelhas.

– Olha só! Vocês estão levando a sério mesmo! Gostaria de poder deixá-lo mais tempo com vocês, mas preciso levá-lo comigo, pois vou usar para ensinar os rapazes na escola aqui em Betel.

– Tudo bem – Natã bocejou antes de enfiar um bocado de pão na boca. – Obrigado por confiar em mim e nos deixar usar o pergaminho.

– De nada, meu filho. – Eliseu sorriu para Natã e então se virou para Mara. – Hoje tenho que fazer visitas com os anciãos na cidade, e estarei aqui na escola em Betel por alguns dias. Entretanto, também preciso descer até Gilgal no fim de semana. Ultimamente essa escola tem passado por dificuldades. A demanda de pessoas querendo frequentar a escola é maior do que o espaço de que dispomos. E a escola está com pouco dinheiro; portanto, não sei o que vamos fazer. De qualquer forma, eu estava pensando... Você não deixaria Natã ir comigo para Gilgal? Ficaremos fora algumas semanas. Meu ajudante, Geazi, vai ter que ir a Samaria para juntar-se à família enlutada dele, pois o avô faleceu recentemente; então eu aproveitaria a companhia de Natã enquanto Geazi estiver fora.

Mara sorriu e inclinou-se para afagar o cabelo escuro de Natã.

– Você gosta bastante deste menino, não é?

O coração de Natã se acelerou, e ele abaixou a cabeça. Isso era bom demais para ser verdade. O profeta estava pedindo que o menino fosse com ele na viagem. Natã estava aprendendo tanto com Eliseu! E não havia nada que realmente preferisse fazer do que acompanhar o santo homem em suas viagens. Natã não disse nada, mas finalmente deu uma olhada para a mãe, implorando com os olhos para ir.

## Capítulo 29

– Acho que não tem problema – Mara disse finalmente. Ela alisou carinhosamente o cabelo de Natã outra vez, lançando um olhar tão terno ao garoto que ele receou que ela fosse chorar.

– Ótimo! Então está combinado. Voltarei dentro de alguns dias – disse Eliseu. – Aí será que eu poderia passar a noite aqui, para a gente sair cedo no outro dia e adiantar bem a viagem antes que o dia esquentasse?

Mara sorriu outra vez.

– Nem precisa perguntar, mestre Eliseu. Você é sempre bem-vindo em nossa casa. Nunca poderemos retribuir tudo o que você tem feito por nós.

– Anzi pode ir junto? – Natã disse repentinamente, e o som da própria voz o surpreendeu. Era uma boa ideia, e Natã sabia que seria muito divertido, mas talvez estivesse sendo impertinente. Talvez o profeta quisesse levar apenas um garoto na viagem. Natã deu uma olhada para o profeta.

O profeta Eliseu concordou.

– Não há nenhum mal nisso, meninos. Vocês dois são comportados.

– Bem, você teria que perguntar para a mãe do Anzi – Mara disse enquanto todos olhavam para Anzi, que estava ajoelhado à mesa.

– Isso eu faço – Natã falou com empolgação, olhando com o canto dos olhos para o amigo. – Vou explicar para ela o que estaremos fazendo lá. Você acha que Anzi e eu poderíamos assistir a algumas aulas também, ou talvez trabalhar na carpintaria durante as tardes, como eu fiz da última vez em que estive lá?

O consagrado homem sorriu com a avidez de Natã.

– Tenho certeza de que poderemos dar um jeito – disse ele. – No entanto, talvez você devesse pensar melhor e, em vez disso, ir trabalhar com o seu tio Fineias na olaria dele. Está no seu sangue, Natã, e é um bom negócio de família para se engajar. Podemos conversar com seu tio sobre isso quando chegarmos a Jericó.

– Oba! – Natã pulou da mesa e outra vez ficou vermelho pela forma intensa como reagira. – Hum, me desculpe. – Ele acenou para Anzi. – Venha cá, Anzi, vamos tirar água do poço e então conversar com sua mãe sobre isso.

A mãe de Anzi disse que sim, e os garotos mal podiam esperar pelo dia da viagem.

– Seja bonzinho – Mara recomendou ao menino enquanto se despediam de casa. – Vou ficar em oração por todos vocês. – Ela enxugou da bochecha uma lágrima solitária.

O trajeto pela estrada do desfiladeiro até o Vale do Jordão não demorou muito. O dia estava perfumado, e uma brisa leve soprava na maior parte do percurso. Quando eles chegaram à bifurcação, a estrada que dava para Gilgal separava-se, e o profeta continuou sozinho o trajeto até lá; porém, Natã e Anzi seguiram para Jericó. Os meninos chegaram à olaria no começo da tarde e ainda conseguiram ajudar Rubens e o tio Fineias um pouco, antes de fecharem.

Durante o jantar daquela noite, os meninos ouviram as últimas notícias sobre Jericó e, então, contaram tudo o que estava acontecendo em Betel. Todos já sabiam da história do azeite miraculoso; mas, mesmo assim, conversavam sobre isso ao redor da mesa, maravilhados com a bondade de Deus e Suas bênçãos em ajudar Mara a saldar suas dívidas.

– Vocês gostariam de ir comigo um pouquinho lá na escola dos profetas nesta noite? – o tio Fineias perguntou quando terminaram o jantar. – Eu queria ouvir as últimas notícias das viagens do profeta.

– Boa ideia! – Natã e Anzi quase que gritaram em coro, e o tio Fineias e Rubens tiveram dificuldade em acompanhar o passo dos meninos enquanto percorriam a curta distância até a escola.

Eles chegaram bem na hora, pois todos já estavam se aglomerando no pátio da escola para mais uma noite de histórias e canções.

– Uau! – Natã sussurrou para Anzi com os olhos arregalados. – Há muito mais alunos aqui agora do que da última vez que eu vim. Deve ter uns cem! Onde será que eles acomodam todos esses rapazes?

O profeta Eliseu já estava dirigindo o culto daquela noite, e uma fogueira havia sido construída para espantar os insetos que picavam. Eliseu narrou as viagens pelo norte. Contou como Deus estava abençoando as cidades que se arrependiam do mal e voltavam a adorar a Jeová, o único Deus verdadeiro.

Eliseu então pediu que um dos rapazes relatasse o que estavam estudando em classe. Perguntou também a outro aluno o que eles estavam aprendendo no trabalho.

– Paz seja com o senhor, mestre Eliseu! – disse um terceiro aluno levantando-se para falar. – Estamos tão felizes porque o senhor veio nos visitar de novo. De fato, sua presença aqui em Gilgal é uma bênção, e nós agradecemos a Deus por ela. No entanto, como o senhor sabe, estamos com pouco espaço aqui na escola, e não conseguimos mais acomodar todo mundo

nas salas de aula. Os quartos do alojamento também estão apertados, e toda semana temos que dispensar novos alunos que gostariam de vir estudar aqui.

– É verdade, isso é um problema. – Eliseu deu uma olhada nos rostos ao redor do círculo. – E sei que Deus quer que essa escola cresça. Não deveríamos ter que dispensar ninguém. O Senhor necessita de cada jovem que esteja disposto a servir. Todos nós precisamos ajudar a restaurar a nação, colocando-a de volta nos antigos caminhos da verdade e piedade.

O profeta tinha os olhos fitos nas dançantes chamas da fogueira.

– Vamos discutir isso amanhã de manhã novamente quando nos reunirmos para o culto. Agora, vamos orar ao Senhor Deus de nossos pais antes de nos recolhermos. Ele pode nos ajudar a encontrar uma solução.

Eliseu orou com voz suave e tranquilizadora, e Natã percebeu a santidade do momento que os envolvia naquele pátio. O profeta agradeceu a Deus pela escola dos profetas em Gilgal, e por todos os rapazes que estavam estudando ali. Louvou a Deus pelos bons professores que comandavam a escola todos os dias.

– Deus de Abraão, Isaque e Jacó, somos tão gratos pelas Tuas eternas misericórdias e por Teu favor nos tempos de necessidade! – ele completou. – Oramos para que Tu nos ajudes a quebrar as cadeias da apostasia em Israel, e, por favor, nos manda logo o Teu prometido Salvador para que nos livre dos nossos pecados.

Estava acertado que Eliseu ficaria na casa do tio Fineias naquela noite.

– Obrigado por me convidar para dormir na casa de vocês esta noite – disse ele. – Simplesmente não tem espaço para mim na escola.

– Eu pedi que o diretor cedesse meu quarto a três alunos que estavam dormindo no pátio. – Eliseu deu uma olhada para o céu escuro, sem Lua à vista. – Parece que pode chover até o fim da noite.

– É a você que devemos agradecer – tio Fineias respondeu. – Ter você em nossa casa é de fato uma bênção.

Natã e Anzi caminhavam ao lado do profeta, ouvindo o que os homens mais velhos conversavam. Todavia, quando a conversa cessou, Natã finalmente se manifestou.

– Eu estava pensando, mestre Eliseu... Se a escola precisa de mais espaço, por que não aumentar as salas de aula? Ou então poderia haver várias salas, só que menores. E poderiam ser construídos mais dormitórios também.

– Isso é meio difícil, Natã – replicou o tio Fineias. – Por mais que a escola precise de espaço, não há dinheiro agora para construir.

– Talvez não custe tanto – Natã disse tranquilo.

– O que você entende disso? – Rubens rebateu. – Você nunca construiu uma escola antes.

– Não, mas eu poderia ajudar. E o Anzi também. – Natã deu uma olhada para o amigo.

– Claro! Eu ajudo! – Anzi concordou enérgico.

– Não seria tão difícil! – Natã continuou a tagarelar antes que seu irmão tivesse chance de falar mais alguma coisa. – Os rapazes da escola devem entender bastante de construção. Eles poderiam fazer a maior parte do trabalho, e nós apenas os ajudaríamos. Assim, eles poderiam nos ensinar como fazer.

Estavam todos tão surpresos que, por alguns instantes, ninguém disse uma palavra. Nem mesmo o tio Fineias. Era como se nenhum deles tivesse considerado todas as possibilidades.

– Bem, Natã, você nos deu algo para pensar – disse, por fim, Eliseu animado.

Na manhã seguinte, Natã e Anzi voltaram para a escola com o profeta Eliseu. Tio Fineias até deixou o Rubens ir. Enquanto os rapazes se reuniam para o culto, Natã percebeu que tinha madeira sobre o altar no canto do pátio, como se estivesse sido preparada para um sacrifício. Após entoar um salmo com o grupo de alunos, Eliseu foi até o altar e levantou os olhos para o céu, recitando uma passagem das Escrituras. Ele vestia uma túnica especial e tinha um turbante branco sobre a cabeça.

Um jovem entrou no pátio carregando um cordeiro pequeno em seus braços, e, de repente, Natã percebeu que aquela era uma cerimônia muito solene. Todos os que estavam no pátio então se ajoelharam, e Eliseu começou a orar.

– Senhor Deus de nossos pais Abraão, Isaque e Jacó, pedimos humildemente que Tu aceites este sacrifício como um símbolo do Salvador vindouro. Sabemos que o Salvador deverá morrer por nossos pecados e confessamos nossos pecados diante de Ti nesta manhã.

Em seguida, o profeta pegou um punhal que estava nas dobras de sua túnica e cortou a garganta do cordeiro. Natã curvou a cabeça em reverência ao assistir à cerimônia solene. Olhos de Anzi estavam arregalados, e Natã percebeu que seu amigo nunca havia presenciado um sacrifício como aquele. Anzi crescera participando de sacrifícios a Baal e a outros deuses cananitas; porém, nunca a Jeová. Natã não explicou nada para Anzi. Não precisava. As palavras de Eliseu disseram tudo.

## Capítulo 30

O cordeiro debateu-se por alguns instantes e, em seguida, caiu morto. Natã observava o movimento dos lábios do profeta, porém não podia ouvir suas palavras. Então, o santo homem usou um punhal para preparar o cordeiro como sacrifício a Deus e deitou o animal sobre o altar. Natã entristeceu-se por perceber que o cordeiro tinha que morrer. Ele assistia atento enquanto as chamas ficavam cada vez maiores e a fumaça subia, formando uma nuvem escura. Natã reconhecia agora mais do que nunca que desejava a vinda do Salvador. Estava cansado de tanto pecado e sofrimento no mundo, e também dos sacrifícios que precisavam ser feitos para lembrá-los do prometido Salvador, que pagaria por todos os pecados.

Quando a cerimônia terminou, os rapazes sentaram-se novamente.

– Esta é uma cerimônia muito especial – Eliseu disse em voz baixa –, e todos nós sabemos de sua importância para nossa salvação. Hoje, mais uma vez Deus nos lembrou de que Ele está desejoso de nos purificar de toda a transgressão e tornar nossos pecados tão brancos como a neve. Amém!

– Amém! – uma centena de vozes marcou o fim da cerimônia.

Eliseu tirou o turbante branco e a túnica especial, colocando-os em um pequeno baú feito de cedro que um jovem segurava nos braços. Depois, o profeta virou-se para os alunos que estavam assentados em torno dele no pátio.

– E agora precisamos tratar de outros assuntos. – Eliseu deu uma espiada no pátio lotado. – Ontem à noite, nós discutimos sobre a necessidade de mais espaço na escola. É evidente que não dispomos mais de espaço suficiente para todos os alunos que querem estudar aqui. Vamos ouvir agora suas sugestões de como poderemos resolver esse problema.

Um rapaz alto se levantou.

– Se estamos com pouco espaço e também com pouco dinheiro, por que nós mesmos não construímos mais alguns cômodos na escola?

– É uma ideia, Quelube. – Eliseu concordou com o jovem com um gentil aceno de cabeça. – E eu acho que gostei. – O profeta examinou o grupo de alunos até que encontrou Natã e piscou para o menino.

Natã e Anzi se cutucaram e abriram um grande sorriso. Então Natã estava certo esse tempo todo! Suas ideias não estavam mesmo fora de alcance!

– Senhor, nós poderíamos ir até o rio Jordão para cortar árvores – disse

outro aluno entusiasmado, também se pondo em pé. – Todos podem ajudar. Podemos cortar varas para o telhado, e também fazer bancos e mesas para a escola.

– Isso mesmo! – Quelube respondeu. – E podemos trazer barro do fundo do rio para fabricar tijolos para as paredes. Provavelmente a maioria de nós já tenha feito algum trabalho desse tipo antes.

O profeta Eliseu sorriu diante do entusiasmo dos jovens.

– Bem, rapazes, parece que estamos com boas ideias aqui. O que vocês dizem? Estamos todos de acordo?

Seguiu-se um burburinho até que finalmente uma voz gritou:

– O que estamos esperando? Vamos lá!

O profeta ampliou o sorriso.

– Tudo bem, então eu também dou a minha bênção. Podem ir, e que o Senhor Deus esteja com vocês durante todo esse empreendimento!

Todos os alunos comemoraram e então ficaram quietos novamente.

– Mestre Eliseu, por favor, venha conosco! – Quelube pediu. – Ficaríamos honrados em ter o senhor com a gente.

Eliseu consentiu, agradecido, e sorriu mais uma vez,

– Bem, essa proposta eu não posso recusar. Um projeto de construção... Sempre gostei muito de trabalhar lá em casa, na fazenda. Sinto-me bem em construir eu mesmo alguma coisa. – Ele deu uma olhada ao redor para os grupos de alunos. – Quando vocês gostariam de começar?

Os alunos todos olharam esperançosos para o profeta; porém, ninguém respondeu, como se esperassem que ele fizesse a sugestão.

– Aposto que eles gostariam de poder começar já – Natã cochichou para Anzi. – Pelo menos eu iria querer.

– Que tal hoje? – Quelube começou a falar, como se estivesse verbalizando os pensamentos de Natã.

O profeta lançou um rápido olhar em volta do pátio.

– Outra ótima ideia – ele anunciou. – E por que não? Vocês têm trabalhado duro ultimamente. Um dia de folga cairia bem para todo mundo. – Um rumor de vozes cercou o profeta até que, finalmente, ele ergueu a mão pedindo silêncio. – Então está combinado! Vamos declarar que hoje vai ser feriado. Vocês estão dispensados das aulas. – O profeta esfregou as duas mãos daquele seu jeito típico. – Aqueles que possuem machados encontrem-nos lá embaixo no rio, dentro de uma hora. Precisaremos de árvores finas e compridas para o telhado, e árvores com troncos mais grossos e fortes para os bancos.

Também podemos fazer portas, janelas e mesas com as toras maiores.

Os jovens saíram do local correndo e celebrando, deixando Eliseu sozinho.

– Podemos ir também? – Natã perguntou animado, parando bem perto do profeta.

– E por que não? – Eliseu colocou a mão no ombro de Natã. – Eles vão levar alguns carros de boi até o rio, e tenho certeza de que deixarão vocês ajudarem a puxar os troncos para cá.

Natã pareceu desapontado. Todavia, não disse nada até que ele e Anzi saíram do pátio.

– Não quero puxar o carro de boi – ele protestou. – Qualquer um faz isso. Eu quero é cortar árvores!

– Mas você não tem machado! – Anzi salientou. – Onde você vai conseguir um?

Natã observava a distância até Jericó.

– Me dê um minuto que eu já penso em alguma coisa.

– Ah, disso não me resta dúvidas! Você já usou um machado alguma vez?

– Sim! – Natã parecia indignado.

– Para cortar árvores?

– Bem – Natã dissimulou –, tudo na vida tem uma primeira vez, eu acho. Enfim, não pode ser tão difícil. Você só deve tomar cuidado para que a árvore não caia em cima de você.

– Ahã – foi tudo o que Anzi disse; porém, pelo olhar de Natã, tinha certeza de que a discussão ainda não havia terminado.

– Vamos! – Natã quase gritou. – Tenho uma ideia! Vamos ver se o meu tio tem um machado. – Os meninos percorreram todo o caminho até Jericó, onde Natã encontrou o tio na olaria dele.

– Você tem um machado que possa me emprestar, tio Fineias? – Natã perguntou.

– Tenho, mas está com o seu irmão.

– Ah! – Natã pareceu frustrado. – Esperava poder ajudar hoje, cortando árvores lá no rio. Vamos construir novas salas na escola.

– Entendo. Bem, tenho certeza de que vai ter muita gente para fazer isso. Divirta-se! – O tio Fineias voltou a trabalhar no jarro que já havia começado a fazer no torno de olaria.

Natã subiu a rua em direção ao portão da cidade e então, de repente, parou e cravou os olhos em alguma coisa.

– O que foi? – Anzi perguntou impacientemente, indo verificar o que Natã

estava olhando.

Natã não disse nada, simplesmente saiu da rua e entrou em uma carpintaria onde um homem estava trabalhando em uma canga para de bois. O carpinteiro tinha um pedaço de vidro na mão e raspava a superfície da madeira para alisá-la.

– O senhor tem um machado!? – disse Natã, fazendo mais uma afirmação do que uma pergunta.

– Sim, eu tenho. – O carpinteiro sorriu com o comentário infantil de Natã. Natã continuava com os olhos fixos no machado com o cabo pequeno.

– Posso pegar emprestado? – ele perguntou de repente, sem explicar o motivo.

– Para que você o quer? – O carpinteiro estava sendo gentil, porém Anzi tinha certeza de que o homem iria dizer não.

– O profeta Eliseu vai com todos os alunos até o rio, para que nós possamos cortar árvores e assim construirmos mais algumas salas para a escola, e eu estava aqui pensando se posso pegar o seu machado emprestado – Natã tagarelou empolgado. Essa foi uma frase difícil de dizer, e o carpinteiro abaixou seu pedaço de vidro para pensar no pedido de Natã.

– Você vai cuidar bem dele? – o homem perguntou. – É o único que eu tenho.

– Ahã – gaguejou Natã, que foi pego totalmente desprevenido. – Quer dizer, sim! Sim, eu vou cuidar! – ele disse, surpreso de que o carpinteiro estivesse concordando que ele levasse o machado. – Obrigado, senhor! Muito obrigado!

O carpinteiro pegou o machado lá de cima, e o entregou para Natã.

– Agora, seja cuidadoso, filho. Acabei de afiá-lo. Qual é o seu nome?

– Natã. Meu tio é o Fineias. Aquela olaria, descendo a rua, é dele. – Natã apontou na direção da oficina.

O carpinteiro consentiu.

– Lembre-se, filho, tome cuidado com ele, e não vá se cortar.

– Vou tomar muito cuidado! – Natã prometeu. – De novo, obrigado! – Ele caminhou devagar para fora da loja, tentando não correr. Não queria parecer descuidado, porém mal conseguia conter sua empolgação. Agora poderia ser como todos os rapazes adultos e também cortar árvores lá perto do rio. Natã começou a caminhar mais depressa. A essa hora, todos já deveriam estar lá embaixo no Jordão, e ele não queria perder a diversão por nada.

## Capítulo 31

Natã corria rumo ao rio Jordão, segurando o machado longe do corpo. Assim, se ele caísse, não iria se cortar.

– Vá devagar! – Anzi continuava berrando para ele. – Isto aqui não é uma corrida! – Porém, Natã continuava correndo. Quando os garotos finalmente se aproximaram do rio, puderam ouvir o som dos machados já em operação.

– Vamos! – Natã começou a descer a margem do rio, cheia de árvores altas. – Vamos cortar uma dessas árvores aqui! Esta aqui é uma grandona das boas! – Ele apontou para um grande carvalho com o tronco largo. – Vou cortar isso aqui num instante! – gabou-se ele, acertando o machado no tronco com toda a força. No entanto, o máximo que conseguiu foi apenas deixar uma pequena marca na casca da árvore. – Uau! Esse machado deve estar mais cego do que o carpinteiro pensou.

Anzi começou a rir.

– Ou é isso ou talvez você não saiba como usá-lo.

– Muito engraçado! – Natã retrucou. – Isso é o que nós vamos ver!

Por toda a extensão do rio, os meninos podiam escutar os homens cortando árvores, e de vez em quando ouviam alguém gritar quando uma árvore caía no chão. Natã continuou tentando atingir a árvore com toda a força por mais alguns minutos. Entretanto, não conseguiu fazer um entalhe muito grande no tronco da árvore. Por fim, ele parou e endireitou-se para limpar o suor da testa com as costas da mão.

– Acho que vou deixar esta árvore para alguém cortar. É uma das boas, e eu já dei uma boa adiantada nela.

Natã se afastou e Anzi apenas revirou os olhos.

Os meninos caminharam ao longo da margem do rio até que Natã avistou outra árvore na margem, sendo essa já bem menor.

– Vou tentar este salgueiro – disse ele. – Parece que combina melhor com um machado deste tamanho aqui. – Natã começou a bater, e lascas começaram a voar. A madeira era mais maleável, e dessa vez ele começou a fazer progresso.

– Posso tentar um pouquinho? – Anzi perguntou.

Natã parou de bater por um momento.

– Tudo bem, mas deixe-me dar somente mais algumas machadadas nesta aqui para deixar no jeito para você.

Ele levantou o machado para mais uma pancada, quando viu a cabeça de um machado passar voando perto dele.

– Uau! – exclamou Anzi. – Você viu isso? Como é que foi acontecer?

Natã ficou boquiaberto. O rapaz que cortava a árvore bem próximo dali ficou com uma expressão desesperada, pois a cabeça do machado voou exatamente na direção das águas do rio Jordão e simplesmente desapareceu.

Anzi olhou penalizado para o rapaz, enquanto Natã soltou o próprio machado e correu em direção ao rio.

Ainda assustado, o rapaz ajoelhou-se lentamente na margem do rio. Não acreditava no que estava acontecendo. Como a cabeça do machado havia se desprendido daquele jeito? Bem, agora não adiantava tentar encontrar uma explicação. O machado se fora!

Natã observou a expressão de terror no rosto do rapaz e, ao ouvir suas palavras, entendeu por que ele estava daquele jeito.

– Ah, não! – ele lamentou. – O que eu vou dizer para a pessoa que me emprestou o machado?

Natã olhou para o machado de cabo pequeno que descansava no chão próximo dali e imediatamente sentiu empatia pelo rapaz. Ele também havia pedido a ferramenta emprestada. E se tivesse acontecido com ele?

A pouca barba no rosto do rapaz indicava que ele ainda era bem jovem. Talvez não tivesse muita experiência em manusear machados. Natã mesmo percebeu que isso não era algo muito fácil. Os três ficaram olhando para o lugar em que o machado havia afundado.

– E agora? – Anzi perguntou.

– Eu não sei – o rapaz respondeu, olhando para as águas do rio que corriam rapidamente. Era primavera, e a água do Jordão estava no nível mais alto do ano. Ele agarrou-se ao tronco da árvore e inclinou-se por cima do rio. – A água provavelmente está funda demais para eu entrar e pegar o machado – ele disse franzindo as sobrancelhas.

– Você sabe nadar? – Natã perguntou para o rapaz, que se chamava Marlos.

– Não. Você sabe?

– Um pouquinho. Bem, não, na verdade. Não com a água acima da minha cabeça.

– Ora, Natã – Anzi disse com certa impaciência. – Isso significa que você não sabe mesmo nadar, porque, se a água estiver cobrindo você, vai se afogar.

– É, acho que tem razão – disse Natã. – Acho que não é uma boa ideia nos

arriscarmos no rio.

O rapaz andava para frente e para trás na margem, tentando pensar no que fazer. Se esperasse o nível da água abaixar, ele iria esquecer onde o do machado havia caído. E até lá o lodo já poderia ter coberto o machado, e haveria ainda menos chances de encontrá-lo.

– O que você vai fazer? – Natã perguntou enquanto olhava fixamente para as correntes de água.

– Bem, acho que é melhor você voltar para a cidade e dizer para a pessoa que lhe emprestou o machado que a ferramenta já era. – A sugestão de Anzi não ajudou muito.

Natã balançou a cabeça.

– Ele não pode fazer isso!

– E por que não? – Anzi perguntou.

– Bem, porque... a pessoa vai ficar muito chateada com ele – Natã completou rapidamente.

Anzi bufou e revirou os olhos outra vez.

– É, mas a pessoa vai ficar brava do mesmo jeito quando descobrir por outra pessoa que Marlos perdeu o machado.

– É, mas tem que haver outro jeito melhor! – Natã coçava a cabeça.

Anzi colocou as mãos nos quadris.

– Você está sempre tentando achar um jeito melhor de fazer as coisas, Natã, mas às vezes não há atalhos. Acredite em mim desta vez. – Ele encarou Natã e abanou a cabeça negativamente. – É melhor Marlos contar logo o que aconteceu.

Natã olhou para o cabo do machado na mão do rapaz e observou os outros rapazes que estavam cortando árvores. De onde ele estava, pôde avistar o profeta Eliseu, lá longe, rio acima, cortando uma árvore sozinho.

– Vamos! – ele finalmente gritou. – Tive uma ideia!

– Você e suas ideias! – Anzi disse, enquanto corria para alcançar Natã. – O que você vai fazer desta vez?

– Vamos falar com o profeta – Natã gritou por sobre o ombro. – Ele saberá o que fazer. Você, Marlos, fique aqui para não perder de vista o lugar em que o machado caiu.

Quando chegaram até Eliseu, a árvore que o profeta cortava estava quase indo ao chão.

– É melhor se afastarem, meninos! – ele gritou. – Pode cair a qualquer minuto! Ele bateu com o machado mais algumas vezes, até que a árvore

começou a se inclinar e, finalmente, caiu no chão, fazendo um barulhão.

– Uma boa árvore esta, não? – o profeta perguntou ao limpar o suor da testa com a manga da túnica.

– É – Natã disse, enquanto os meninos observavam a árvore caída no chão. Finalmente, Natã falou.

– Mestre Eliseu, surgiu um problema. Marlos estava cortando uma árvore, e aconteceu um pequeno acidente.

– Ele se machucou? – o profeta perguntou com uma expressão preocupada.

– Não, não! – respondeu Natã. – Foi pior do que isso!

Anzi olhou espantado para Natã. Ele estava sendo muito dramático. Então ele mesmo resolveu contar o que acontecera.

– Quando Marlos levantou o machado para cortar a árvore, a cabeça voou direto para dentro do rio.

– Sério?! – disse o profeta em resposta. – Então a cabeça devia estar meio solta. Onde o machado está agora?

Natã apontou a direção, e o profeta pôde ver o rapaz agachado à margem do rio.

– Ele está muito triste – disse Natã – porque o machado era emprestado. – Será que o senhor pode fazer alguma coisa?

## *Capítulo 32*

– Tudo bem, vamos dar uma olhada. – O profeta seguiu Natã e Anzi por um capim alto até o lugar em que Marlos estava quando o machado caiu na água.

Ao ver Eliseu se aproximar, Marlos se lamentou:

– Ah, meu senhor! E o pior é que o machado era emprestado!

– Fique calmo – o profeta tranquilizou o aflito rapaz. – Onde caiu? – Eliseu perguntou, examinando a água ao longo da margem.

– Bem ali – Marlos apontou para um local nas águas onduladas a poucos metros de distância da margem, onde ele se lembrava de ter visto a cabeça do machado desaparecer. Pelo menos era ali que achava que fora parar, mas agora já não tinha tanta certeza. – Não, talvez um pouco mais longe, rio acima. – Ele abanou a cabeça desanimado. – Não sei exatamente.

Natã se perguntava como estaria se sentindo caso o “seu” machado emprestado tivesse caído no rio. Afinal, ele também estava tentando cortar as árvores bem próximo da margem e correu o mesmo risco. Machados eram caros. Como o rapaz conseguiria comprar outro?

– Desculpe! – Marlos dizia repetidamente ao profeta. – Eu fui descuidado...

O profeta não falou nada. Natã observou enquanto Eliseu quebrava um pequeno galho de árvore.

Natã arregalou os olhos e lentamente começou a se afastar. O que o profeta iria fazer com aquele galho?

Eliseu estava concentrado, prestando atenção na superfície do rio.

– Mostre de novo onde você acha que ele caiu – disse ele, olhando seriamente para Marlos.

O rapaz ficou parado, como se não estivesse entendendo a pergunta.

– A cabeça do machado. Onde mesmo que você disse que caiu?

– Ah, eu acho que foi bem ali! – Marlos indicou o local que ele lembrava mais se aproximar de onde o machado havia caído.

Natã e Anzi observavam atentamente enquanto o profeta Eliseu arremessava o galho dentro do rio. Marlos percebeu que o galho parou quase no lugar exato onde o machado havia desaparecido.

Os meninos se entreolharam e encolheram os ombros. O que o profeta

estava fazendo? Será que estava marcando o local onde o machado havia caído, para que pudesse entrar no rio e recuperá-lo? De qualquer forma, o galho iria se afastar flutuando, e, até o profeta chegar ao lugar, perderia de vista onde o machado havia caído.

De fato, o galho foi boiando rio abaixo, mas os rapazes observavam atentos o local onde o galho parou primeiro na água. Natã pensou estar vendo uma figura escura que quase flutuava na superfície da água. *Aquilo é uma sombra? Ou é apenas a minha imaginação?*, ele se perguntava.

No minuto seguinte, Anzi estava pulando na margem.

– Estou vendo! Estou vendo! – gritou eufórico. – O machado está boiando! Natã olhou para onde Anzi estava apontando, e sem dúvida podia ver uma figura escura que vinha flutuando lentamente em direção à margem do rio onde eles estavam.

*Será que esse objeto pode ser o machado que estava perdido? Como pode um machado feito de ferro boiar na superfície da água? O ferro é pesado demais para flutuar! A madeira até que boia, mas o ferro não! Será que esse é outro milagre?*

Entretanto, era de fato a cabeça do machado, e estava realmente flutuando na superfície do rio! Marlos olhava sem acreditar.

– É um milagre! – Anzi gritava. – É um milagre! – E era mesmo! Nunca havia presenciado nada parecido em toda a vida.

Logo outros alunos que estavam ao longo da margem do rio começaram a correr em direção a eles para descobrir o que era aquele alvoroço todo.

– O que é isso? – todos eles gritavam, com os olhos fixos no rio.

– É a cabeça de um machado! A cabeça de um machado! – Anzi continuava a dizer, apontando para o ferro que flutuava. – Marlos perdeu a cabeça de um machado no rio. Ela voou para fora do cabo, mas o profeta a trouxe para a superfície!

Eliseu agora sorriu para Marlos.

– Pegue-o! – disse ele gentilmente.

Agora, todos os alunos comemoravam com Anzi e Marlos, mas Natã teve que abanar a cabeça para acreditar no que realmente estava vendo.

Marlos segurou no tronco da árvore e inclinou-se por cima da água para apanhar a cabeça do machado. O objeto era mais pesado do que ele se lembrava, e, ao retirá-lo da água, ficou admirado de aquilo de fato ter flutuado.

Natã virou-se para o profeta. Um sorriso dividiu o rosto do menino; porém, ele não sabia o que dizer. O que poderia dizer? O profeta realizara mais um de seus milagres maravilhosos para conseguir esse feito! Era esplêndido e

fantástico demais para descrever, e Natã apenas abriu um sorriso em respeito a esse homem extraordinário, agraciado com maravilhosos poderes da parte de Deus.

Marlos não parava de agradecer ao profeta.

Natã fitava Eliseu, que agora aparentava ser um gigante parado ali na margem. O garoto tinha a impressão de que o mundo estava girando à sua volta. Alguém na face da Terra já tinha visto uma coisa tão assombrosa quanto um machado flutuar? Essa história iria correr entre as pessoas, e Natã tinha presenciado tudo! Ele achou que aquele era o mais extraordinário de todos os milagres que Eliseu realizara.

E então Natã percebeu que o profeta tinha o manto colocado sobre os ombros.

– O senhor está usando o manto! – Natã de repente deixou escapar, e o profeta piscou para o menino como se tivesse entendido exatamente o que ele estava tentando dizer.

Anzi cutucou Natã.

– O que esse manto tem a ver com tudo isso? – ele resmungou baixinho.

Natã encolheu os ombros e continuou com o grande sorriso no rosto. O olhar confuso de Anzi não o incomodava.

*Então, existe mesmo algo de especial no manto!*

Natã não sabia o que o manto tinha que o tornava especial, mas isso parecia não mais importar. Era como se o menino tivesse feito a descoberta da vida. Ele não disse mais nada, e nem o profeta Eliseu. Entretanto, pelo sorriso no rosto do santo homem, Natã tinha certeza de que o profeta sabia exatamente o que ele estava pensando. O manto era especial porque pertencia ao profeta Eliseu, que era um servo de Deus.

Naquela noite, todos os alunos fizeram um banquete e comemoraram aquele dia memorável com salmos de louvor e música animada. Natã e Anzi até conseguiram sentar-se ao lado do profeta Eliseu enquanto comiam. Eles prestavam atenção à medida que todos os rapazes da escola narravam repetidamente os detalhes da história. Eles louvaram a Deus por aquele milagre fantástico e por Eliseu, Seu servo, que aproximara o Céu um pouco mais da Terra naquele dia.

– Deus é bom – o profeta Eliseu disse ao entregar a Natã e a Anzi mais um pedaço de pão. – Vocês, rapazes, aprenderam uma lição poderosa hoje. Nada é difícil demais para o Senhor – ele falou com reverência –, mesmo que seja algo tão simples quanto fazer boiar um machado.

## Capítulo 33

Alguns dias depois, Natã e Anzi voltaram para casa em Betel com o profeta Eliseu, e que história tinham para contar! A história toda foi se desenrolando, e os meninos continuavam interrompendo um ao outro ao narrarem os detalhes.

– Bem, sem dúvida, o Senhor tem sido bom com todos nós – disse Mara, abraçando Natã e Anzi. – Obrigada, mestre Eliseu, pela oportunidade que você tem dado aos meninos. – Ela curvou a cabeça respeitosamente. – Isso significa muito para nós.

Eliseu sorriu, colocando a mão sobre a cabeça dos garotos. – Eles são bons meninos.

– Você vai ficar para o jantar? – Mara perguntou educadamente.

– Não, é melhor não. – O profeta deu um suspiro, como se ele realmente preferisse ficar. – Infelizmente, preciso seguir viagem. Ainda há um restinho de luz no dia, e eu devo me encontrar com o diretor na escola dos profetas antes que o sol se ponha. E Geazi deve me encontrar lá na escola também. O tempo de luto dele pelo avô finalmente chegou ao fim. – Ele sorriu para Mara. – Mas obrigado pelo bondoso convite!

Os meninos acompanharam o profeta até o portão da cidade e, então, correram de volta para a casa de Natã. Era bom estar de volta ao lar.

– Podemos ajudar de alguma forma? – Anzi perguntou empolgado à mãe de Natã, quando chegaram sem fôlego em casa.

– Bem, preciso que alguém vá tirar água do poço, mas eu acho que é melhor você ir para sua casa, Anzi. – Mara olhou carinhosamente para o menino. – Sua mãe deve estar ansiosa para vê-lo.

– Tudo bem, vamos buscar água para a senhora, e depois vamos lá pegar um pouco para a minha mãe.

Mara sorriu outra vez.

– Você é um menino tão atencioso, Anzi! Sua mãe é abençoada por ter você.

– Só estou tentando mudar de vida. – Um triste olhar passou pelo rosto de Anzi. – Estou tentando compensar todas as coisas ruins que já fiz.

– Bem, Deus ama você, Anzi. Ele já o perdoou, e nós também. – Mara colocou a mão na bochecha de Anzi. – Fale para sua mãe que eu mandei um “oi” e entregue a ela este pacote de figos secos.

– Obrigado, senhora! – ele gritou, levando os figos enquanto corria com Natã até o poço da cidade. Eles levaram para a casa de Natã o grande jarro de pedra, e depois se apressaram para fazer o mesmo para a mãe de Anzi, antes que escurecesse.

A mãe de Anzi estava acabando de chegar em casa quando os meninos também chegaram sem fôlego, por terem carregado o grande jarro de barro cheio de água.

– Bem-vindos de volta! – ela disse ansiosa ao dar um abraço em Anzi. – Não é a mesma coisa sem você por aqui.

Ela sorriu para Natã.

– E obrigada por ajudar Anzi a trazer a água esta noite, rapazinho! Você tem sido um amigo tão bom para ele!

– Eu fico feliz por ter um amigo com quem posso contar – Natã disse com um sorriso. – E agora eu também preciso ir. Até amanhã, Anzi!

Os dois meninos estavam contentes por terem voltado para casa, mesmo que a vida em Betel não fosse tão emocionante quanto estar com o profeta Eliseu. E, mais uma vez, as coisas voltaram ao normal durante um tempo. Todos os dias os meninos tiravam água do poço. Treinavam a confecção de objetos de cerâmica no torno de olaria. Estudavam os pergaminhos que o profeta Eliseu às vezes deixava com eles por uns dias e até mesmo copiavam alguns versos. Era difícil conseguir papiro naquela época, e as peles de animais eram muito caras; então eles escreviam somente na parede, ou às vezes em pedaços de vasos de barro quebrados. Cada vez que o profeta voltava para buscar os pergaminhos, os meninos geralmente já haviam copiado uma porção de passagens. E, quando não tinham nenhum pergaminho para ler, eles memorizavam as passagens das Escrituras que haviam copiado.

Numa noite, Eliseu retornou de viagem e passou novamente por Betel. Dessa vez, ele parou para dormir na casa de Natã.

– E aí? O que vocês aprenderam da última vez que estudaram o livro da Lei? – o profeta perguntou a Natã e Anzi.

– Nós aprendemos alguns versos e podemos recitá-los para o senhor – Natã disse timidamente. – Eles são do livro de Deuteronômio, o quinto livro da Lei. – O menino limpou a garganta e, em seguida, começou a recitar.

– “O Senhor nos ordenou que obedecêssemos a todos estes decretos e temêssemos o Senhor, nosso Deus, para que fôssemos sempre prósperos e preservados em vida, como hoje se pode ver. E se formos diligentes em obedecer a toda esta lei perante o Senhor nosso Deus, conforme Ele nos

ordenou, essa será a nossa justiça.” – Ele parou de recitar para fazer uma pergunta ao profeta. – Esses versos estão mesmo se referindo a nós hoje aqui em Israel?

– Sim, estão sim. – Eliseu examinou atentamente os garotos.

– É por isso que o senhor viaja tanto, mestre Eliseu? Para ajudar as pessoas a obedecer às leis de Deus?

– É sim – disse Eliseu. – E quanto a você, Anzi? O que você vai recitar para mim?

– Bem, eu me lembro de um verso que estávamos lendo no primeiro livro de Moisés. Acho que consigo recitá-lo. – Anzi começou: – “O cetro não se apartará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a Ele obedecerão os povos.” De que esse verso está falando? – Anzi perguntou.

– Essa passagem foi um discurso que o nosso antepassado Jacó fez em seu leito de morte. Ele estava prometendo aos filhos dele que o Libertador de Israel certamente viria um dia para salvar a todos nós. Estou orgulhoso de vocês, meninos. – O profeta sorriu para eles outra vez. – Parece que vocês dois estão aprendendo bastante.

Naquela noite, Anzi dormiu novamente na casa de Natã no andar superior sob o céu estrelado, e os meninos conversaram um pouco mais sobre tudo o que estava acontecendo em Israel. Natã teve que admitir para si mesmo que não poderia ter amigo melhor. Anzi era tudo o que um amigo poderia ser.

– E pensar que não muito tempo atrás nós éramos inimigos! – Natã deu risada.

– É – Anzi brincou –, naquela época tudo o que eu queria fazer era brigar. Você lembra que um dia nós íamos brigar e o seu irmão apareceu?

– Lembro – Natã riu –, e o meu irmão acabou com a bagunça.

– Bem, foi bom que ele apareceu, porque eu acho que você teria me arrebatado!

– Sério? – Natã mal podia acreditar no que ouvia.

– Sem brincadeira! Quer dizer, um monte de garotos estava comigo, mas você estava louco da vida. Acho que nem um bando de cavalos teria segurado você naquele dia.

Os dois caíram na risada e em seguida sossegaram para conversar sobre coisas sérias: o quanto queriam servir a Deus, como queriam ir para a escola de profetas em Gilgal quando fossem mais velhos, e que um dia queriam se tornar profetas como Eliseu. Eles foram dormir observando a lua se movimentar lentamente pelo céu azul-escuro, e ouvindo a música dos grilos.

Os meninos levantaram cedo, na manhã seguinte, e correram até o poço da cidade para buscar água. Em seguida, sentaram-se para tomar o desjejum com Eliseu.

– Você está viajando sozinho de novo – Mara comentou ao encher um copo com suco de uva para o profeta.

– É, parece que sim – Eliseu concordou com a cabeça, adicionando algumas passas ao seu mingau de cevada. – Geazi não está comigo no momento. Portanto, vou viajar sozinho durante a próxima jornada pelo norte de Israel.

– Ele está perdendo excelentes oportunidades de passar tempo com um homem de Deus – Mara completou, erguendo a sobrancelha.

– É, acho que sim – Eliseu concordou –, mas continuam surgindo coisas que o acabam afastando. Agora mesmo, ele está em Samaria, passando alguns dias com os amigos dele na corte real. Parece que se encantaram com ele lá.

Natã pensava nesse assunto. Será que Geazi percebia o quão sortudo ele era por poder viajar com um santo homem de Deus? Eliseu era um homem importante, e alguns já comentavam que ele estava se tornando tão famoso quanto o profeta Elias. E, então, Natã lembrou-se da impressão que teve de Geazi quando eles se encontraram pela primeira vez. Será que ele estava certo sobre não poder confiar em Geazi?

– Bem, eu não quero me intrometer – Mara disse baixinho –, mas estava aqui pensando se não seria melhor você encontrar outro rapaz que fosse mais confiável, alguém que levasse mais a sério o trabalho que você realiza.

– Bem, talvez você realmente tenha razão – Eliseu concordou. – Tenho sido paciente com o rapaz. Mas, bem, as luzes do mundo brilham demais para ele às vezes. Ele queria viajar comigo, e naquela ocasião eu não tinha ninguém que me fizesse companhia; assim, não tive coragem de lhe dizer não. É verdade, ele tem mesmo algumas coisas para aprender sobre humildade e o verdadeiro significado do serviço.

## Capítulo 34

Natã mal podia crer no que ouvia. Ele estivera certo, afinal! Geazi era egoísta, convencido e preso a futilidades. Em seguida, Natã quase corou. Na verdade, ele estivera errado. Fora tentado a duvidar do bom senso do profeta em escolher um rapaz desses como seu assistente, mas aquele não era mesmo o caso. Foi um alívio saber que o profeta não havia julgado errado. Geazi foi quem se escolhera para o trabalho.

Natã abaixou a cabeça envergonhado enquanto comia seu mingau. Ele se perguntava se o profeta Eliseu sabia o que ele pensava naquele instante. Será que o profeta conseguia ler a mente das pessoas? Com a ajuda de Deus, é claro. Natã não queria pensar demais nisso, pois receava que fosse verdade, e então o profeta saberia o quão constrangido ele se sentia naquele exato momento.

– Bem, uma coisa eu posso dizer, mestre Eliseu – Mara falou em voz baixa ao servir mais mingau para os meninos. – O Natã gosta muito de estar com você e fala o tempo todo sobre suas aventuras.

– Ah, ele fala, é? – Eliseu sorriu para Natã, e isso fez o menino sentir-se ainda pior. – Que bom, Mara, pois eu tenho outra proposta para fazer.

O coração de Natã acelerou. O que será que o profeta tinha em mente dessa vez? O que quer que fosse, tinha de ser coisa boa.

– Eu gostaria de conceder ao Natã uma oportunidade de viajar comigo por algumas semanas quando eu for para o norte, para uma nova escola que estou fundando no Monte Carmelo – disse Eliseu.

Os dois meninos pararam de comer e ficaram boquiabertos.

– A escola será construída perto do local sagrado onde Elias desafiou os sacerdotes de Baal – o santo homem completou –, e eu devo passar algumas semanas com os alunos lá. Sei que Rubens não pode ir porque precisa continuar os estudos na escola dos profetas em Gilgal, mas seria bom ter a companhia de Natã durante a viagem – ele acenou com a cabeça em direção a Natã. – Natã iria se sair muito bem. O que você me diz?

– Bom, eu não sei – Mara hesitou, com os olhos arregalados de surpresa. – Ele é muito novo para ir tão longe.

– Mas pense no assunto – o profeta repetiu. – Voltarei em dois dias, daí conversamos mais sobre isso. – Ele se levantou. – E agora eu gostaria de agradecer por sua hospitalidade, Mara. Você tem sido muito gentil.

– Será que o Anzi também pode ir com a gente na viagem? – Natã perguntou timidamente, enquanto os dois meninos acompanhavam o profeta pela rua até o portão da cidade. – Quer dizer, isso se a minha mãe disser que eu posso ir, e a mãe do Anzi também deixar.

– Acho que seria ótimo! – O profeta Eliseu sorriu para Natã, e com isso foi embora.

Natã mal podia acreditar na bênção que recebera por meio dessa chance. Ele era bem jovem para poder participar de uma viagem como essa. Porém, era um aluno dedicado e também trabalhador. Eliseu estava ciente de tudo isso. Eles haviam passado bastante tempo juntos no ano anterior. O tempo é que iria dizer. Sua mãe tinha dois dias para decidir, e Natã esperava e orava para que ela dissesse sim.

Natã queria tanto viajar com o profeta! Para ele, essa era a oportunidade de sua vida; porém, não disse nada para a mãe sobre isso. Ele receava falar demais sobre querer ir com Eliseu e acabar dizendo algo que convencesse a mãe de que ele não deveria ir. Entretanto, quando o profeta retornou dois dias depois conforme prometera, Mara havia tomado a decisão de deixar o filho ir.

– Oba! – Natã gritou em direção ao céu, ao ir até o poço da cidade para buscar a água que usariam naquela tarde. Quando chegou lá, já havia começado a escurecer, e Anzi também estava lá.

– Você nunca fica cansado de buscar água do poço? – Anzi perguntou.

– Sim – Natã encolheu os ombros. – Sei que é coisa para meninas, mas acho que há muito tempo decidi que era o mínimo que eu podia fazer pela minha mãe. Ela já tem trabalho demais para ainda ter que carregar água do poço até nossa casa.

– E então, a sua mãe deixou você viajar? – Natã mudou de assunto.

Anzi abaixou a cabeça.

– Ainda não pedi para ela. Estou com medo de ela falar não. O profeta disse que ficaríamos fora por um bom tempo.

– Mas talvez não teremos essa chance outra vez, Anzi. Pelo menos peça. Talvez sua mãe deixe. Não custa tentar – Natã disse entusiasmado. – Vamos lá, vamos pedir para ela. – Ele ajudou Anzi a levar o jarro de água até a casa dele e, então, fez a pergunta.

– Isso significa muito para vocês, não é mesmo? – A mãe de Anzi examinava o rosto dos meninos.

– Sim, senhora – disse Natã –, e nós estaremos com o profeta Eliseu o tempo todo.

Ela pareceu ficar mais aliviada com essa explicação.

– Bem, eu vou sentir saudades, Anzi, mas acho que será bom para você. O profeta é um homem bondoso e tem sido uma bênção para todos nós. – Ela deu uma risadinha. – Acho que nunca pensei que algum dia iria dizer isso. Eu estava tão nervosa e amedrontada no dia do ataque das ursos! Mas, agora, entendo que Deus às vezes trabalha de formas misteriosas e percebo que as coisas não eram como pareciam ser. O mal havia dominado completamente esta cidade, e o Deus dos Céus precisava resgatá-la.

– Então, isso é um sim? – Natã perguntou esperançoso.

– É um sim. – Os dois meninos começaram a pular de alegria. – Para onde exatamente vocês irão com o profeta? – ela acrescentou.

– Vamos para o norte, passando por Siquém, e depois subiremos pela planície de Jezreel até a nova escola dos profetas no Monte Carmelo. – Os olhos de Natã brilhavam ao explicar.

– Quando vocês vão? – ela perguntou. – E quanto tempo estarão fora?

– Amanhã, eu acho.

– Amanhã? – ela quase gritou com uma voz fina.

– Sim, pelo menos foi a data que ele falou que tentaria voltar a Betel. Mas eu não sei por quanto tempo ficaremos fora. Um mês, talvez.

– Bem, então é melhor eu me apressar e ajuntar algumas coisas para vocês levarem. – A mãe de Anzi começou uma correria pela casa.

Natã deixou Anzi na casa dele e correu até sua casa para contar à mãe as novidades, e ela também passou o restante do entardecer arrumando as coisas do menino para a viagem. Ele não tinha muita coisa, mas também não precisava de muito. Eles separaram uma túnica exterior para usar no dia a dia e outra para as ocasiões especiais. Mara embrulhou junto com as duas túnicas o objeto de escrever do menino e uma tábu de barro.

– Lembre-se de orar dia e noite – ela recomendou.

– Sim, mãe. – Natã sorriu e abraçou a mãe. – Estarei com o profeta o tempo todo, e acho que ele me fará lembrar bastante disso, não é?

– Ah, é verdade! – Mara riu.

Natã mal conseguiu dormir naquela noite; ele estava tão ansioso! Ficou observando as estrelas no céu por muito tempo. Como seriam as coisas no norte de Israel? Será que as pessoas comiam as mesmas comidas? Falavam a mesma língua? Seu pensamento voava, tentando imaginar todas as coisas interessantes que ele veria e faria. E então, de repente, ele estava sonhando com a cidade de Samaria, de onde muito ouvira falar. Os muros altos de pedra e as torres que

continuavam a guardar a impressionante cidade; os guardas do palácio com armaduras lustrosas; o palácio com o piso de mármore: tudo isso parecia tão maravilhoso! Sonhou que havia ídolos em todos os lugares, nos parques e nas esquinas das ruas. Sonhou também com pessoas ajoelhadas, curvando-se para adorar a Baal. E, apesar de nunca ter visto a rainha Jezabel, ele a via agora em sonho, com aquele semblante perverso e conivente, com as pesadas joias de ouro e a maquiagem forte no rosto.

Em seguida, sonhou com a luta final no Monte Carmelo, e com o profeta Elias apontando para o céu, invocando o Deus dos Céus. Descia fogo do céu, e o brilho desse fogo quase deixou Natã cego. Porém, o sonho foi só até aí, pois de repente o sol estava brilhando no rosto do menino, e Anzi o sacudia, tentando acordá-lo.

## Capítulo 35

– Levante-se, Natã! Pare de ser preguiçoso. O profeta já está aqui, e está todo mundo esperando você!

Natã deu um pulo assustado. Ele já podia ouvir as pessoas transitando pela rua abaixo, enquanto vestia sua túnica exterior. Não podia acreditar que tinha perdido a hora! Como pôde deixar isso acontecer? De repente, um pensamento horrível lhe assaltou a mente.

*Se eu continuar fazendo coisas estúpidas como essa, talvez o profeta não vá me querer na viagem!*

– Desculpe, eu levantei tarde! – Natã disse ao descer para tomar o desjejum. – Prometo levantar cedo todos os dias enquanto estivermos viajando – ele disse ao profeta, mas nem precisava ter se preocupado.

– Eu falei para sua mãe deixar você dormir mais um pouquinho – disse o profeta Eliseu com um sorriso. – Temos um bom trajeto pela frente hoje, e vocês precisam descansar o máximo que puderem. Nós andamos por todo lugar, Natã. E, como você sabe, eu não possuo um jumento. Às vezes, o rei me empresta uma mula para viajar, mas não é sempre.

Natã não podia acreditar quão abençoado ele era por ter sido convidado a viajar com o profeta! E, para melhorar, Anzi, seu melhor amigo, ia com ele! Será que dava para ficar melhor? Natã tinha certeza de que eles seriam verdadeiramente abençoados durante toda a viagem. E também iriam se divertir.

Dentro de uma hora, os três partiram de Betel e seguiram rumo ao norte. A estrada que passava pela região superior do planalto era razoavelmente boa e bem movimentada. Atravessava o território de Efraim e passava por dentro do território de Manassés. Passava também por pomares de oliveiras, vinhas e campos de cevada. Eles passaram por pequenas cidades como Jesana, Lebona e Tapua, mas não se deram ao trabalho de parar em nenhuma delas, pois tinham o objetivo de chegar a Siquém antes de anoitecer. Em algum lugar, por volta do meio-dia, eles pararam para almoçar junto ao poço de um pastor.

Comeram o pão, o queijo de cabra e os figos que Mara guardara para eles nas mochilas que levavam aos ombros e, após uma rápida soneca na sombra de uma oliveira, eles seguiram viagem. Por volta das quatro horas da tarde, finalmente avistaram as torres de guarda de Siquém, e isso sim é que era um

vislumbre de boas-vindas! A jornada não fora árdua; porém, Natã e Anzi estavam ansiosos para descansar os pés cansados.

– Vamos dormir aqui esta noite – o profeta Eliseu informou os meninos. – Tenho assuntos a tratar com os anciãos no portão da cidade; portanto, vocês terão que ficar sozinhos um pouco. Podem ir até o mercado, mas fiquem longe de confusão. Vou terminar o que tenho que fazer antes de escurecer, e então vamos nos ajeitar para dormir.

Os garotos foram até o movimentado mercado de Siquém; contudo, não havia muita coisa para fazer lá. Portanto, eles subiram no muro a fim de observar a região campestre ao redor. Ao sul estendia-se a estrada por onde haviam chegado de Betel naquele dia. Ao leste estava o Vale do Jordão e, depois dele, viam-se as montanhas de Gileade. Ao norte localizava-se o bonito Vale de Jezreel, onde muitas guerras foram travadas, tais como a vitória de Débora e Baraque sobre o famoso Sísera, e a derrota do rei Saul nas mãos dos filisteus. Ao oeste estavam as íngremes colinas no pé da montanha que se achatavam transformando-se em uma planície costeira, e além estava o Mar Mediterrâneo.

– Faz você sentir-se orgulhoso, não é mesmo? – Uma voz trêmula surpreendeu os garotos, e eles viraram-se e viram um homem idoso se apoiando no parapeito ao longo do muro da cidade.

– Paz seja com vocês, meninos! Vocês não são daqui, são? – O homem tinha uma voz dócil, e o comentário dele foi reflexivo, como se ele tivesse todo o tempo do mundo.

– Sim, senhor! – Natã de repente ficou tímido; porém, o idoso homem parecia amigável o bastante. – Já ouvi muitas coisas sobre esta cidade – disse Natã. – Disseram que é uma das mais famosas em Israel.

– Você tem razão. Este lugar está carregado de história. – O idoso homem ergueu a bengala e apontou para a paisagem que os cercava. – Os nossos antepassados Abraão, Isaque e Jacó acamparam bem aqui nestas colinas. No princípio, quando Israel conquistou esta terra 600 anos atrás, ela era um lugar hostil. Os gigantes habitavam ao leste do outro lado do Jordão, e os cananeus dirigiam carruagens e moravam por todas estas colinas em cidades muradas.

– Estão vendo aquela colina ali ao norte? – Ele gesticulou com a bengala. – Aquele é o Monte Ebal. E bem ali atrás... – O idoso girou o braço mais ou menos ao sul até um ponto mais elevado, onde havia uma saliência proveniente do terreno ao redor. – Aquele é o Monte Gerizim. Quando Josué estava conquistando a terra de Canaã, ele levou todas as tribos de Israel ali para fazer uma aliança com Deus. Dividiu cada tribo em dois grupos e mandou que seis

ficassem ali no Monte Ebal, e as outras seis no Monte Gerizim. E então gritavam de um lado e as outras tribos respondiam do outro, e assim foram recitando a lei dada a Moisés, os Dez Mandamentos. Eles recitaram as bênçãos e as maldições, e coisas desse tipo.

– Uau! O senhor entende muito de história, não é? – Natã estava tão interessado no que o idoso falava que quase esqueceu que Anzi estava ali com ele.

– Ora, meninos, quando você serve ao Deus vivo, e Ele concede ao povo dEle uma terra para habitar eternamente, é assim que deveria ser – o ancião continuou. – Deveríamos conhecer as histórias dos nossos antepassados. Deveríamos saber o que aconteceu por aqui. Entristeço-me em dizer que não temos sido fiéis ao Senhor Deus de Israel como deveríamos, mas espero que o profeta Eliseu nos ajude nesta parte. – O idoso fez uma pausa por uns instantes antes de continuar. – Tenho tentado ser fiel, mas é difícil quando ninguém à sua volta adora a Jeová como faziam nos dias do rei Davi. Sinto-me orgulhoso e submisso ao mesmo tempo quando penso dessa forma.

– Sim, senhor, eu imagino como é. – Natã deu uma olhada para Anzi. – Às vezes, o Anzi e eu conversamos sobre isso quando estudamos os pergaminhos que o profeta Eliseu traz, mas nunca falamos muito sobre a história desta região aqui.

Natã deu uma olhada para o portão da cidade.

– Ah, olha só, Anzi. Acho que terminou a reunião do profeta. – Os dois meninos viraram-se para o idoso e curvaram a cabeça em respeito. – Temos que ir, senhor. Obrigado pelas histórias, e que a paz seja com o senhor!

– Que a paz seja com vocês! – o idoso repetiu em seguida, enquanto eles desciam rapidamente a escadaria de pedra, três degraus de cada vez.

Eliseu levou os meninos até o quarto que os anciãos lhe haviam arranjado. Os servos trouxeram bacias com água para lavar os pés empoeirados dos viajantes e, em seguida, colocaram comida para eles. Era uma comida comum; porém, Natã achou aquela refeição digna de um rei: pão; um ensopado feito de cevada e grão-de-bico; coalhada e até mesmo bolos doces e figos. Natã esfregou satisfeito a barriga quando ele e Anzi se deitaram nas esteiras para dormir. Ele pensou que iriam conversar um pouco. Tinham visto tantos territórios novos naquele dia! Porém, dentro de alguns minutos os dois caíram num sono pesado.

Todos já estavam em pé ao romper do dia e, após uma refeição de mingau de cevada e iogurte, eles deixaram a cidade. Como no dia anterior, havia muitas coisas para os meninos verem. A estrada de Siquém era cercada por pomares de

amendoeiras e romeiras, com algumas vinhas espalhadas pelo meio. Os campos de cevada estavam prontos para a colheita, e as plantações de lentilha, que ainda estavam verdes por causa das chuvas de inverno, estreitavam a estrada à medida que eles viajavam rumo ao norte.

Eles passaram pela vila de Yazid e, ao descenderem as colinas em direção à extensa e fértil planície de Jezreel, a região elevada ficou para trás. Agora, as férteis terras pastoris os saudavam com seus rebanhos de ovelhas e bodes e grandes rebanhos de gado. Lá longe, no vale abaixo, eles podiam avistar caravanas de camelos e burros que subiam as tortuosas e antigas rotas comerciais, estendendo

-se do vale do Jordão até as cidades portuárias do oeste. Mais ou menos no meio da tarde, Natã conseguiu enxergar as brancas torres de guarda de Dotã, uma cidade de porte médio, cujo caminho até lá estava coberto pela neblina.

Quando eles alcançaram o portão da cidade, a notícia da sua chegada se espalhou rapidamente. As pessoas corriam aqui e ali, gritando eufóricas com o anúncio de que o profeta Eliseu chegara à cidade. Era sensacional viajar com Eliseu, e Natã estava maravilhado com a popularidade do profeta; porém, o menino percebeu que não deveria estar. O profeta era um homem importante. Já havia realizado vários milagres incríveis e, por toda parte aonde iam, Natã descobria que a fama do profeta Eliseu estava aumentando.

Natã e Anzi beberam a água fresca do poço da cidade e então encheram os cantis feitos de pele. Deram também um pouco de água ao profeta Eliseu e, em seguida, atravessaram o portão da cidade para descansar um pouco nos bancos de pedra enfileirados ao redor dos muros. Quase que imediatamente, uma multidão alvoroçada os cercou. Muitos sorriam para Eliseu, e alguns se aproximaram tanto que conseguiram tocar o profeta, mas a maioria da multidão se mostrava muito tímida para chegar perto. Ele era um homem santo, um profeta de Jeová, e isso dava medo em algumas pessoas. Afinal, muitas delas ainda eram devotas adoradoras de Baal e Astarote.

## Capítulo 36

Logo um grupo de anciãos chegou ao portão para saudar o profeta.

– Paz seja com você – disseram eles, ajoelhando-se com o rosto no chão em sinal de respeito. Esse era um costume que tinham quando estavam diante de um homem santo como Eliseu. Afinal, ele estava rapidamente se tornando uma lenda em Israel, assim como seu precursor, Elias.

– As notícias sobre seus poderes têm se espalhado por todo o Israel – Ulão, o principal dos anciãos, disse, ainda mantendo o rosto próximo ao chão. – É com respeito e hospitalidade que o recebemos em nossa cidade. Estamos ansiosos para ter uma longa e abençoada amizade com você, mestre Eliseu.

O profeta abaixou até o ancião e o levantou, e os outros anciãos também hesitantemente se colocaram em pé.

– Eu sou apenas um servo do Senhor. – Eliseu curvou a cabeça em respeito. – Estamos todos empenhados em trazer de volta a glória de Deus à nossa grande nação. Vamos lá, vamos todos nos sentar aqui. – Ele apontou em direção aos bancos de pedra enfileirados na parte interior dos muros, próximos ao portão. – Estou a serviço de vocês. Diga-me, Ulão, do que é que esta cidade precisa?

Natã puxou Anzi para um lado, para que eles saíssem do caminho dos adultos. Natã estava maravilhado ao ver como funcionavam as coisas quando se era famoso como o profeta Eliseu. Por onde quer que o profeta fosse, as pessoas esperavam algo dele. Sempre vinham “em paz”, mas quase sempre pediam algum tipo de ajuda e, desta vez, não foi diferente.

– Ó, homem de Deus, é verdade... Você leu a nossa mente – Ulão confessou. – Viemos para lhe pedir um favor.

– Eu sabia! – Natã murmurou para Anzi em voz baixa. Era mesmo maravilhoso que mais e mais pessoas surgissem de todos os lugares em busca do profeta. Mas será que elas realmente queriam aquilo pelo qual o profeta lutava? Natã deu uma olhada para o mercado, que ficava nos limites do portão da cidade. Ele observou os postes esculpidos dedicados a Astarote e pequenos santuários a Baal. Parecia que Deus não era adorado nessa cidade. É claro que sabiam que tipo de profeta Eliseu era. Mas será que realmente se importavam com o que Eliseu defendia? Ou apenas estavam ali fora para se aproveitar dos poderes extraordinários de Eliseu?

Natã lembrou-se do que o profeta fizera por ele e por sua família em Betel. O milagre do azeite que não cessava ainda estava fresco em sua mente, e ele percebeu que precisava ser menos crítico, julgar menos e ser mais misericordioso. O Deus dos Céus estava trabalhando por intermédio do profeta Eliseu, fazendo milagres para o povo de Israel; talvez essa fosse a única maneira de despertar a atenção do povo. Quem sabe assim, por meio desses milagres a eles concedidos como um presente de Jeová, o único Deus verdadeiro, todos eles viessem a conhecer o verdadeiro poder que transforma vidas.

– Mestre Eliseu! – Ulão disse abatido. – Bandos de sírios têm assaltado a nossa região campestre. Eles descem inesperadamente e atacam um povoado, roubando nosso gado e nossas ovelhas, nossos cereais e, às vezes, até mesmo nossos filhos. – Ulão fez um grande e brusco movimento com seu braço. – E então eles tornam a fugir, cruzando o Jordão e subindo rumo ao Norte, passando pelo Mar de Quinerete. Às vezes, eles vêm no meio da noite; outras vezes, pouco antes do amanhecer. E ultimamente eles estão ficando ainda mais atrevidos, geralmente assaltando em plena luz do dia, quando os homens estão nos campos trabalhando. E parece que o rei também não consegue fazer nada por nós! O que podemos fazer? – Ulão estendeu as mãos, suplicando. – Ajude-nos, mestre! Você é a nossa única esperança agora!

– Fico feliz em ajudar de qualquer maneira que eu puder. – Eliseu olhou atentamente para Ulão. – Mas primeiro há uma coisa que vocês precisam saber. – Ele deu uma olhada ao redor para o círculo de anciãos. – Não sou eu que vou ajudar vocês. É o Senhor, o Criador dos Céus e da Terra. Ele é o único que tem poder para livrar vocês dos inimigos e trazer a verdadeira paz para Dotã.

– Assim seja! – ouviu-se uma onda de vozes do círculo de anciãos, à medida que todos eles concordavam com a cabeça.

– Se vocês querem a bênção do Senhor, primeiro precisam estar dispostos a obedecer aos mandamentos dEle. É isso que Ele deseja de vocês – Eliseu disse com autoridade. – Infelizmente, não é o que vocês têm feito aqui em Dotã. Vejo postes de Astarote em muitas esquinas e também santuários a Baal. – O olhar do profeta era sério. – Esses ídolos são uma forma corrompida de culto e requerem sacrifícios que não fazem parte do plano de Deus. Eles exigem que vocês participem de perversos e depravados festivais. Vocês comem animais que são abomináveis diante do Senhor. Há bebedices por toda parte nas ruas, e frequentemente ocorrem brigas e algazarras. Os homens são infiéis para com as esposas, e muitas de suas filhas têm dançado diante de Baal, desonrando o Senhor nosso Deus. Isso não é bom! – Eliseu agora falava firme

como um toque de trombeta. – O Senhor não pode abençoar vocês enquanto essas coisas desprezíveis acontecem na cidade. Ele não os protegerá dos inimigos a não ser que vocês se livrem de toda má influência em Dotã! – Eliseu falou claramente, e assim todos puderam ouvir, até as pessoas que estavam lá atrás, no fim da multidão. Alguns tinham no rosto uma expressão de preocupação, porém outros pareciam estar irados, e alguns começaram a empurrar a multidão para sair.

– Tudo o que você disser, faremos mestre – Ulão afirmou, concordando rapidamente com a cabeça. – Faremos qualquer coisa! Apenas nos ajude a livrar-nos dos inimigos ladrões.

– Não! – Eliseu disse com firmeza. – Não sou eu que dito as regras! É o que Jeová, o único Deus verdadeiro, manda!

Ulão deu uma olhada ao redor do círculo, examinando amedrontado a multidão. – Tudo o que o Senhor mandar, nós faremos – prometeu solenemente, e um coro de anciãos juntou-se a ele com um caloroso “Amém”.

– Então está bem. – Eliseu ficou de pé e apontou para um poste-ídolo que estava próximo, esculpido com a imagem de Astarote. – É de coisas assim que estou falando. Vocês devem derrubá-lo! Levem-no para fora do muro da cidade e o queimem. E façam a mesma coisa com cada poste-ídolo da cidade, queimando todos. Não deixem que fique nenhum! – Um burburinho subiu ao ar naquela tarde, e o rumor de vozes ficava cada vez mais alto.

Ulão fitou Eliseu assustado, com uma expressão de preocupação no rosto.

– Mas, mestre, muitas pessoas têm adorado esses deuses a vida toda. Os postes-ídolos de Astarote estão em todo lugar, e dependemos deles para que os nossos campos e vinhas sejam abençoados. Não podemos viver sem eles.

– Então não esperem que Jeová, o único Deus verdadeiro, livre vocês dos sírios. Aliás, nem dos moabitas, nem dos amonitas. – O profeta Eliseu sentou-se calado, e Natã achou que a discussão havia acabado. O menino deu uma espiada na multidão. Alguns ainda pareciam irados, porém a maioria parecia amedrontada.

Um burburinho de vozes continuou à medida que todos os anciãos se inclinaram, ajuntando-se em círculo para uma reunião. Natã e Anzi se entreolharam, curiosos por saber o que aconteceria em seguida. O que será que os anciãos iriam falar para Eliseu? Será que iriam mandá-lo embora da cidade?

Finalmente, após discutirem por vários minutos em voz baixa, Ulão falou novamente.

– Não temos escolha. Será como você disse, mestre Eliseu. Devemos

derrubar os postes-ídolos de Astarote. – Ele disse essas palavras de forma pausada, como se o próprio som delas decretasse a condenação daquele povo.

– Muito bom! – disse Eliseu, erguendo a cabeça outra vez. – Mas isso não é tudo. Vocês também devem destruir todo altar de adoração a Baal nesta cidade! Recolham os ídolos das esquinas das ruas e dos santuários. Façam com que todos tragam também aqueles ídolos que possuem em casa. Tragam-nos até o portão da cidade, e vamos destruí-los juntos. Peguem aqueles ídolos de madeira e queimem-nos no vale fora da cidade. Os de pedra vocês devem esmagar em pedacinhos, e aqueles de prata, ouro e ferro vocês devem derreter e depois triturá-los até virarem pó!

Essa declaração fez com que gritos furiosos irrompessem da multidão. Os indivíduos que estavam ao redor do portão da cidade começaram a empurrar e atropelar os outros, aproximando-se do grupo de anciãos que estavam sentados com Eliseu. Porém, de repente, Ulão e outro ancião ficaram em pé e levantaram as mãos pedindo silêncio. A multidão parou de gritar; no entanto, continuou a conversar, e então foi lentamente se acalmando até que todos ficaram calados outra vez.

– Esse negócio está ficando sério! – Natã cochichou para Anzi. – Agora tudo pode acontecer. – Os meninos oraram ao Deus dos Céus pedindo ajuda.

## *Capítulo 37*

– Povo de Dotã! – Ulão gritou. – O que estão fazendo? Nós já temos problemas demais para vocês nos sobrecarregarem ainda mais. Este é um santo homem de Deus, um profeta do Senhor. Ele não veio até nós em busca de ajuda. Nós é que solicitamos seu auxílio, e ele bondosamente nos ofereceu seu conselho. O mestre Eliseu está dizendo que, se quisermos a bênção do Senhor e que Ele impeça nossos inimigos de nos aniquilarem, devemos fazer conforme o Senhor ordenou.

Ulão virou-se para o ancião que estava em pé ao seu lado.

– O Maquir aqui também é um ancião de Dotã, e ele tem uma triste história para contar, história esta que alguns daqui da multidão estão cientes. Muitos de vocês sabem que o filho dele mora na aldeia de Ibleã, que fica ao norte daqui. Quando os bandos itinerantes de sírios vieram no mês passado, a filha e o neto dele estavam entre os que foram capturados e executados. Eu sei que, por causa dos ataques, alguns de vocês também estão com membros da família desaparecidos. – A voz de Ulão estava trêmula, e Maquir abaixou a cabeça em sinal de tristeza. – E, neste exato momento, pode ser que eles estejam trabalhando como escravos para os sírios! Nós não sabemos nem se eles estão vivos! – Ele quase embargou a voz, emocionado só de pensar em uma coisa dessas, e a multidão se compadeceu e ficou em silêncio. – Então, quando o profeta diz que devemos obedecer ao Senhor, ele sabe do que está falando. Meu bisavô costumava contar sobre quando ele ainda era um garoto durante o reinado de Davi. O culto a Baal e a Astarote era proibido naqueles dias, e o Senhor Deus abençoou Israel por causa disso. Todos sabem da prosperidade que a nossa nação gozou durante o reinado de Davi e de seu filho, o rei Salomão.

Ninguém na multidão se movia ou dizia sequer uma palavra.

– Então sugiro que demos uma chance ao conselho de Eliseu – Ulão falou com ênfase. – Sugiro que entreguemos os ídolos que têm afastado as bênçãos do Senhor de nossos lares e de nossas famílias. Assim, o Senhor poderá nos ajudar e nos libertar dos inimigos traiçoeiros, cruéis e ladrões que nos atacam por todo o lado.

As pessoas que estavam no portão da cidade começaram lentamente a concordar. As palavras de Ulão haviam lhes acusado a consciência. A multidão

se alvoroçou novamente, mas dessa vez parecia ser algo positivo. E, então, de repente, ouviu-se uma alta voz ressoar no ar daquela tarde.

– Sugiro que façamos conforme o profeta mandou! – Um coro de vozes juntou-se a ele, e rapidamente toda a multidão estava celebrando.

Eliseu sorriu, apontando para o céu, e gritou mais alto que o barulho da multidão. – Então vão, e que o Deus de nossos pais os fortaleça para fazerem tudo o que Ele tem ordenado!

Com isso, as pessoas se dispersaram, correndo por todas as direções para fazer a parte que lhes cabia. Algumas levaram serrotes e machados e começaram a derrubar os postes-ídolos de Astarote. Outras carregaram de casa seus ídolos de Baal e os levaram para fora do portão da cidade. Elas os empilharam no vale mais ao longe, e em seguida os queimaram ou derreteram e trituraram até virarem pó.

Natã e Anzi correram até Eliseu.

– Podemos ajudar? – eles gritaram eufóricos, mais alto que o barulho da multidão desordenada.

– Não, meninos! Não acho que seria uma boa ideia. – Eliseu puxou-os de lado. – Nunca se sabe como esse povo vai reagir. É como bater nos seus filhos por terem desobedecido – ele disse com um brilho no olhar. – Você pode bater, mas não vai querer que um estranho bata para você.

Natã sorriu diante dessas sábias palavras, e então subiu com Anzi as escadarias que levavam até o muro da cidade, para que pudessem assistir à cena de uma posição estratégica no alto. Era surpreendente ver que todos aqueles que haviam expressado seu descontentamento poucos minutos antes, agora estavam muito entusiasmados em destruir seus ídolos. A cena era eletrizante. Entretanto, a multidão parecia também um bando de vândalos em ação, e Natã deu graças a Deus porque estava observando tudo a certa distância.

Dentro de uma hora, o vale exalava fumaça, vindo das fogueiras abastecidas com os postes-ídolos de madeira de Astarote e com imagens aos deuses esculpidas em madeira. Onde antes havia imagens de Baal, agora estavam pedras esmagadas em pilhas. O ouro e a prata haviam se tornado pó e foram espalhados pela terra.

Entretanto, o profeta Eliseu ainda não havia terminado, e sua estrondosa voz foi ouvida nos ares daquele fim de tarde, enquanto ele se posicionava no portão aberto da cidade.

– Sacrifícios e adoração a qualquer deus estranho são uma abominação ao Senhor! – ele gritou com uma voz imponente. – Destruam os santuários a Baal

e também os templos dedicados a outros deuses. Não deixem que fique pedra sobre pedra. E derrubem os altares pagãos dos lugares altos das montanhas. Devemos nos livrar de toda falsa adoração em Dotã, pois assim falou a boca do Senhor.

A multidão não hesitou nem por um momento, pois todos voltaram correndo para a cidade ou para os topos das montanhas ao redor de Dotã, para executar as ordens de Eliseu. Natã estava surpreso em ver o tamanho da mudança que ocorria na cidade. Era como se o lugar estivesse sendo transformado pelo Espírito de Deus. Ele sabia que uma mudança dessas era difícil para o povo, pelo menos uma mudança que perdurasse. Nos dias seguintes, quando as coisas já tivessem se acalmado um pouco e o povo começasse a perceber o que havia feito, muitos que estavam na multidão provavelmente se arrependeriam de ter destruído seus deuses. Ficariam furiosos porque seus lugares de adoração aos ídolos pagãos não mais existiam. Porém, o que estavam fazendo naquele dia era um bom começo. De qualquer forma, Deus os recompensaria por seus esforços.

Quando o sol já havia se posto e chegara o anoitecer, todo o povo retornou para o portão da cidade, e Eliseu fez sinal com a mão para que se aproximassem.

– O Senhor fez um poderoso trabalho hoje aqui em Dotã – disse ele com a voz emocionada. – Vocês obedeceram e agora Deus responderá às orações de vocês. De hoje em diante, coloquem sentinelas em cada portão da cidade. Que todo homem mantenha sua família dentro dos muros de Dotã! Não permitam que a esposa trabalhe sozinha nos campos, e não deixem que as crianças brinquem fora da cidade. E avisem a todos para que guardem o gado próximo aos portões da cidade. Se avistarem os bandidos invasores, toquem os sinos da cidade, e cada um virá em resgate uns dos outros. Façam isso e os anjos do Senhor nosso Deus lutarão por vocês!

Os anciãos da cidade novamente curvaram-se em humilde gratidão pela ajuda de Eliseu, e outra vez o profeta tornou a levantá-los, para que ficassem em pé com ele.

– Assim como vocês, sou apenas um humilde servo do Altíssimo! – ele os relembrou solenemente. – Vocês devem adorar a Jeová e servir somente a Ele.

Então, o profeta Eliseu conduziu um sacrifício de ações de graça a Deus.

– Tragam-me carneiros dos seus rebanhos – ele ordenou aos anciãos. – Cada um de vocês deve oferecer algo ao Senhor. E tragam pães e bolos feitos com a melhor farinha. Vamos hoje oferecer um sacrifício de louvor ao Deus de

nossos pais.

Ulão virou-se para a multidão.

– Hoje é, de fato, um dia importante, meu bom povo. E os anciãos de Dotã desejam abençoar vocês também. Portanto, declaramos agora um feriado, começando hoje à noite. Amanhã haverá um banquete de ação de graças entre o povo. Tragam suas melhores oferendas em gratidão pelo extraordinário trabalho de reforma que o Senhor realizou entre nós hoje. – Ulão virou-se para Eliseu. – E o mestre Eliseu e estes dois rapazinhos serão nossos convidados especiais por causa do bem que recebemos hoje.

## Capítulo 38

A maravilhosa transformação que Deus operara em Dotã teve um fim grandioso. Natã e Anzi estavam felizes por serem tratados tão bem e sentiram-se orgulhosos de estar ali com Eliseu naquela celebração de louvor a Deus. A cidade estava purificada outra vez, e agora Deus podia abençoar sua população conforme Ele prometera na lei dada a Moisés.

E que festa grandiosa eles fizeram! Natã observava a comida que estava sendo preparada no mercado e contemplava a eira próxima ao portão oeste da cidade. Havia um saboroso ensopado de lentilhas temperado com cebola e alho-poró, que borbulhava em grandes panelas. Espalhados por sobre a mesa estavam não só todos os tipos de pães e queijos, mas também tâmaras, passas e pratos com pepinos e grão-de-bico. Levaram ainda para essa refeição figos da segunda safra da estação, e agora a carne de boi e de ovelhas estava sendo assada sobre fogueiras a céu aberto.

Os músicos levaram seus instrumentos. Todos davam as mãos e dançavam alegremente, rodopiando por aqui e ali, girando em círculos.

– Bendito seja o nome! Bendito seja o nome! Bendito seja o nome do Senhor! – todos eles cantavam, enquanto faíscas saíam das várias fogueiras e subiam até o escuro céu.

– O Senhor Deus de nossos pais esteve aqui em Dotã hoje, não é? – Natã estava perto da fogueira com o profeta, observando as pessoas se divertirem.

O homem de Deus sorriu para Natã.

– Com certeza esteve, filho, e fico feliz que vocês dois estão aqui para testemunhar isso. – Ele colocou as mãos nos ombros de Natã e de Anzi.

Natã pegou um pedaço de pão que uma serva lhe ofereceu em uma cesta, e então deu uma olhada para o profeta Eliseu. O santo homem estava vestido com o manto naquele ar fresco da noite, e o manto parecia o mesmo de sempre.

– Mestre Eliseu, onde o senhor arranjou este manto? E por que ele tem tanto poder? – finalmente o menino criou coragem para perguntar. Essa era uma pergunta que ele queria fazer havia muito tempo.

O profeta tinha um olhar estranho, como se a mente estivesse divagando bem longe.

– O mestre Elias me deu quando ele foi para o Céu – Eliseu disse devagar.  
– Na verdade, acho que ele queria me dar antes de partir, mas talvez tenha

preferido esperar. – Eliseu mirava o céu, como se estivesse revivendo aquele momento. – Meu mestre já estava desaparecendo por entre as nuvens sobre o Vale do Jordão, quando notei uma coisa esvoaçante caindo dos céus. – O profeta abaixou a voz. – Era o manto de Elias, a última coisa que ele deixou ao partir deste mundo, e eu vou tratá-lo com apreço por toda a minha vida.

Natã pensou ter visto uma lágrima nos olhos de Eliseu. Entretanto, talvez fosse apenas a maneira como a luz da fogueira refletia nos olhos do profeta.

– Sei que você anda curioso para saber sobre este manto. – Eliseu ergueu a ponta do manto cor-de-ferrugem que estava em seus ombros, e deu para Natã segurar.

– Toque-o, filho. É uma roupa comum, feita de pelos de cabra. Você fica se perguntando sobre o poder que deve haver nele, não é? De outro modo, como eu poderia usá-lo para dividir as águas do rio Jordão, correto? Tenho certeza de que muita gente tem feito essa pergunta. E sei que você pode pensar que o manto era parte da razão pela qual eu fui capaz de tornar doces as águas de Jericó, ou talvez a razão de as ursos terem atacado a gangue de garotos em Betel, sua cidade natal. Porém, não é o manto, Natã. – O profeta fez que não com convicção. – O manto não teve nada que ver com a multiplicação do azeite em sua casa, e não foi ele que fez a cabeça do machado flutuar no rio Jordão. E nem mesmo aqui em Dotã ele teve algum poder para convencer as pessoas a abandonar os ídolos delas.

Eliseu percebeu que um sorriso passou pelo rosto de Natã.

– Os poderosos feitos que você tem visto são resultado do Espírito de Deus que tem estado comigo desde que meu mestre subiu para o Céu. O mestre Elias me disse que eu receberia uma porção dobrada do poder de Deus se eu o visse ser levado em glória. – Eliseu deu uma olhada para Natã outra vez. – Você não está decepcionado, está? – perguntou ele gentilmente.

– Não, de jeito nenhum! – Natã estremeceu por dentro ao respirar fundo. – Só estou emocionado em saber que o manto era do profeta Elias, aquele que ele usou quando fez todas aquelas coisas fascinantes para ajudar a trazer o reavivamento que hoje se pode ver em Israel. Ele provavelmente estava usando o manto quando entrou no palácio para avisar o rei Acabe a respeito da seca que viria, não estava?

Eliseu fez que sim.

– Provavelmente.

– Então isso quer dizer que ele provavelmente estava vestido com ele quando se escondeu no vale junto ao ribeiro de Querite, e também quando ele

foi a Sarepta, na casa da viúva?

O profeta continuava sorrindo.

– Com certeza estava.

– Elias estava com o manto quando a viúva precisou de comida, e quando ele ressuscitou o filho dela, e quando ele foi para o monte Carmelo para desafiar Baal? E ele estava vestido com o manto quando fugiu da rainha Jezabel, quando o anjo o alimentou e quando percorreu todo o caminho até o monte Horebe?

Eliseu começou a dar uma risadinha.

– Você já adivinhou tudo, não é, Natã? – Agora Anzi também estava com os olhos arregalados.

– Bom, espero que sim! Venho pensando nisso desde o dia em que o encontrei em Gilgal e ouvi que o senhor havia dividido as águas do rio Jordão. – Natã estava mais eufórico do que nunca. – A verdade é que eu achava que essa coisa toda era algum tipo de mistério, um segredo que estava sendo guardado.

– E agora?

– Agora eu descobri que não é mistério nenhum. É apenas Deus trabalhando entre nós, esperando atento para nos ajudar quando precisarmos dEle. É o Deus de Abraão, Isaque e Jacó fazendo o que sempre quis fazer por nós, abençoando-nos e permitindo que sejamos uma bênção às outras pessoas.

– É isso aí! – O profeta Eliseu levantou a mão para o céu escuro, que estava enfeitado com pontinhos de luz.

– Nosso Deus, que habita entre as estrelas, está bem aqui entre nós. Ele é capaz e está disposto a realizar milagres por nós durante todos os dias de nossa vida se Lhe pedirmos com fé.

Anzi estava sem palavras, olhando o escuro céu para onde o profeta apontava. Por fim, ele ousou falar; porém, mal conseguiu pronunciar as palavras.

– Nunca mais serei o mesmo enquanto eu viver! – Ele sussurrou reverentemente enquanto as estrelas piscavam e cintilavam na escuridão acima. – Tanta coisa aconteceu, e agora estou tão diferente do que eu era quando costumava andar pelas ruas de Betel procurando confusão. Agora tudo o que eu quero é ir para a escola de Gilgal ou Betel, e algum dia me tornar um servo de Deus. Quero servir a Jeová por toda a minha vida!

Natã sabia que eles eram muito abençoados por conseguir viajar com o profeta Eliseu. E Anzi estava certo. Tanta coisa havia acontecido ultimamente! Aquele dia tinha sido o melhor de todos até então.

O povo de Dotã fora abençoado. Porém, Natã pensava que eles realmente não faziam ideia de quão favorecidos eram. Agora, as ruas estavam vazias, sem nenhum ídolo a Baal e a Astarote. Dotã se livrara das más influências desses deuses estranhos, e as pessoas tinham a consciência limpa outra vez.

Ele realmente ficou contente pelo que havia acontecido ali em Dotã. Sabia que Anzi tinha aprendido algumas lições das quais jamais se esqueceria. E o profeta Eliseu estava feliz também, ao observar as pessoas celebrarem a nova liberdade no culto a Jeová. Mas o melhor de tudo era que Natã sabia que os anjos no Céu sorriam ao assistir não apenas uma única pessoa, porém uma cidade inteira em Israel se arrepender de seus perversos caminhos e voltar a cultuar Jeová, o único Deus verdadeiro.

# CPB NA INTERNET

FAÇA SUAS  
COMPRAS COM  
COMODIDADE

APROVEITE  
PROMOÇÕES  
EXCLUSIVAS

LIVROS, REVISTAS,  
AUDIOLIVROS,  
CDS E DVDS

CONECTE-SE  
ATRAVÉS DAS NOSSAS  
REDES SOCIAIS COM  
**MILHARES**  
DE SEGUIDORES

ACESSE AGORA



[www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)